

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

VANESSA MARTINS DIAS

**“INSERÇÃO ÀS AVESSAS”:
a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)**

**FRANCA
2010**

VANESSA MARTINS DIAS

**“INSERÇÃO ÀS AVESSAS”:
a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientador: Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira

**FRANCA
2010**

Dias, Vanessa Martins

Inserção às avessas : a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955) / Vanessa Martins Dias. –Franca : UNESP, 2010.

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História,
Direito e Serviço Social – UNESP

1. Imigração espanhola – História – Franca (SP). 2. Imigrantes espanhóis.

CDD – 325.10946

VANESSA MARTINS DIAS

**“INSERÇÃO ÀS AVESSAS”:
a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção do título de mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente:_____

1º Examinador:_____

2º Examinador:_____

Franca, _____ de _____ de 2010.

*Aos meus avós Antonio Martins
San Juan e Inocência Maiorquin
Rodrigues.
In Memoriam.*

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira pela orientação, dedicação e amizade.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

À minha família, em especial à minha mãe, por me mostrar carinhosamente, através da convivência diária, o real e verdadeiro sentido da palavra “Amor”.

Aos amigos que me acompanham desde a graduação: Carlos “Patrocínio”, Geraldo, Luis Otávio “Tatau”, Michele, Elena, Carol “Beraba”, Adriano “Bozó” pelo apoio, companheirismo e pelos grandes momentos de alegria que me proporcionaram e aos que ainda virão.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal: Graziela, Maria Consuelo, Wanderlei, Maria, Thiago e Vítor, pela grande contribuição com a pesquisa e, principalmente, pelo carinho e amizade desses últimos anos.

Ao Vinícius de Paula que em meio a ácaros e poeiras das infindáveis pesquisas no Arquivo Histórico se tornou um amigo muito especial na minha vida.

Ao amigo e companheiro de mestrado Rodrigo Calsani que comigo partilhou de todas as etapas necessárias para a conclusão deste trabalho.

À Elisa Verona pela amizade e apoio nos momentos de alegria e nos de tristeza também.

Ao João Pedro Garcia que mesmo sem me conhecer pessoalmente enviou pelo correio a obra escrita por um imigrante espanhol para que a mesma servisse de fonte para a pesquisa, sem a qual muitas coisas sobre a imigração espanhola em Franca continuariam esquecidas.

Enfim, a todos que me apoiaram direta ou indiretamente para a realização e concretização desse trabalho.

*Sonhei e vim,
mares de Espanha, terras estranhas...*

“Sonhei” - Lenine

Resumo

Neste trabalho pretende-se realizar um estudo da imigração espanhola na cidade de Franca-SP, entre os anos de 1900 e 1955. Vários fatores, dentre eles políticos, econômicos e sociais, podem ter ocasionado a vinda desses espanhóis para as áreas do estado de São Paulo que detinham o maior cultivo de café. No entanto, grande parte deles encontrou situações distintas das que esperavam e, justamente por isso, criaram mecanismos que possibilitariam não só a adaptação em um novo território, como também a inserção e a ajuda mútua. Nesse sentido, o principal foco do trabalho está na tentativa de se aferir como esses imigrantes da colônia espanhola em Franca conseguiram se adaptar a uma nova cidade e, nesse sentido, quais foram as estratégias às quais recorreram para poderem sobreviver e se ajudarem num novo território.

Palavras-chave: imigração européia. imigração espanhola. história regional.

Abstract

This work intends to perform a study on the Spanish immigration in Franca, a city in the State of São Paulo, between the years of 1900 and 1955. Several factors, among the political, economical and social, may have caused the arrival of the Spaniards to the areas of the State of São Paulo, who owned the largest coffee plantations. However, a great part of them found situations different from the ones which they expected and, because of that, they created mechanisms which made possible not only the adaptation in a new territory, but also the insertion and mutual help. In this sense, the main focus of the work is on the attempt to measure how these immigrants from the Spanish colony in Franca could adapt themselves to a new city and, in this sense, what the strategies to which they made used to survive were and help mutually in a new territory.

Keywords: european immigration. spanish immigration. regional history.

Lista de Abreviaturas

AHMF - Arquivo Histórico Municipal de Franca “Capitão Hipólito Antonio Pinheiro”.

MHF – Museu Histórico Municipal “José Chiachiri”.

Lista de Fotos

FOTO 1 – Castro Garcia Fernandez.....	44
FOTO 2 - Andres Fernandez Garcia e família.....	45
FOTO 3 – Mateo Garcia Robles e família.....	53
FOTO 4 – Centro Español de Socorros Mútuos.....	68
FOTO 5 – Cordão de Carnaval do Centro Español de Socorros Mútuos.....	72
FOTO 6 – Hotel Francano.....	87
FOTO 7 – Hotel Francano.....	88
FOTO 8 – José Utrera Cortés.....	113
FOTO 9 – Escola Mista da Fazenda Guaraciaba.....	114
FOTO 10 – Antonio Torres Penedo.....	128
FOTO 11 – Miguel Sábio de Mello.....	131
FOTO 12- Miguel Sábio de Mello e fábrica de calçados.....	131

Lista de Gráficos

GRÁFICO 1 - Nacionalidade dos imigrantes registrados em Franca-SP.....	18
GRÁFICO 2 - Espanha: emigração e remessas.....	24
GRÁFICO 3 - Comparação entre os censos de 1890 e 1920.....	28
GRÁFICO 4 - Censo de 1920.....	29
GRÁFICO 5 - Período de chegada de italianos em Franca-SP.....	30
GRÁFICO 6 - Período de chegada e espanhóis em Franca-SP.....	31
GRÁFICO 7 - Período de chegada e profissão dos imigrantes espanhóis em Franca.....	35
GRÁFICO 8 - Período de chegada e profissão dos imigrantes espanhóis em Franca.....	36
GRÁFICO 9 - Lugar de origem dos imigrantes espanhóis fixados em Franca-SP.....	38
GRÁFICO 10 - Lugar de origem dos imigrantes espanhóis fixados em Franca-SP: Homens / mulheres	41
GRÁFICO 11 - Idade dos imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca-SP.....	42

GRÁFICO 12 - Nacionalidade do Cônjuge – Homens / mulheres.....	55
GRÁFICO 13 - Endogamia dos imigrantes espanhóis fixados em Franca-SP.....	57
GRÁFICO 14- Gêneros alimentícios – Estação Franca da Mogiana.....	106
GRÁFICO 15 – Profissões desempenhadas pelos imigrantes espanhóis em Franca-SP.....	109
GRÁFICO 16- Outras profissões desempenhadas pelos imigrantes espanhóis em Franca-SP..	115
GRÁFICO 17- Inventários de imigrantes espanhóis – Franca (1910-1955).....	122
GRÁFICO 18 – Tamanho das propriedades agrícolas pertencentes a imigrantes espanhóis Franca-SP.....	124

Lista de Mapas

Mapa 1 – Mapa da Espanha.....	37
-------------------------------	----

Lista de Tabelas

TABELA 1 – Emigrantes espanhóis com destino ao Brasil.....	22
TABELA 2 – Principais grupos de imigrantes vindos para o Brasil.....	25
TABELA 3 – Número de filhos de imigrantes espanhóis fixados em Franca-SP.....	59
TABELA 4 – Nacionalidade dos filhos de imigrantes espanhóis de Franca-SP.....	59
TABELA 5 – Diretorias do Centro Español de Socorros Mútuos.....	75
TABELA 6 – Diretorias do Hespanha F.C.....	92

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1 Espanhóis em Franca: Aspectos Demográficos.....	15
Capítulo 2 Imigrantes Espanhóis e seus meios de sociabilidade em um novo território.....	48
2.1 Endogamia e Exogamia: vínculos matrimoniais entre os imigrantes espanhóis	53
2.2 Primeiras expressões culturais espanholas em Franca: as touradas!.....	61
2.3 Sociedades mutualistas, culturais e recreativas: experiências sociais e culturais do imigrante espanhol na comunidade local.....	64
Capítulo 3 Imigrantes espanhóis, trabalho e possibilidades de ascensão.....	98
Considerações Finais	136
Bibliografia.....	140

Introdução

A imigração espanhola é um tema ainda pouco abordado dentro da historiografia da imigração para o Brasil. Considerado o terceiro maior grupo de imigrantes europeus estabelecidos no Brasil, e o segundo no Estado de São Paulo, em termos numéricos, esses imigrantes, no entanto, são objetos de poucos estudos, que tratam, em grande parte dos imigrantes italianos, deixando a cargo deste o perfil do imigrante europeu no Brasil e, mais especificamente, no Estado de São Paulo. A imigração espanhola possui especificidades que devem ser abordadas atentamente para que erroneamente os imigrantes que compuseram a força de trabalho livre do país não sejam vistos como imigrantes “invisíveis”.

A imigração espanhola também se fez presente na cidade de Franca-SP, sendo os espanhóis o segundo maior grupo de imigrantes nela estabelecidos, precedidos pelos italianos e sucedidos pelos portugueses. Vieram em busca de trabalho nas lavouras de café, mas, ao mesmo tempo, esses espanhóis se inseriram junto à população local, demográfica, cultural, social e economicamente. Desse modo, faz-se necessário aferir de que modo se deu essa referida inserção, para que se compreenda não apenas a sua forma prática, mas os mecanismos por eles usados para que essa inserção ocorresse ou não.

Sendo a inserção dos imigrantes espanhóis na cidade de Franca-SP o principal intuito deste trabalho, foi necessário usar de fontes que pudessem esclarecer e demonstrar como se deu tal questão, uma vez que apoiadas à bibliografia acerca do tema, essas fontes poderiam trazer a visibilidade a esse grupo étnico fixados na cidade e até então não estudado. Desse modo, as fontes usadas foram:

Registros Gerais de Imigrantes: feitos pela Delegacia de Polícia de Franca, entre as décadas de 1940 e 50, a partir do Decreto 3010, de 1938, do governo federal, como forma de regulamentação dos imigrantes estabelecidos em solo brasileiro. Nas cidades em que não houvesse um Serviço de Imigração para tal regulamentação, o mesmo deveria ser feito pela Delegacia de Polícia. A partir de uma análise detalhada das informações contidas nesses Registros, foi possível delinear aspectos importantes desse contingente populacional: período de chegada, região de origem da

Espanha, profissão, idade, vínculos matrimoniais, dentre outras informações possibilitaram a delimitação demográfica dos imigrantes espanhóis na cidade.

Periódicos Locais: através de jornais como *Comércio da Franca* e *Tribuna da Franca*, foi possível perceber as relações sociais que se estabeleceram entre os espanhóis e a população local. Os meios de sociabilidade usados por esses imigrantes para que pudessem se inserir, em alguns momentos, na comunidade e, ao mesmo tempo, manterem um vínculo com a sua cultura de origem como forma de pertencimento.

Almanaque Histórico da Franca: escritos anualmente tinham como objetivo fazer uma compilação histórica de Franca e seus diversos aspectos. Através deles, foi possível perceber demonstrações culturais e também profissões relacionadas aos imigrantes espanhóis.

Inventários: documentação que possibilitou aferir quais foram os bens adquiridos pelos imigrantes espanhóis e até que ponto a aquisição desses mesmos bens possibilitou uma “ascensão” social, uma vez que um dos principais propósitos da emigração era a melhoria das condições de vida e a conquista de um pedaço de terra.

Diante do exposto, o trabalho se estrutura em três capítulos. No primeiro, “*Espanhóis em Franca: aspectos demográficos*” foi abordada a inserção demográfica dos imigrantes espanhóis no contexto nacional e, mais especificamente, na cidade de Franca-SP. Fatores de expulsão, como o contexto espanhol e sua influência na emigração, fatores de atração, como a subvenção da imigração por parte do governo brasileiro, são determinantes para que se compreenda o processo imigratório como um fenômeno responsável pelo deslocamento de milhares de pessoas. Diante disso, fez-se necessário averiguar o período de chegada dos imigrantes e as profissões por eles desempenhadas de acordo com o ano de chegada, bem como a região de origem na Espanha e, principalmente, o impacto desses espanhóis na população local.

Nesse sentido, torna-se possível, através da análise quantitativa dos Registros Gerais de Imigrantes, feitos pela Delegacia de Polícia de Franca, perceber a data de chegada, periodizando os anos que correspondem à maior entrada de imigrantes, bem como o seu declínio; averiguar as regiões de origem e, desse modo, compreender as causas e influências que condicionaram a saída

desse contingente populacional da Espanha e os fatores de atração, como a política de imigração do governo Brasileiro; local de desembarque no Brasil e a idade desses espanhóis. Possibilitando, assim, não apenas um levantamento demográfico, mas também a compreensão do processo imigratório e da inserção do imigrante espanhol junto à população de Franca.

No segundo capítulo, *“Imigrantes espanhóis e seus meios de sociabilidade em um novo território”*, tratou-se da inserção cultural e social dos imigrantes espanhóis junta à comunidade local. Além da inserção enquanto população, é preciso compreender os mecanismos pelos quais os imigrantes espanhóis recorreram para se adaptar a uma nova cultura e a uma nova comunidade, sendo eles não apenas trabalhadores, mas também indivíduos sociais. A partir dessa premissa, foi analisada a inserção através dos vínculos matrimoniais e de duas associações espanholas por eles criadas na cidade: o Centro Español de Socorros Mútuos e o Hespanha F.C.. Assim, é possível observar até que ponto houve uma inserção e, em contrapartida, a preservação da cultura de origem.

A partir dos vínculos matrimoniais dos imigrantes espanhóis e das duas associações étnicas que se tem notícia na cidade, podemos aferir até que ponto houve ou não uma inserção cultural dos imigrantes espanhóis junto à comunidade local. A fundação dessas associações tinha como principal intuito a preservação da cultura de origem, além de possibilitar a inserção desses mesmos imigrantes na cidade de Franca. No entanto, algumas ressalvas devem ser feitas ao abordar tal questão. A imigração espanhola tem características específicas que devem ser levadas em consideração, antes que se conclua que essa é uma imigração “invisível”. Diferenças regionais e políticas, predomínio da endogamia e intensa participação em festas, são algumas dessas especificidades das quais o estudo se debruça ao tentar aferir em que medida esses imigrantes se inseriram na comunidade local.

No terceiro capítulo, *“Imigrantes espanhóis, trabalho e possibilidades de ascensão”* foi abordada a inserção econômica dos imigrantes na cidade, uma vez que além de se inserirem na população local, criarem mecanismos de inserção e, ao mesmo tempo, manutenção cultural, tornou-se necessário compreender se eles alcançaram melhores condições de vida, já que esse foi um dos motivos que os levaram a emigrar. A partir dos nomes contidos no Registro Geral de Imigrantes, é possível a pesquisa de inventários. Considerando que os inventários já indicam que os imigrantes conseguiram conquistar algum bem, analisou-se a situação econômica dos

imigrantes espanhóis, com o intuito de averiguar se houve ou não melhorias econômicas que possibilitassem a eles uma certa ascensão social.

A saída de seu país de origem em busca de melhores condições econômicas pode ter sido o principal propósito de grande parte desses imigrantes que fugiam das condições econômicas e sociais da Espanha. Porém, apesar de o incentivo tanto à emigração quanto à imigração estar permeado pela possibilidade de se conseguir um pedaço de terra e melhores condições de vida, é sabido que a realidade à qual muitos imigrantes se deparam foi bem diferente do que esperavam e do que pregava a apologia à imigração. Sendo assim, foi necessário analisar se esses objetivos se concretizaram e até que ponto podemos afirmar que esse mesma concretização possibilitou a ascensão social dos imigrantes espanhóis de Franca.

Em suma, a imigração espanhola em Franca e seus desdobramentos demográficos, sociais, culturais e econômicos são o principal foco do trabalho. As fontes primárias explicitadas, apoiadas na bibliografia que aborda a imigração européia e, mais especificamente, a espanhola para o Brasil, servem de fundamentação ao escopo do trabalho. O que permitiu não apenas a abordagem de um assunto ainda pouco estudado, mas principalmente a compreensão de suas especificidades.

1. Espanhóis em Franca: aspectos demográficos.

A imigração européia para o Brasil, mais especificamente para o estado de São Paulo, que recebeu grande parte desse contingente populacional, sofreu além dos impactos econômicos, já que o principal intuito da imigração era a substituição da mão-de-obra diante da abolição da escravidão, impactos sociais, culturais e populacionais. O final do século XIX e início do XX é marcado pelo grande afluxo de imigrantes de diversas regiões da Europa, tendo como grupos predominantes os italianos, portugueses e espanhóis.

As políticas governamentais acerca da imigração para o Brasil não primavam apenas pelo aspecto econômico da reposição de mão-de-obra, mas também usaram de mecanismos para selecionar o imigrante ideal, para que esse fizesse parte da população brasileira.¹ Nesse aspecto, a “raça”² branca foi escolhida e, apenas, o europeu seria capaz de corresponder às necessidades de modernização e civilização que faziam parte do projeto de constituição desse novo modelo de Estado brasileiro.³ Essa questão está atrelada à idéia de branqueamento da população brasileira que permeou a política imigratória, sendo a imigração uma possível solução para os

males do país e condição necessária para instituição de uma nova configuração social dignificadora do trabalho, que teria como consequência a prosperidade material, solucionando o problema da falta de braços, e moral, neutralizando o ócio dos livres nacionais e os efeitos nocivos da escravidão.⁴

Associados à necessidade de suprimir a carência de mão-de-obra no país, principal preocupação dos fazendeiros, os imigrantes eram, aos olhos do governo, a possibilidade de levar o país a atingir o progresso, a modernidade e a civilidade. Para tanto, partiram também de teorias

¹ RIBEIRO, Mariana Cardoso dos Santos. **Imigração e expulsão: mecanismos para a seleção de estrangeiros no Brasil** In Seminários, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p.67.

² O termo “raça” será usado para demonstrar como as diferenças culturais eram denominadas no início do século XX, quando essas mesmas diferenças eram designadas em caráter biológico, mais especificamente fenotípicas, que seriam capazes de “denunciar” o caráter humano. O termo aqui se enquadra justamente na busca de uma “raça” capaz de regenerar a população brasileira por parte do governo, que inseriu, nesse contexto, o imigrante europeu. Em contrapartida o termo também era recorrente entre os imigrantes espanhóis que buscavam valorizar sua “raça”, já que essa terminologia era recorrente nesse período. No entanto, atualmente essa terminologia caiu em desuso e os estudos antropológicos se abarcam do termo *etnia*, que abrange à língua e cultura de determinado povo ou região.

³ RIBEIRO, op cit, p.67.

⁴ GONÇALVES, Paulo César. **Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração européia para o Novo Mundo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2008, p. 145.

raciais originárias da Europa e dos Estados Unidos, cujas premissas detinham em seu discurso o branqueamento da população; ou seja, a miscigenação levaria a uma população mais clara e a imigração européia para o Brasil, consequentemente, auxiliaria na predominância de brancos.⁵ Assim, a vinda desses imigrantes europeus ocasionou mudanças econômicas, sociais, culturais e demográficas.

De acordo com Levy, a contribuição da imigração para o crescimento da população variou de acordo com o período de chegada e com a nacionalidade. No período de maior afluxo imigratório, entre os anos de 1890 e 1920, a contribuição para o crescimento populacional do país chegou a 11%.⁶ A imigração teve uma influência indireta no crescimento da população brasileira através da fecundidade das mulheres estrangeiras, uma vez que a taxa mais alta delas estaria ligada às mulheres italianas e a mais baixa às alemãs.⁷ Sendo assim, pode-se afirmar que a influência desses imigrantes no crescimento da população brasileira “tenha operado diferencialmente, de acordo com as áreas de maior concentração de imigrantes, de cada nacionalidade”.⁸

Desse modo, a análise demográfica na história deve lançar, “além dos dados tradicionalmente considerados pela demografia, todas e quaisquer fontes que possam servir ao seu escopo”.⁹ Há que se considerar, ainda, a interdisciplinaridade, uma vez que somados aos métodos e aos dados, faz-se necessário o “estudo das causas e consequências econômicas e sociais dos fenômenos estudados”.¹⁰ Nesse sentido, a observação do processo demográfico ao qual os imigrantes espanhóis se inseriram no município de Franca usará de fontes como Censos Demográficos e Registros Gerais de Imigrantes, além de fontes secundárias que permitam a compreensão dos fenômenos econômicos e sociais que ocasionaram a vinda desses imigrantes para as regiões de cultivo de café, fenômenos relacionados tanto ao Brasil quanto à Espanha.

⁵ GONÇALVES, Paulo César. **Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração européia para o Novo Mundo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2008, p. 144- 145. Nesse caso o autor faz referência a Thomaz E. Skidmore na obra *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*.

⁶ LEVY, Maria Stella Ferreira. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972)**, Revista de Saúde Pública, São Paulo, 2009, P. 68. Disponível em www.scielo.br. Acessado em 13 de Junho de 2009.

⁷ Ibid, p.68.

⁸ Ibid, p.68

⁹ COSTA, Iraci Del Nero da; MOTTA, José Flavio. **Demografia Histórica: da semente à colheita**. Revista de Estudos Populacionais, Brasília, 1997, p. 152.

¹⁰ Ibid, p.152.

Buscando, assim, mostrar o perfil desses imigrantes, partindo de informações como data de chegada, lugar de origem, profissão, dentre outras.

Os Registros Gerais de Imigrantes¹¹ foram feitos pela Delegacia de Polícia de Franca, designado como Serviço de Registro de Estrangeiros, nas décadas de 1940 e 50, de acordo com o decreto 3.010 de 1938, que afirmava que as cidades que não dispusessem de um serviço de registro de imigrantes, esse deveria ser feito pela delegacia de polícia. Durante o Estado Novo, Getúlio Vargas, em Agosto de 1938, decretou a regulamentação da entrada e permanência de estrangeiros no país, bem como sua “distribuição e assimilação e o fomento do trabalho agrícola”.¹² Além disso, havia o intuito de se preservar não apenas a constituição étnica do Brasil, mas também suas formas políticas e seus interesses econômicos e culturais. O que se pode perceber com esse decreto, conforme veremos adiante, é que o intuito de Vargas era obviamente continuar com a política imigratória, mas ao mesmo tempo, tentar frear imigrantes indesejáveis e limitá-los a partir do estabelecimento de cotas.¹³

Os Registros Gerais de Imigrantes feitos na cidade de Franca trazem informações enriquecedoras a respeito dos imigrantes, como foto, nome, nacionalidade, data e local de desembarque, cidade de residência, profissão e local de trabalho, estado civil, informações sobre a esposa ou o marido e também sobre os filhos. Além de algumas observações específicas que são particularidades de alguns registros, como atestado de miserabilidade.

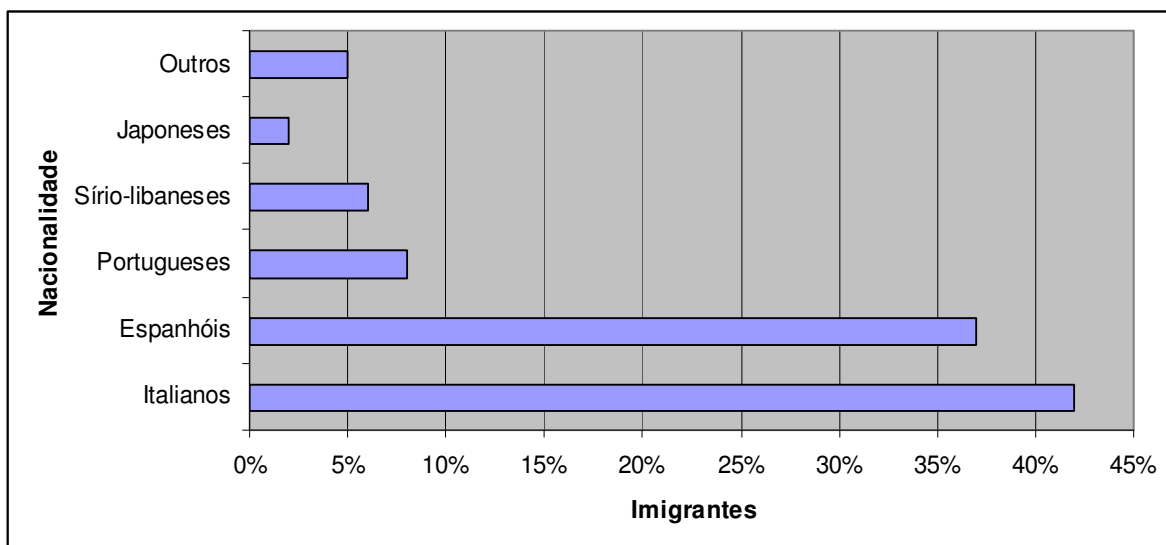
Diante de uma análise mais detalhada dos livros de Registros de Imigrantes, podem-se observar diversas informações referentes a esses espanhóis. De acordo com os registros, grande parte desses imigrantes chegou à cidade nas décadas iniciais do século XX, sendo poucos os registros em que a data de chegada ao Brasil relatada pelo imigrante remete ao final do século XIX. Dentre as atividades aqui exercidas, grande parte deles declarou-se lavradores, com algumas exceções de imigrantes que exerceram profissões como padeiro, pintor, funcionário público e religioso e, entre as mulheres, houve o predomínio da atividade definida como doméstica, o que pode ser subentendido como dona-de-casa.

¹¹ Arquivo Histórico Municipal de Franca, Livros de Registros Gerais de Imigrantes, Delegacia de Polícia de Franca (1940-50), Caixas nº 968, 969, 970, 971.

¹² DECRETO 3.010 de 1938, Artigo 1º.

¹³ Nos artigos 4º, 5º, 6º e 7º são estabelecidas as cotas de entrada de imigrantes de acordo com as nacionalidades, cota essa que não poderia ser excedida, a não ser quando uma determinada nacionalidade não atingisse seu total, podendo, então, esse restante ser usado por outra nacionalidade. O que predomina no Decreto é a preocupação de Getúlio Vargas em assegurar as integridades étnicas, sociais, econômicas e morais da Nação.

Gráfico 1 – Nacionalidade dos imigrantes registrados em Franca



Fonte: FALEIROS, Rogério Naques. *Homens do Café – Franca (1880-1920)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2002, p.69.

A expansão da cafeicultura no Brasil, associada aos problemas econômicos e sociais pelos quais a Europa passava em decorrência da crise agrária que gerou miséria e fome, fez com que milhares de pessoas buscassem novos territórios para viver. A cidade de Franca, de acordo com o gráfico 1, recebeu muitos desses imigrantes, com destaque aos italianos e espanhóis que, assim como outras regiões, também os receberam em maior quantidade. Segundo Klein, em termos nacionais os espanhóis representaram a terceira corrente migratória, mas no estado de São Paulo, ocuparam o segundo lugar.¹⁴ Diante do exposto, é possível delimitar a influência desses espanhóis na cafeicultura e na cidade propriamente dita.

Os fatores que condicionaram a vinda desses imigrantes para o Brasil são comumente tratados pela historiografia. A Espanha, no início do século XX, contava com uma população basicamente rural, de cerca de 18 milhões de habitantes, sendo um dos países menos industrializados da Europa¹⁵. A falta de perspectivas para se conquistar novas terras, associada à crise que se estendeu entre os anos de 1880 e 1910 em consequência da praga “filoxera” que prejudicou toda a região da Andaluzia oriental (Almeria, Málaga, Granada e Cadiz) e arruinou

¹⁴ KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994.p.35.

¹⁵ SOUZA, Ismara Izepe. *Espanhóis: história e engajamento*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.3.

uma massa de camponeses, motivando a emigração.¹⁶ O governo espanhol, por sua vez, via na emigração uma das soluções possíveis para amenizar a densidade populacional e o desemprego. Ao mesmo tempo, evitava-se um levante popular, tão temido pelo governo e pelas elites espanholas. O ato de emigrar se apresentava como uma forma de protesto às condições vividas por esses espanhóis.¹⁷

A emigração na Espanha tem características específicas. Além da já referida situação de miséria, os anos finais do século XIX foram tumultuados em consequência da perda de territórios coloniais, como as Filipinas, Porto Rico e Cuba. Nesse período e também no início do século XX, o êxodo aumentou pelo receio de se ter um filho ou parente convocado para a guerra, sendo esse um grande estímulo para a emigração clandestina.¹⁸ Essas questões, por diversas vezes, motivaram a emigração, seja para territórios geograficamente próximos como a Argélia, até 1895, ou para aqueles que ofereciam incentivos e subsídios, como é o caso do Brasil.

De acordo com Quintela¹⁹ a imprensa espanhola, através de seus periódicos incentivava e, de certa forma, fazia uma apologia à emigração e ao exílio, exaltando as melhorias nas condições dos portos de embarque e nas viagens, ao mesmo tempo em que se projetava no imaginário popular as grandes chances de enriquecimento na América. A emigração era incentivada pela intensa propaganda que se fazia na Espanha, pelo trabalho dos *ganchos*, homens responsáveis pelo recrutamento das famílias e, também, pelos subsídios do governo brasileiro que necessitava de mão-de-obra nas lavouras cafeeiras.

Sejam os fatores expostos acima de expulsão ou atração, milhares de espanhóis escolheram o Brasil como destino para a consolidação de novos meios de sobrevivência. Para Martinez o Brasil não foi o país escolhido maciçamente pelos espanhóis, ao contrário de outras repúblicas americanas como Cuba e Argentina. O fato de terem vindo ao Brasil está intrinsecamente relacionado à política imigratória vinculada pelo país entre os anos de 1880 e 1930.²⁰

¹⁶ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do café**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, 2002, p. 79.

¹⁷ SOUZA, Ismara Izepe. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.4-5.

¹⁸ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura (1880-1930)**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005, p.48.

¹⁹ CORBACHO QUINTELA, Antón. **Os periódicos dos imigrantes espanhóis**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. Disponível em www.scielo.br. Acesso: 20 de maio de 2008.

²⁰ MARTINEZ, Elda E. Gonzalez. **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**. p.239. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

Acreditamos que a política imigratória desenvolvida pelo estado de São Paulo foi o elemento decisivo, ao passo que os fatores de expulsão não foram relevantes. A alternativa de emigrar só foi escolhida a partir do momento em que se tornou possível fazê-lo gratuitamente. Esta foi uma característica decisiva da emigração espanhola: só iriam para as fazendas aqueles que não tinham dinheiro para comprar uma passagem que lhes permitisse emigrar para a Argentina, o Uruguai ou Cuba.²¹

Ou seja, sem os incentivos do governo brasileiro a imigração, no caso da Espanha, não teria as proporções que teve, uma vez que, por afinidade cultural, os espanhóis preferiam países como a Argentina, por exemplo. Em contrapartida, Klein²² resalta os fatores de expulsão como condicionantes ao ato de emigrar, já que poucos desejaram de forma espontânea, deixar seu país. Saem quando não têm como sobreviver com seus meios tradicionais.²³

Os fatores de expulsão são associados aos fatores econômicos. São as condições econômicas que condicionam a capacidade ou não dos emigrantes de enfrentar as situações críticas do país. Para Klein três fatores são predominantes nessa referida questão: a supressão dos tradicionais direitos de acesso à terra, que, conseqüentemente, possibilitam o acesso ao alimento; a variação da produtividade da terra, nesse caso, a modernização agrícola e o número de membros da família que precisam ser mantidos. O crescimento demográfico pressionou o setor agrícola a atender às demandas alimentares.²⁴ Sendo assim,

o aumento da produtividade e a crescente mecanização da agricultura européia significaram menor necessidade de mão-de-obra, exatamente num momento em que surgia um excedente de força de trabalho. Em virtude da falta de apoio governamental, a fome passou a ser uma séria ameaça às populações sem terra ou que possuíam terras limitadas.²⁵

Enquanto Martinez prioriza os fatores de atração, mais especificamente os subsídios do governo paulista, como determinantes à emigração em massa entre os anos de 1880 e 1930, Klein resalta os fatores de expulsão, não deixando de mencionar a terra como fator de atração para a

²¹ MARTINEZ, Elda E. Gonzalez. **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**. p.239. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, p. 251.

²² KLEIN, Herbert S., **Migração Internacional na História das Américas**, p.13. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

²³ Ibid, p.13.

²⁴ Ibid, p.14.

²⁵ Ibid, p.15.

emigração para o Brasil desde o período colonial.²⁶ No entanto, ao priorizar os fatores de atração como determinantes na escolha do Brasil como novo lugar para sobreviver, deixa-se de abordar a situação econômica e social pela qual a Europa e, mais especificamente, a Espanha passavam. Fatores de expulsão e atração foram determinantes para que esses emigrantes aqui chegassem. É notório que, se não houvesse subsídios, o número de pessoas teria sido menor, mas ao mesmo tempo se não existissem problemas sociais, como a questão da fome e do acesso à terra, não haveria motivos para emigrar.

Os números relativos à quantidade de espanhóis que deixaram seu país e vieram para a América se divergem. A emigração clandestina era uma possível saída para fugir do serviço militar obrigatório e também se livrar da burocracia praticada pelo Estado espanhol. No início do século XX, o governo espanhol limitou o pagamento de 1.500 pesetas de multa aos jovens que emigravam, com o intuito de manter no país uma população masculina capaz de defender os territórios coloniais, ao mesmo tempo, incentivava a emigração da população que não se enquadrava nesses quesitos.²⁷ Além disso, a proximidade com Gibraltar facilitou a emigração clandestina.

²⁶ KLEIN, Herbert S., **Migração Internacional na História das Américas**, p.17. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

²⁷ CÁNOVAS, Marília klaumann. **Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura (1880-1930)**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005, p.58.

Tabela 1 – Emigrantes espanhóis com destino ao Brasil

Período	Indivíduos
1882 - 1884	3.914
1885 - 1889	11.410
1890 – 1894	34.513
1895 – 1899	36.674
1900 – 1904	14.510
1905 – 1909	59.551
1910 – 1914	44.745
1915 – 1919	7.264
1920 – 1924	10.864
1925 – 1929	15.294
Total	238.739

Fonte: MARTINEZ, Elda González. O Brasil como país de destinos para os migrantes espanhóis. In Fazer a América, 2000, p.240.

A tabela 1 se refere aos emigrantes saídos dos portos da Espanha entre os anos de 1882 e 1929, em números oficiais. Observa-se um aumento na saída de espanhóis no período de 1890 e 1899, mas o quadriênio 1905-1909 registra a maior saída, com um total de 59.551 emigrados com destino ao Brasil. Porém, de acordo com Klein,²⁸ 750 mil imigrantes espanhóis, em setenta anos de emigração, contribuíram para o desenvolvimento da indústria cafeeira e “construção de uma importante economia agrícola e urbana no Estado de São Paulo”.²⁹ A imigração clandestina deve ser levada em consideração diante disso, além da possível duplicidade de nomes e informações a respeito dos imigrantes já aqui no Brasil. Sánchez-Albornoz afirma que três milhões e meio de espanhóis vieram para a América, de acordo com fontes americanas, que são superiores às espanholas. Segundo o autor, por ter havido uma imigração clandestina, por partirem de portos que não da Espanha e por haver uma duplicidade, como já foi dito, na documentação

²⁸ KLEIN, Herbert S., **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.7.

²⁹ Ibid, p.35.

americana.³⁰ Desse modo, quantificar esses imigrantes espanhóis torna-se uma tarefa limitada que não cabe aqui, já que esse não é o principal propósito da abordagem.

O fato é que a emigração causou impactos não apenas no Brasil, mas também na Espanha. Segundo Sanchez-Albornoz, a emigração criou um vazio na população, afetou a estrutura demográfica, como fecundidade, mortalidade e mercado matrimonial, apesar de afirmarem que a emigração foi uma válvula de escape demográfica e social, pois freou o crescimento da população e amenizou os conflitos sociais.³¹ Ao mesmo tempo, “sus ahoros en el Nuevo Mundo dieram lugar a cuantiosas remesas que beneficiaron en primer lugar a la balanza de pagos del país de origen. La emigracion impulso em alguna medida el crecimiento del sistema financiero español”.³²

Sob essa perspectiva, a emigração ocasionou o surgimento de um novo negócio, já que havia a disponibilidade de pessoas no Velho Mundo e a necessidade de mão-de-obra no Novo Mundo. Esse negócio uniu os dois lados do Atlântico a partir de uma rede que se fundamentava nas relações comerciais de importação e exportação.³³ Mais especificamente, havia agentes de emigração e agências de recrutamento, instituições públicas, companhias ferroviárias, companhias de colonização, bancos, casas de câmbio e hospedarias.³⁴ . Através do gráfico 2³⁵ abaixo se nota que as remesas passam a ser superiores às emigrações a partir de 1908, período de grande entrada de imigrantes espanhóis no Brasil. A emigração pode-se definir como uma empresa, que abarcou um vasto sistema de informação e transporte, gerando lucros e benefícios.³⁶

³⁰ SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. **Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988, p. 18.

³¹ Ibid, p.28.

³² Ibid, p.28.

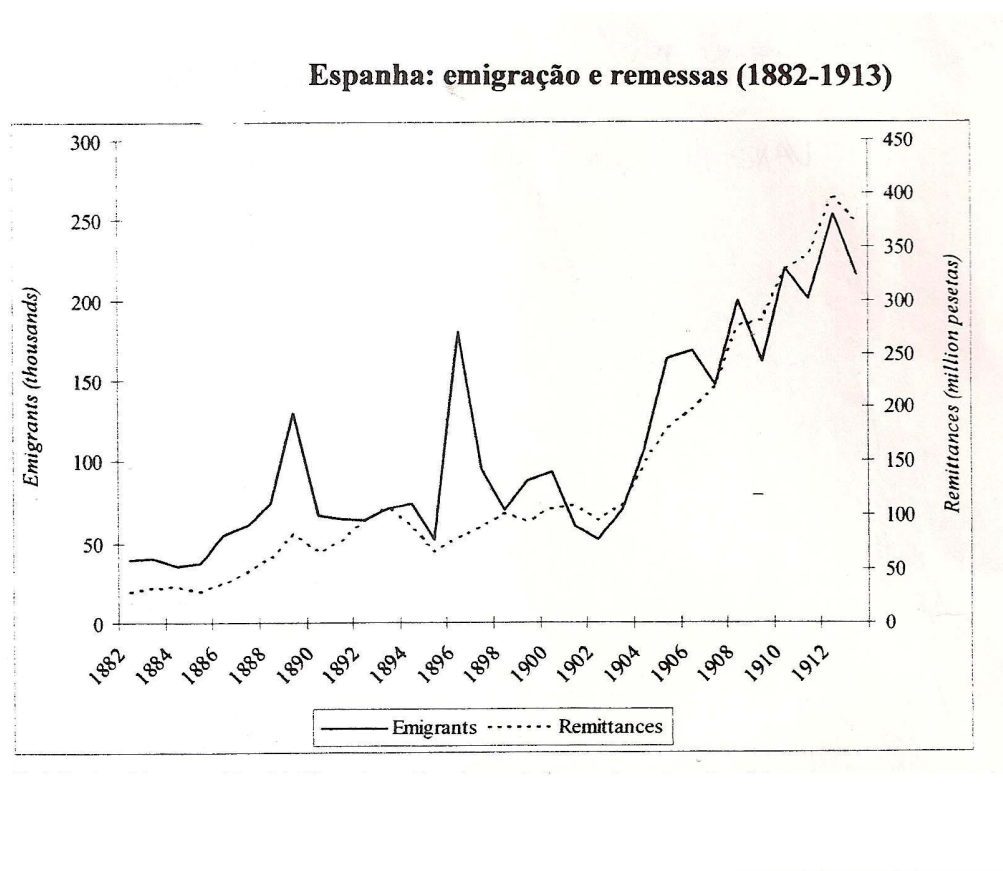
³³ GONÇALVES, Paulo Cesar. **Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração européia para o Novo Mundo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2008, p. 417.

³⁴ Ibid, p.418.

³⁵ Rui Pedro Esteves; David Khoudour-Castéras. A Fantastic rain of gold: european migrants remittances and balance os payments adjustment during the gold standard period. Universidad Externado de Colombia; University of Oxford (working paper), 2007, p.40-41, In GONÇALVES, Paulo Cesar. **Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração européia para o Novo Mundo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2008.

³⁶ SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas, **Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988, p. 17.

Gráfico 2



Fonte: nota 35.

No caso brasileiro, a própria criação da Sociedade de Imigração em 1886 elucida a importância da imigração para a elite paulista e para o governo brasileiro. Essa Sociedade Promotora de Imigração voltada para os interesses dos cafeicultores, atrelada ao governo provincial, foi capaz de gerar um extraordinário aumento da riqueza pública e particular no Estado até 1895, quando se defez e a Secretaria de Agricultura passou a cuidar de parte do programa.³⁷

A política imigratória deve ser entendida nesse contexto. A elite paulista não via a Sociedade Promotora como um grupo de interesse privado usando subsídios estatais para benefício exclusivo de um segmento restrito do corpo político. Pelo contrário era uma extensão do ramo executivo, um aparelho administrativo especial, estabelecido em circunstâncias críticas, para servir a um propósito extraordinário.³⁸

³⁷ HOLLOWAY, Thomas H., **Imigrantes para o café**. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p.67-68.

³⁸ Ibid, p.67.

Com o fim da escravidão, houve a necessidade de substituição da mão-de-obra escrava e, naquele contexto, surgiu a inserção do trabalho livre do imigrante nas lavouras de café do estado de São Paulo. As transformações ocorridas no Brasil, mais especificamente no estado de São Paulo, condicionaram o êxito na vinda desses imigrantes. O desenvolvimento da cultura cafeeira, a introdução das linhas férreas, o crescimento do mercado interno, o fim da escravidão e da Guerra do Paraguai, bem como a implantação da república, foram aspectos importantes no que diz respeito ao estabelecimento de imigrantes na já referida região.

A partir de 1884, o governo passou a se preocupar com a possibilidade do trabalho imigrante nas lavouras de café. Nesse dado momento, foi aprovada a lei que proporcionava o pagamento das despesas da viagem transatlântica de todos os imigrantes que se dedicassem à agricultura.³⁹ Antes mesmo da abolição, já havia a preocupação com a substituição da mão-de-obra nas lavouras de café. Entre os anos de 1889 e 1900, perto de 878 mil imigrantes chegaram à Província de São Paulo.⁴⁰ O incentivo à imigração europeia, tanto do governo quanto da elite cafeeira assumiu o ideal de que só o europeu, sendo branco, poderia auxiliar a nação em sua modernização e civilidade,⁴¹ ou seja, o discurso da substituição do trabalho escravo pelo do imigrante europeu era permeado também pelo discurso da superioridade racial.

Tabela 2 - Principais Grupos de Imigrantes Vindos Para o Brasil

Período	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total
1820 - 1930	1.490.364	1.341.926	579.155	100.653	4.420.890
1820 - 1972	1.629.249	1.790.314	717.424	248.007	5.601.376

Fonte: Adaptação de Maria Stella Ferreira Levy, O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 – 1972), Revista de Saúde Pública, São Paulo, Vol. 8, p.74, tabela 2.

Através da tabela 2, percebemos que os espanhóis correspondem ao terceiro maior fluxo de imigração europeia para o Brasil e segundo no estado de São Paulo. Vieram principalmente

³⁹ KLEIN, Herbert S., **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.16.

⁴⁰ Ibid, p.17.

⁴¹ RIBEIRO, Mariana Cardoso dos Santos, **Imigração e expulsão: mecanismos para a seleção de estrangeiros no Brasil**. Seminários, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p.67.

até os anos de 1930 e após a Segunda Guerra Mundial, estimulados pelo desenvolvimento da economia cafeeira e pelas guerras na Europa.⁴² Grande parte desses espanhóis já havia trabalhado no campo, eram os mais rurais entre os imigrantes europeus, não se dando tão bem nos negócios, comércio e indústria, se comparados com os italianos e portugueses.⁴³

Nesse sentido, a cidade de Franca tem, em seu histórico, a presença de imigrantes europeus que vieram para essa região trabalhar nas lavouras de café, apesar de o número absoluto desse contingente ser menor.⁴⁴ O desenvolvimento da ferrovia foi imprescindível para a expansão da cafeicultura na cidade, tendo em 1890 a consolidação do café como principal produto comercial da região. A constituição de um poderio dos plantadores de café e de uma infra-estrutura que pudesse consolidar a característica mercantil da cidade dependeu da articulação de homens influentes junto ao governo da Província, dentre eles, Estevan Leão Bourroul.⁴⁵ A ferrovia trouxe a cafeicultura capitalista para Franca e não o contrário, pois as fazendas produtoras de café existentes poderiam ser consideradas inexpressivas diante da quantidade de café que se produziria posteriormente.⁴⁶ Assim,

não foi Franca que se ligou às demais cidades pela força de seus senhores, que, àquela altura não se igualavam em expressão aos senhores do café, foi o complexo cafeeiro que projetou seus tentáculos por meio da ferrovia e fez produzir em Franca os padrões que o caracterizavam.⁴⁷

A economia de Franca era diversificada e a cidade tinha características de entreposto comercial. O cultivo do café e os trilhos da Mogiana não arruinaram com as atividades voltadas para o mercado interno. O caráter misto das fazendas foi reafirmado, uma vez que os fazendeiros preferiram manter o cultivo de produtos de subsistência juntamente com o cultivo do café, ou continuaram criando gado. As áreas de cultivo de gêneros foram mantidas, pois a necessidade de materiais básicos de consumo era crescente e, justamente por isso, plantavam-se esses produtos

⁴² KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.35.

⁴³ Ibid, p.72-74.

⁴⁴ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do café**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, 2002, p.64-65.

⁴⁵ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1869-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p.72.

⁴⁶ Ibid, p.85.

⁴⁷ Ibid, p.72.

nas leiras dos cafezais, para o consumo de colonos ou arrendatários.⁴⁸ Dessa forma, o cultivo do café dinamizou a economia de Franca, uma vez que tornou possível, através da ferrovia, o escoamento de produtos básicos como arroz, milho e feijão, ao mesmo tempo em que podiam comprar de outra região produtos como sal, por exemplo, reafirmando, através dessa dinâmica, o caráter de entreposto comercial que Franca já possuía.⁴⁹

Essa nova perspectiva a qual a cidade de Franca se inseria trazia consigo o trabalho do imigrante europeu nas lavouras de café, sobretudo italianos e espanhóis. A consolidação da cafeicultura em Franca deu-se entre 1885 e 1897, uma vez que os dados do transporte ferroviário indicam que as importações eram superiores às exportações até 1896; a partir de 1898, elas passam a ser maior⁵⁰ e o trabalho do imigrante europeu, não apenas nesse período, mas posteriormente, foi de suma importância. O Clube da Lavoura e da Imigração, que reunia homens importantes, tinha como objetivo promover a chegada de grande número de imigrantes no município e de braços para a lavoura cafeeira, com o auxílio do governo na seleção dos imigrantes desejados, como garantia de que esses imigrantes não contestariam a posição dos proprietários.⁵¹

A acumulação, devida à implantação da cafeicultura, foi possibilitada pela “inserção dos colonos e do produto resultante de seu trabalho no giro mercantil”. Isso era feito por cada proprietário e durante algum tempo eles foram os intermediários entre seus colonos e o mercado. O colono tinha como objetivo deixar as obrigações do contrato com o proprietário e buscar alternativas de ascensão social e o proprietário acumular nas transações mercantis. Diante desses aspectos, é possível compreender a mudança ocorrida com a nomenclatura de Clube dos agricultores para Clube da lavoura e comércio.⁵²

Assim, a cidade passou por transformações que não se diferem daquelas pelas quais o país passava. A introdução da ferrovia, a consolidação do cultivo do café e a mão-de-obra do imigrante europeu, como já foi afirmado acima, são exemplos dessas transformações. Assim, o papel do imigrante, no caso o espanhol, assumiu uma grande importância, já que foi um

⁴⁸ OLIVEIRA, Lélío Luiz de. **Heranças Guardadas e Transições Ponderadas: História Econômica do Interior Paulista 1890-1920**. Franca: UNESP-FHDSS; FACEF, 2006, p. 53.

⁴⁹ Ibid, p.59.

⁵⁰ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1869-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p.93.

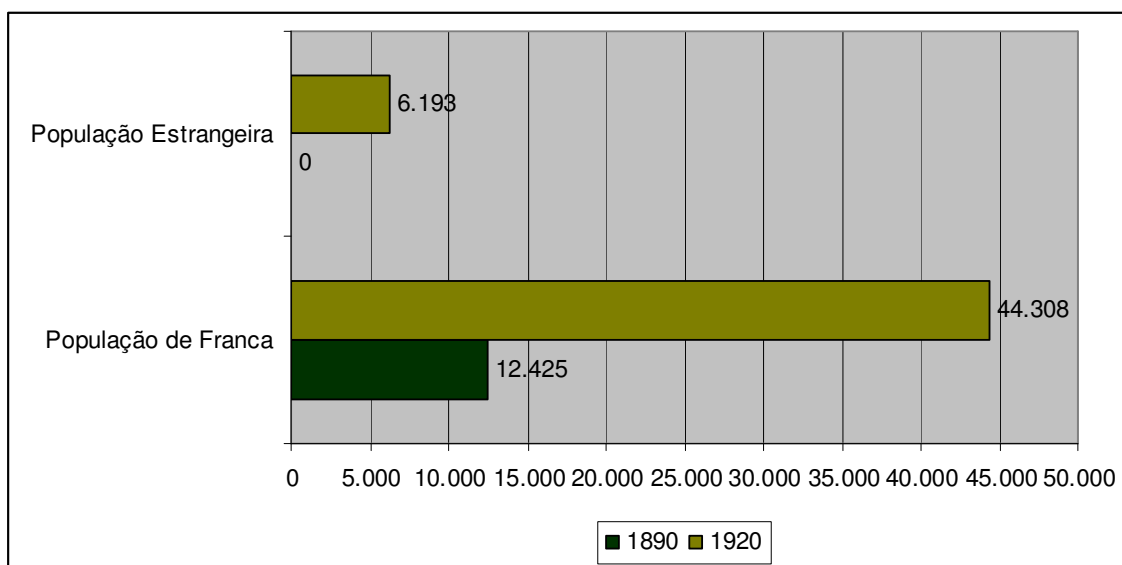
⁵¹ Ibid, p. 95.

⁵² Ibid, p.96-97.

importante personagem para a constituição da cafeicultura, bem como o desenvolvimento econômico dessa região, além das influências sociais e culturais dos espanhóis em Franca.

No que diz respeito aos imigrantes europeus que vieram para Franca, há uma divergência no número de imigrantes que chegaram na cidade de Franca de acordo com os Censos do IBGE e as declarações dos Registros de Imigrantes. O Censo de 1890 mostrou que não havia nenhum estrangeiro na cidade. Contudo, a análise dos registros de imigrantes permitiu observar que já havia imigrantes na cidade e, nesse sentido, ver a possível divergência quanto ao período de chegada desses imigrantes na cidade. Conforme o gráfico 3, a população estrangeira só passou a fazer parte do censo de 1920, quando esta assumiu uma maior representatividade, mais especificamente, quando chegou a ser quase 15% da população total de Franca.⁵³

Gráfico 3 – Comparação entre os Censos de 1890 e 1920



Fonte: Censo IBGE de 1890 e 1920. In Maria Silvia Bassanezi (org), São Paulo do passado: dados demográficos. Campinas, NEPO, UNICAMP, 1998.

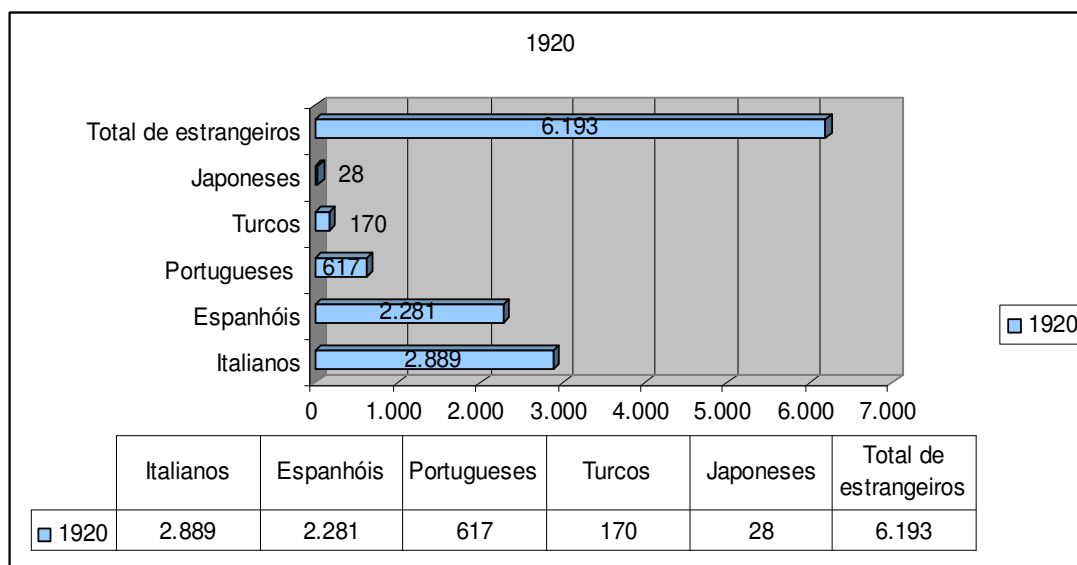
Mas, se os registros de imigrantes forem levados em consideração, o número de imigrantes, bem como as conclusões acerca da imigração europeia para a cidade de Franca e seus

⁵³ A suposição recai sobre o cálculo dos dados fornecidos pelo censo de 1920, que se referem à população total de Franca e à população estrangeira. BASSANEZI, M.S.C.B.(org) **São Paulo do passado: dados demográficos**. Campinas, NEPO, UNICAMP, 1998.

reflexos na economia e na cultura local adquirem um novo viés. De acordo com Faleiros⁵⁴, uma fonte mais específica como os registros de imigrantes são mais concretos e, por isso, podem apontar diferenças consideráveis.

Diante dessa premissa, Faleiros faz o cruzamento entre os dados do censo de 1920 e os dados dos registros de imigrantes, a partir da análise de Camargo⁵⁵ e, nesse aspecto, “encontra-se uma concordância quase que total entre as fontes cujas variações não ultrapassam 1% ou 2%, exceção feita aos italianos que para Camargo compunham aproximadamente 47% do contingente imigrante do município, e para nós, embasados no Registro Geral, 42%”.⁵⁶ O gráfico 4 demonstra a quantidade de imigrantes, de acordo com a nacionalidade, chegados a Franca, partindo principalmente dos dados do censo, onde italianos e espanhóis representam as duas maiores etnias na cidade.

Gráfico 4 – Censo de 1920



Fonte: Censo de 1920. Fonte usada também por Camargo e objeto de comparação entre os Registros Gerais e o Censo para Faleiros.⁵⁷

⁵⁴ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do café**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, 2002, p.68.

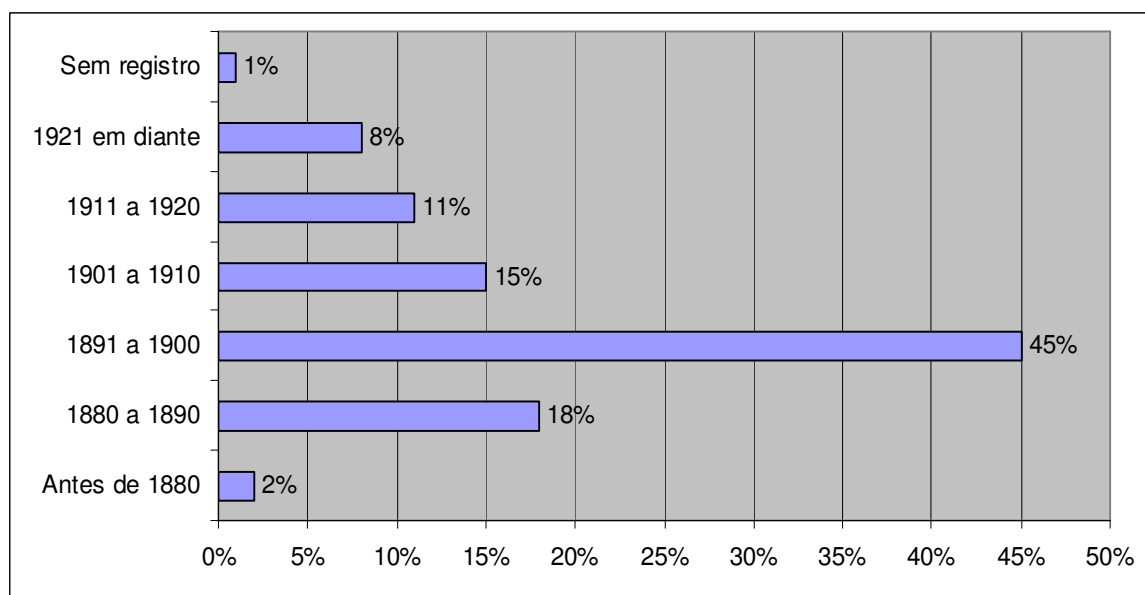
⁵⁵ CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população do estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. A abordagem de Rogério Naques Faleiros é feita a partir dessa referida análise a respeito da população do estado de São Paulo.

⁵⁶ FALEIROS, op cit, p.68.

⁵⁷ BASSANEZI, M.S.C.B.(org) **São Paulo do passado: dados demográficos**. Campinas, NEPO, UNICAMP, 1998.

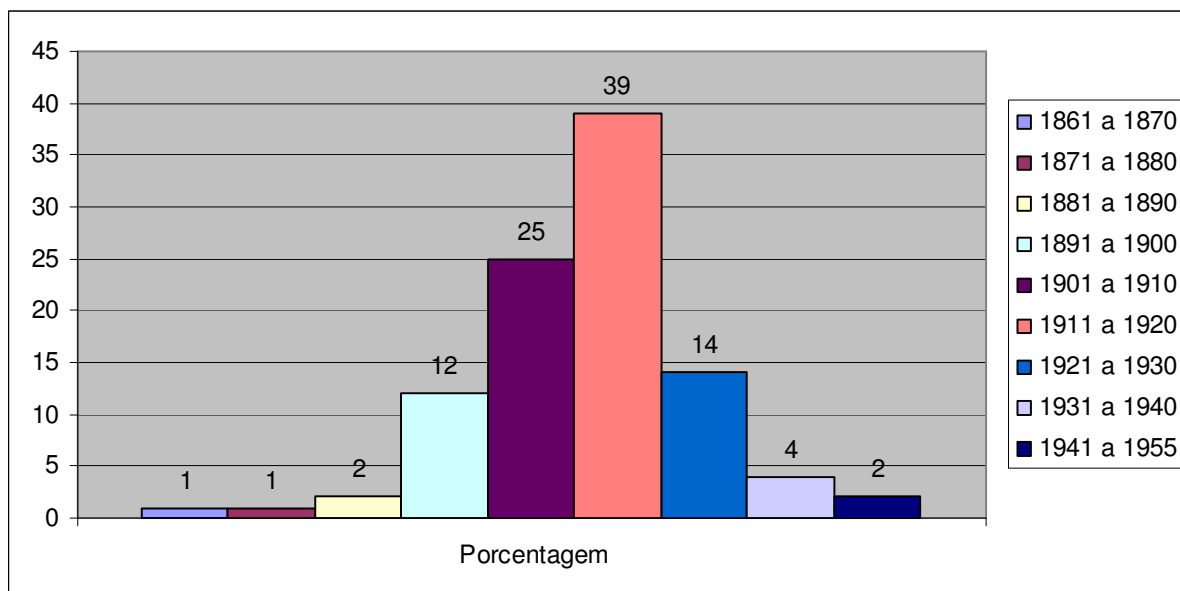
Na cidade de Franca, os fluxos e períodos de imigração não contrariam os índices do país. A imigração italiana ocupa numericamente o principal grupo de europeus na cidade, seguidos pelos espanhóis e, como já foi afirmado anteriormente, os espanhóis chegaram na cidade tardiamente. Através dos gráficos 5 e 6, é possível uma comparação entre esses dois grupos étnicos. Cerca de 45 % dos italianos chegaram entre os anos de 1890 e 1900, enquanto entre os espanhóis predominou o período de 1911 a 1920, quando 39% deles declararam ter chegado. Ambos coincidem no período de declínio da imigração para a região cafeeira, quando a partir da década de 1920 começam a diminuir os fluxos.

Gráfico 5 – Período de Chegada de Italianos em Franca



Fonte: FALEIROS, Rogério Naques. Homens do café. – Franca (1880-1920). Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2002, p.73.

Gráfico 6 – Período de Chegada de Espanhóis em Franca



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca. Registro Geral de Imigrantes, amostragem de 347 Registros de Imigrantes (1940-50), Caixas nº 968 a 971.

O gráfico 6, representativo do período de chegada dos imigrantes espanhóis em Franca, obtido a partir das informações contidas nos Registros Gerais de Imigrantes, possibilita a periodização e reflexos dos momentos de maior entrada de espanhóis na cidade. De acordo com a tabela, percebemos que o ápice da imigração espanhola deu-se nas primeiras décadas do século XX, período em que o cultivo do café já havia se consolidado, principalmente entre os anos de 1911 e 1920, quando quase 40% dos espanhóis alegaram ter entrado em Franca.

A trajetória do imigrante espanhol se difere do italiano, uma vez que a imigração espanhola é uma imigração tardia. O imigrante espanhol destinou-se a substituir o imigrante italiano que retornava ao seu país ou que deixou de vir para o Brasil no início do século XX⁵⁸ diante da proibição da imigração italiana subsidiada pelo governo brasileiro, a partir do Decreto Prinetti de 1902, que provocou a queda na entrada de imigrantes italianos no Brasil e o consequente crescimento de imigrantes espanhóis a partir dessa data.⁵⁹

⁵⁸ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 6. .

⁵⁹ HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 72-73.

No entanto, a repercussão negativa da imigração ao Brasil fez com que, em 1910, o governo espanhol a proibisse através de decreto, que “incidia apenas sobre a de natureza gratuita e resultara de relatório do inspetor enviado pelo Conselho Superior de Emigração de Madri acerca das condições dos imigrantes aqui instalados”.⁶⁰ A negociação entre Espanha e Brasil se desenrolou até o ano de 1913. No entanto, essa proibição não teve o desfecho almejado pelo governo espanhol, uma vez que esse foi um período de grande entrada de imigrantes no Brasil, o que é notório no gráfico 6. A imigração clandestina deu-se, em grande parte, pelo estreito de Gibraltar. Segundo Martinez chegava-se a Gibraltar por dois caminhos, aqueles que vinham das províncias e de Murcia iam de barco até o porto Mayorga, já os do interior da Península viajavam de trem até San Roque.⁶¹ Outro fator condicionante da imigração, subvencionada ou clandestina, foi o temor do recrutamento militar para a Guerra de Marrocos.

O declínio da imigração espanhola para o Brasil pode estar relacionado ao decreto 3010 de 1938 e também à Guerra Civil Espanhola. De acordo com Souza⁶², os espanhóis que lutaram ao lado do republicanismo passaram a sofrer perseguições políticas do governo franquista que os via como inimigos a serem “eliminados”. O Brasil a partir de 1940 passou, em contrapartida, a restringir a imigração espanhola por acreditar que havia uma ameaça comunista nesses imigrantes que tinham a necessidade de buscar exílio na América. Na cidade de Franca, ocorreu, nesse momento, a entrada de religiosos, que vinham para o “Seminário Nossa Senhora Aparecida”. O decreto de 1938, por sua vez, estabeleceu quota de entrada de imigrantes, independente da nacionalidade, desde que viessem para desempenhar o trabalho agrícola. O artigo 30 do referido decreto colocou que a entrada do imigrante seria permitida se o mesmo não tivesse “conduta nociva à ordem pública, à segurança nacional ou à estrutura das instituições”.⁶³ “Essa ‘legislação intolerante’ está intimamente ligada à presença do imigrante no Brasil, avaliado por sua conduta política ou moral: o Estado decidia quem poderia entrar ou permanecer no país”.⁶⁴

⁶⁰ CANOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.56.

⁶¹ MARTÍNEZ, Elda E. González, **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999, p. 243.

⁶² SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.21.

⁶²Ibid, p.18

⁶³ Decreto 3010 de 1938. ARTIGO 30 . parágrafo b.

⁶⁴ RIBEIRO, Marina Cardoso dos Santos, **Imigração e expulsão: mecanismos para a seleção de estrangeiros no Brasil**. Seminários, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p.69.

A Guerra Civil Espanhola e seus desdobramentos não incidiram apenas no que diz respeito à entrada de espanhóis no país, mas teve reflexos também na permanência ou não desses imigrantes no país. As suas associações foram alvo de perseguição durante a guerra civil, quando em 1937 foi determinado pelo governo o fechamento das associações espanholas do Estado de São Paulo.⁶⁵ Mesmo que os espanhóis tenham sido, em certa medida, um grupo de fácil assimilação cultural e desejável diante do projeto de branqueamento da nação, suas associações foram alvo de repressão:

a justificativa para a repressão não passava pela questão da raça e sim pelo ideário político defendido pelos membros de algumas associações, dentre as quais, os centros republicanos, de tendência marcadamente liberal e esquerdista. Além disso, o discurso policial sobre os espanhóis incidia no fato de que alguns deles estariam exercendo influência negativa sobre os trabalhadores brasileiros, induzindo-os à prática revolucionária.⁶⁶

Ao contrário do que os estudiosos da imigração espanhola para o Brasil costumam enfatizar, o município de Franca não sofreu a influência dos dois principais períodos de fluxo migratório para o país, que estariam relacionados às primeiras décadas do século XX e o outro depois da segunda Guerra Mundial. Quanto ao primeiro, a cidade teve como principal período os anos de 1911 a 1920. No entanto, o período do pós-segunda guerra é marcado pelo declínio da imigração para a cidade, contando com pouco mais de 2% dos registros. A explicação plausível pode estar ligada ao fato de que a lavoura cafeeira já não oferecia tantos atrativos aos imigrantes espanhóis que consequentemente se fixaram nos grandes centros urbanos em busca de outras formas de trabalho, uma vez que o próprio governo brasileiro que, inicialmente, buscava agricultores para o café, então almejava mão-de-obra que auxiliasse o país a sair do “atraso”.⁶⁷

Após o fim do governo Vargas, a preocupação em relação ao imigrante passou a ser, mais uma vez, a necessidade de mão-de-obra especializada para o trabalho na indústria. A partir de 1945, os decretos do governo federal passaram a se recair novamente sob a política de imigração. O artigo 2º do decreto nº 7967 coloca a imigração como necessária à manutenção da composição

⁶⁵ SOUZA, Ismara Izepe de, **República espanhola: um modelo a ser evitado**. Inventário DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001, p.41.

⁶⁶ Ibid, p.50.

⁶⁷ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.21.

étnica da população, assim como a defesa do trabalhador nacional.⁶⁸ Mais uma vez a imigração faria parte do discurso governamental como solução para o atraso brasileiro, principalmente no que diz respeito ao “Brasil Moderno”, sedento de industrialização e modernidade, fundamento das políticas econômicas de Dutra, Vargas, Kubistchek, Jânio Quadros - João Goulart.⁶⁹

Diante disso, as profissões ocupadas pelos imigrantes espanhóis no período que se estende do pós-segunda guerra mundial até a década de 1970, variam em relação ao período denominado “grande imigração” de 1880 a 1930, uma vez que as condições e as necessidades tanto do Brasil quanto da Espanha, no pós-guerra, são distintas daquelas já mencionadas anteriormente. A Espanha teve uma trajetória distinta no pós-guerra se comparada às demais nações européias, pois esteve fora do Plano Marshal justamente por ter uma posição pró-eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Há que se considerar, no entanto, que a situação econômica não era tão diferente do primeiro período migratório: havia fome, desemprego e o autoritarismo de Franco, consolidado na Guerra Civil Espanhola.⁷⁰

O perfil do imigrante mudou, ao mesmo tempo em que a sua ocupação profissional no Brasil também mudou. Na cidade de Franca, a partir dos Registros Gerais de Imigrantes, foi possível analisar a mudança das profissões desempenhadas pelos imigrantes de acordo com o seu período de chegada na cidade. O período compreendido entre os anos 1890 até a Segunda Guerra Mundial é marcado pela presença maciça de lavradores, apesar de as profissões desempenhas serem diversificadas. Até a década de 1930, com ápice entre os anos de 1911 a 1920, os lavradores assumiram o primeiro lugar dentre as profissões. Porém, a partir de 1931, o perfil começou a mudar, com a entrada de religiosos, sobretudo no período da Guerra Civil Espanhola, perceptível no gráfico 7.

O gráfico 8 ressalta as profissões que, em número menor, também foram praticadas pelos espanhóis na cidade. Destacam-se os registros em que os imigrantes se declaram verdureiros, pedreiro, ferroviário, maquinista, pintor mecânico e carpinteiro. Os gráficos partem da análise de 128 registros de imigrantes, exclusivamente dos homens, já que nos registros das mulheres a grande maioria declarou ser dona de casa. A partir desses gráficos referentes às profissões e ao período de chegada, pode-se supor não apenas a variedade de profissões desempenhadas pelos

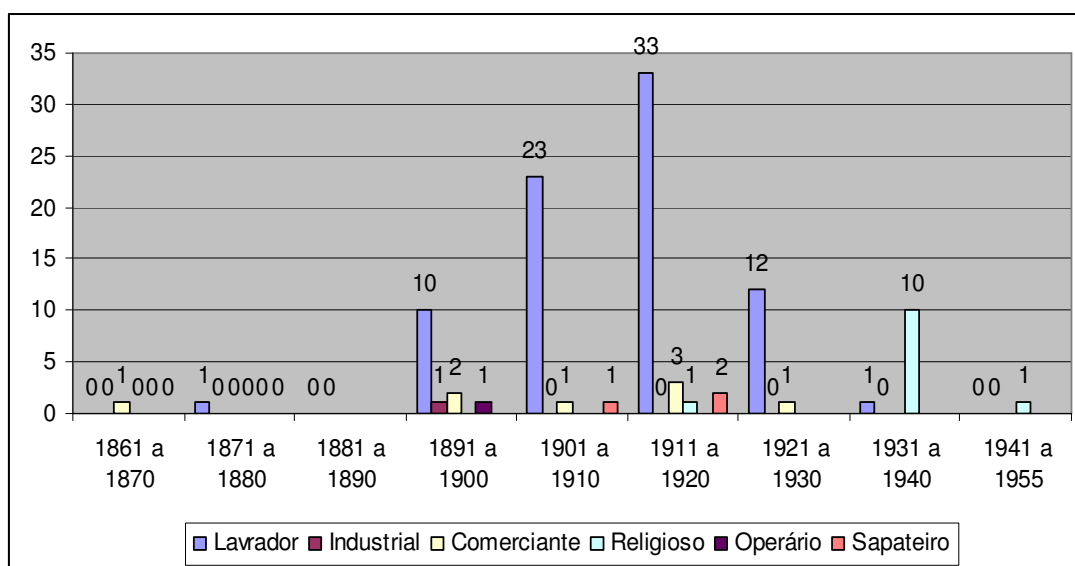
⁶⁸ DOMINGUEZ, Juliana Arantes. **A imigração espanhola para São Paulo no pós-segunda guerra: registros da hospedaria dos imigrantes**. Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia do IFCH – UNICAMP, 2004, p.50.

⁶⁹Ibid, p.52.

⁷⁰Ibid, p.45.

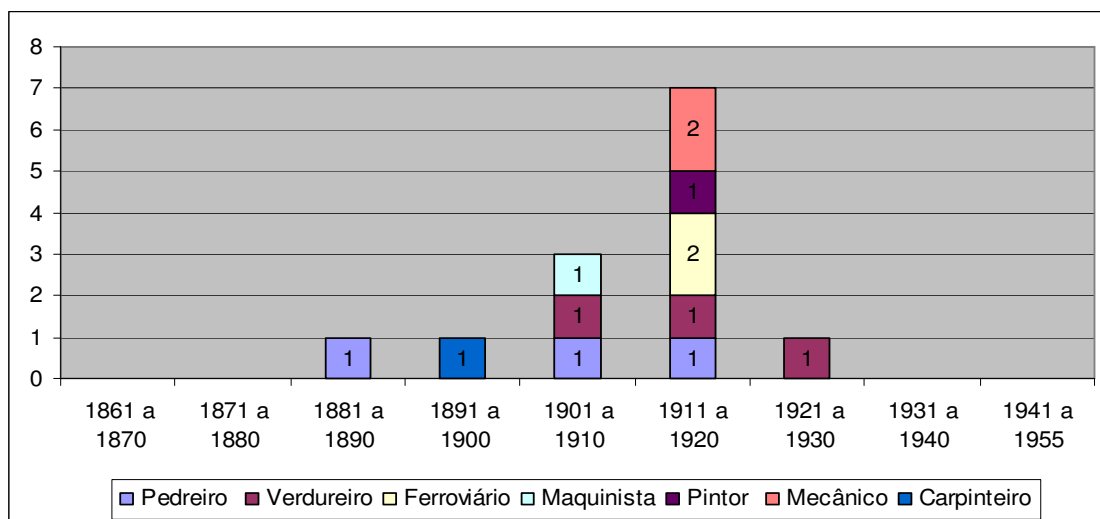
espanhóis, mas a brusca diminuição de lavradores no período posterior a 1930. Ao mesmo tempo, não se percebe a entrada de profissionais qualificados, como aconteceu na cidade de São Paulo conforme o incentivo do governo no pós-segunda guerra mundial.

Gráfico 7 – Período de Chegada e Profissão dos imigrantes espanhóis em Franca (1861-1955)



Fonte: Registro Geral de Imigrantes (1940-50). AHMF.

Gráfico 8 - Período de Chegada e Profissão dos imigrantes espanhóis em Franca (1861-1955)



Fonte: Registro Geral de Imigrantes (1940-50). AHMF.

A maior parte desses imigrantes desembarcou no porto de Santos. Cerca de 96% deles desceram em Santos e foram encaminhados até a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, de acordo com as declarações desses espanhóis nos Registros de Imigrantes feitos na cidade de Franca, enquanto apenas 4% declararam ter desembarcado no Rio de Janeiro, provavelmente sem subsídio. Os subsídios do governo paulista podem estar estritamente relacionados a esse número. Com o slogan “Braços para a lavoura” a política de imigração paulista era voltada para a obtenção de mão-de-obra para a lavoura de café, pois os fazendeiros e governo consideravam qualquer outro trabalho, seja na indústria ou mesmo outra ocupação agrícola, como prejudiciais a esse objetivo.⁷¹ O recrutamento dos imigrantes era feito desde o trabalho dos “*ganchos*”, responsáveis pelo recrutamento de famílias inteiras na Europa, até a chegada no porto de Santos, de lá para a Hospedaria e depois de alguns dias para as fazendas de café. “Qualquer desvio da corrente imigratória para longe do planalto ocidental era um furo nos canais de recrutamento, transporte e distribuição de mão-de-obra que foram estabelecidos na década de 1880 e funcionaram até a década de 1920”.⁷²

Cabe ressaltar, além do período de chegada e local de desembarque, o lugar de origem e os fatores condicionantes dessas mesmas regiões, para a vinda desses espanhóis não apenas para

⁷¹ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p.61.

⁷² Ibid, p.61.

o Estado de São Paulo, mas para a cidade de Franca que, nesse caso, é o principal foco da abordagem. As condições nas quais se encontravam as regiões da Espanha no final do século XIX e início do século XX são similares. Os principais grupos de espanhóis com destino ao Brasil partiram principalmente da Galícia e da Andaluzia.

A Galícia apresentava um crescimento demográfico elevado, possuía um sistema econômico tradicional, com base na agricultura de subsistência, que em crise não possibilitava a mobilidade social e, por sua vez o acesso à terra.⁷³ No caso dos galegos, a imigração era individual, composta de homens que se dirigiram aos grandes centros urbanos. São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador foram alguns lugares de destino dos galegos. Merecem destaque, entretanto, aqueles que se fixaram em Belém para trabalhar na construção da ferrovia Madeira – Mamoré⁷⁴, que ficou bastante conhecida pelas péssimas condições de trabalho, que levaram a altas taxas de mortalidade.



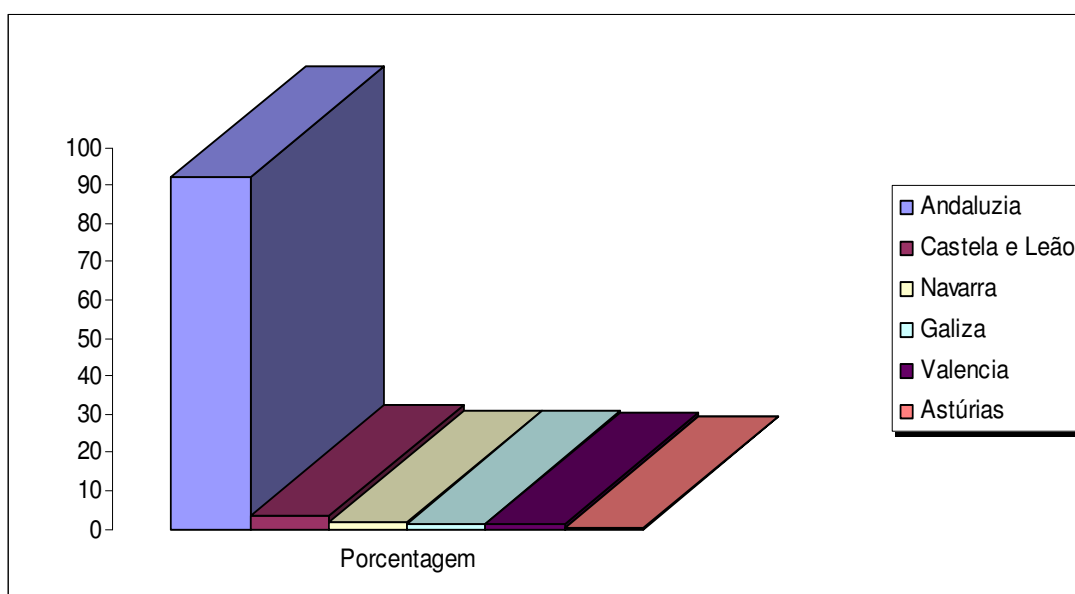
Mapa I-Mapa da Espanha.
Fonte: www.espanha-turismo.com/mapa.htm
Acesso: 16 Dez.2008.

⁷³ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Hambre de Tierra: inmigrantes españoles en la cafeicultura (1880-1930)**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005, p. 62.

⁷⁴ MARTINEZ, Elda E. González. **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**, p.247. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

Mas, a maior parte dos imigrantes que chegaram ao Estado de São Paulo para o trabalho nas lavouras de café vieram da região da Andaluzia. Já no século XIX os andaluzes emigravam para as colônias espanholas na África, como colonos ou como trabalhadores temporários. Em 1881, uma insurreição na Argélia provocou o retorno e a diminuição da emigração para essa região; nesse mesmo momento, tem início as atividades dos “*ganchos*” com subsídio das passagens.⁷⁵ Nesse sentido, a cidade de Franca também recebeu, em sua maioria, imigrantes da região da Andaluzia, cerca de 92% de espanhóis declararam terem vindo dessa região, em um total de 347 Registros Gerais de Imigrantes, conforme o gráfico 9.

Gráfico 9-Lugar de origem dos imigrantes espanhóis fixados em Franca (1861-1955)



Fonte: Registro Geral de Imigrantes. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

Os emigrantes vindos de Andaluzia, em geral, de recursos escassos, pois qualquer crise na agricultura, desde epidemias nas plantações de oliveiras e videiras, até secas ou chuvas provocavam a expulsão dessas famílias.⁷⁶ O crescimento demográfico, associado às melhorias das condições sanitárias e dos avanços da medicina, são comumente atrelados às causas de

⁷⁵ MARTÍNEZ, Elda E. González, **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**, p.244. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

⁷⁶Ibid, p.244.

expulsão, uma vez que o aumento da população e a crise agrária estariam intrinsecamente relacionados à miséria campesina e à busca de outros meios de sobrevivência.⁷⁷

No entanto, vários fatores conjuntos devem ser levados em consideração quando se trata especificamente da emigração de Andaluzia que, de acordo com o gráfico 9 é maciça não apenas no estado de São Paulo, mas também na cidade de Franca. Antonio M. Bernal⁷⁸ destaca diversos fatores, dentre eles o crescimento populacional, a crise agrária, o acesso à propriedade de terra e o anarquismo. Segundo ele, a propriedade da terra e o malthusianismo demográfico e a consequente miséria da população teriam sido eixos centrais das causas de expulsão.⁷⁹

No fim do século XIX e início do XX, a Europa passa por profundas transformações⁸⁰ na agricultura, como a mecanização e o uso de produtos químicos, que geraram um aumento na produtividade e o consequente desemprego de campesinos, sendo esses aspectos da penetração do capitalismo na agricultura.⁸¹ Na Espanha, essa etapa corresponde ao período de crise na agricultura no final do século XIX e ao período de emigração em massa.

O crescimento demográfico teve como primeira consequência a abundante mão-de-obra. Entre os anos de 1877 e 1930, as províncias de Cadiz, Granada, Málaga e Sevilha mantiveram uma densidade superior à nacional quando, em 1930, a densidade era de 46,6 habitantes por quilometro na Espanha e 54,3 em Andaluzia.⁸² Em suma, tudo indicaria que esse crescimento seria o principal fator de expulsão, ou seja, da emigração. Porém, cabe ressaltar outros fatores que, possivelmente, tenham contribuído.

A praga filoxeira afetou os vinhedos andaluzes num momento de grande exportação do vinho espanhol, por volta de 1880. A crise dos vinhedos incidiu sobre as pequenas propriedades das províncias de Almeria, Málaga, Granada e Cadiz, arruinando uma massa de campesinos que optou pela emigração.⁸³ Essa região da Andaluzia Oriental forneceu grandes contingentes de imigrantes para a América e mais especificamente para São Paulo e seu interior:

⁷⁷ CÁNOVAS, Marília. **Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura (1880-1930)**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005, p.75.

⁷⁸ BERNAL, Antonio M., **La emigración de Andalucía**. In. SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. *Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988.

⁷⁹ Ibid, p. 146.

⁸⁰ HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Cf.

⁸¹ BERNAL, Antonio M., **La emigración de Andalucía**. In. SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. *Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988, p.147.

⁸² Ibid, p.148.

⁸³ Ibid, p.151.

em Almería, la provincia mas afectada por la primera etapa de la gran emigración, a la crisis vitivinícola habí que añadir los agotamientos de los yacimientos de plomo de Sierra de Gador; junto al éxodo hacia las capitales andaluzas occidentales y los prolegómenos de una emigración hacia Cataluña, parte de los efectivos se orientan hacia América.⁸⁴

Além dessas questões, havia ainda o acesso à terra. Os andaluzes que emigraram vieram mais da parte oriental que ocidental da Andaluzia, região onde as propriedades eram mais divididas, ou seja, os processos de emigração estão ligados às estruturas de propriedade agrárias “minifundista-latifundista”.⁸⁵ Arelados a esses fatores, crescimento demográfico, crise no sistema agrário, acesso às propriedades de terra, existiam ainda as organizações anarquistas do campo em Andaluzia, que se formaram a partir de 1880, gerando confrontos entre *jornaleros*⁸⁶ e proprietários, como greves, incêndios e luta sindical organizada. Dentre esses anarquistas, muitos optaram pela emigração e desempenharam um papel importante na história do movimento operário na América Latina.⁸⁷

Na cidade de Franca, dentre os Registros de Imigrantes analisados, grande parte dos imigrantes veio da Província de Almeria. O gráfico 10 traz o lugar de origem desses imigrantes da Andaluzia. Além disso, faz uma comparação entre homens e mulheres de acordo com a região de origem.

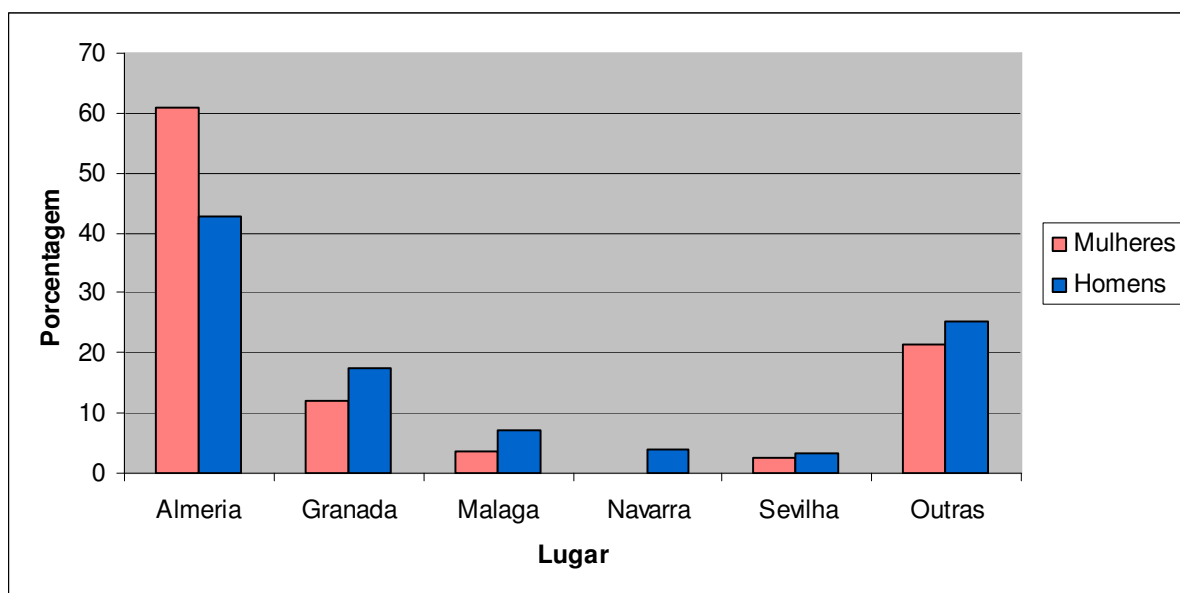
⁸⁴BERNAL, Antonio M., **La emigración de Andalucía**. In. SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. Españoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988, p. 152.

⁸⁵ Ibid, p.156.

⁸⁶ Trabalhadores diários.

⁸⁷BERNAL, Op. Cit., p. 160-161.

Gráfico 10- Lugar de Origem dos imigrantes espanhóis fixados em Franca
Homens / mulheres (1861-1955)



Fonte: Registros Gerais de Imigrantes (1940-50). AHMF.

A partir do gráfico 10, percebe-se que tanto homens quanto mulheres vieram da Província de Almeria. Essa região sofreu mais com os estragos causados pela filoxeira, com o acesso à propriedade de terras e, de um modo geral, com todos os fatores que atingiram toda a Andaluzia, como o crescimento demográfico, por exemplo. Há que se levar em consideração também o fato de que havia na Espanha uma união muito mais regional que nacional, sendo esse um dos fatores da dispersão dos imigrantes espanhóis.⁸⁸ Assim, “laços de parentesco, amizade, vizinhança ou simplesmente de origem comum representaram atrativo e realimentaram o fluxo, fazendo com que muitas concentrações locais tivessem a mesma origem regional espanhola”.⁸⁹

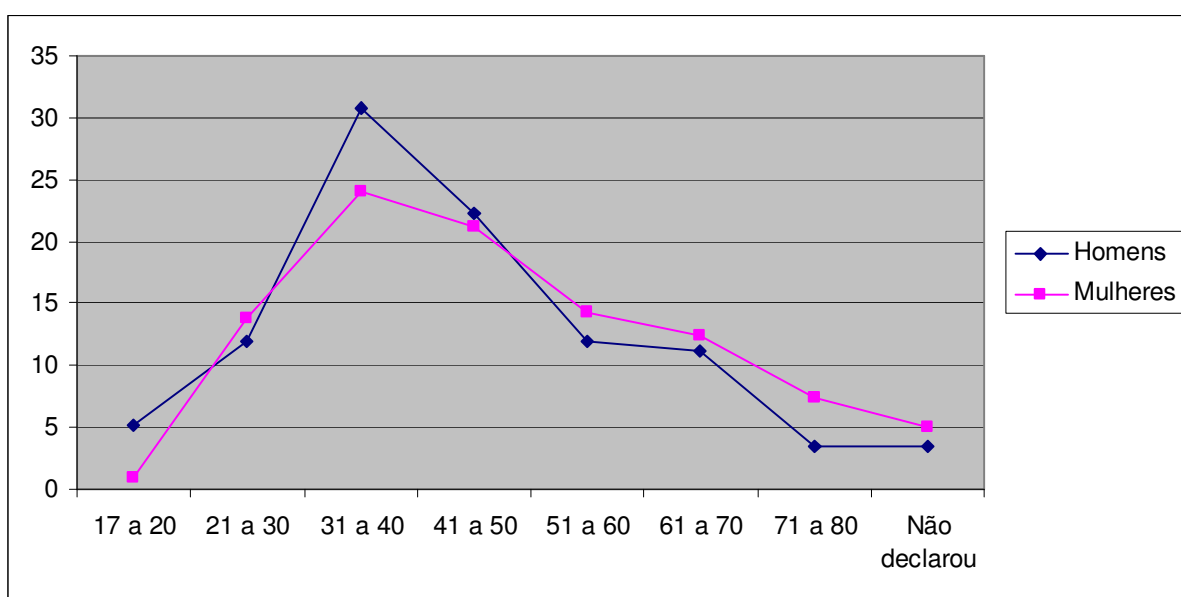
No que diz respeito à idade dos imigrantes espanhóis, grande parte deles, a partir das declarações feitas nos Registros de Imigrantes, estavam em idade ativa, ou seja, entre 20 e 50 anos de idade, tanto homens quanto mulheres. Entretanto, nota-se que as mulheres com idade entre 21 e 30 anos, apresentam um índice mais elevado que os homens, ao contrário do que

⁸⁸ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.75.

⁸⁹ CÁNOVAS, Marília. **Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura (1880-1930)**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005. p. 75.

ocorre entre os imigrantes com idade entre 31 e 40 anos, quando os homens têm maior representação no gráfico 11. Quando se trata dos imigrantes com idade superior aos 60 anos, esses índices são maiores entre as mulheres. Isso pode ser justificado por uma maior longevidade entre as mulheres, apesar de o número de imigrantes com idades superiores a essa ser bastante significativo. Esses imigrantes poderiam ter vindo mais cedo, já que os Registros foram feitos nas décadas de 1940 e 50, ou acompanhados de parentes em idade ativa.

Gráfico 11- Idade dos imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca - Homens /Mulheres



Fonte: Registros Gerais de Imigrante (1940-50). AHMF.

Grande parte desses imigrantes espanhóis veio da Província de Almeria, principalmente nas primeiras décadas do século XX, e dedicaram-se à agricultura, pelo menos inicialmente. Castro Garcia Fernandez, por exemplo, nasceu em 1873 em Almeria. Casou-se com Julia Muñoz e com ela teve seis filhos. Veio de Cantoria – Almeria, na embarcação Aquitânia, emigrou para essas terras, desembarcando em 1906 no Porto de Santos.⁹⁰ Em novas terras, ficou viúvo e casou-se com Margarida Botellas Martinez e, com ela, teve mais cinco filhos. Realizou inúmeras obras em prol do Centro Español de Socorros Mútuos, onde foi presidente e tesoureiro entre os anos de 1930 e 1937. Segundo Cuellar-Lopez, o fato de ele ter-se dedicado ao Centro Español não o

⁹⁰ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930, p.75.

impediu de cuidar de sua fábrica, que cada vez mais prosperava. No entanto, no Registro Geral de Imigrantes, Castro Garcia Fernandez declarou ser lavrador. Essa declaração pode ter sido feita pelo imigrante por temer ser deportado, ou pode significar que ele depois de dedicar-se à indústria, voltou a ser lavrador, já que a declaração feita pelo autor do livro é anterior aos Registros de Imigrantes. Outro exemplo é o de Andres Fernandez Garcia, que nasceu em Almeria em 1895 e veio para o Brasil com dez anos de idade. Como a grande maioria, trabalhou como agricultor e, posteriormente, passou a se dedicar ao comércio. Ocupou o cargo de tesoureiro do Centro Español de Socorros Mútuos. Casou-se, pela segunda vez, com Carmem Égea.⁹¹

⁹¹ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930, P.84.



Foto 1 - Castro Garcia Fernandez.
Fonte: José M. de Cullar-Lopez, España en el Brasil: Franca.
Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

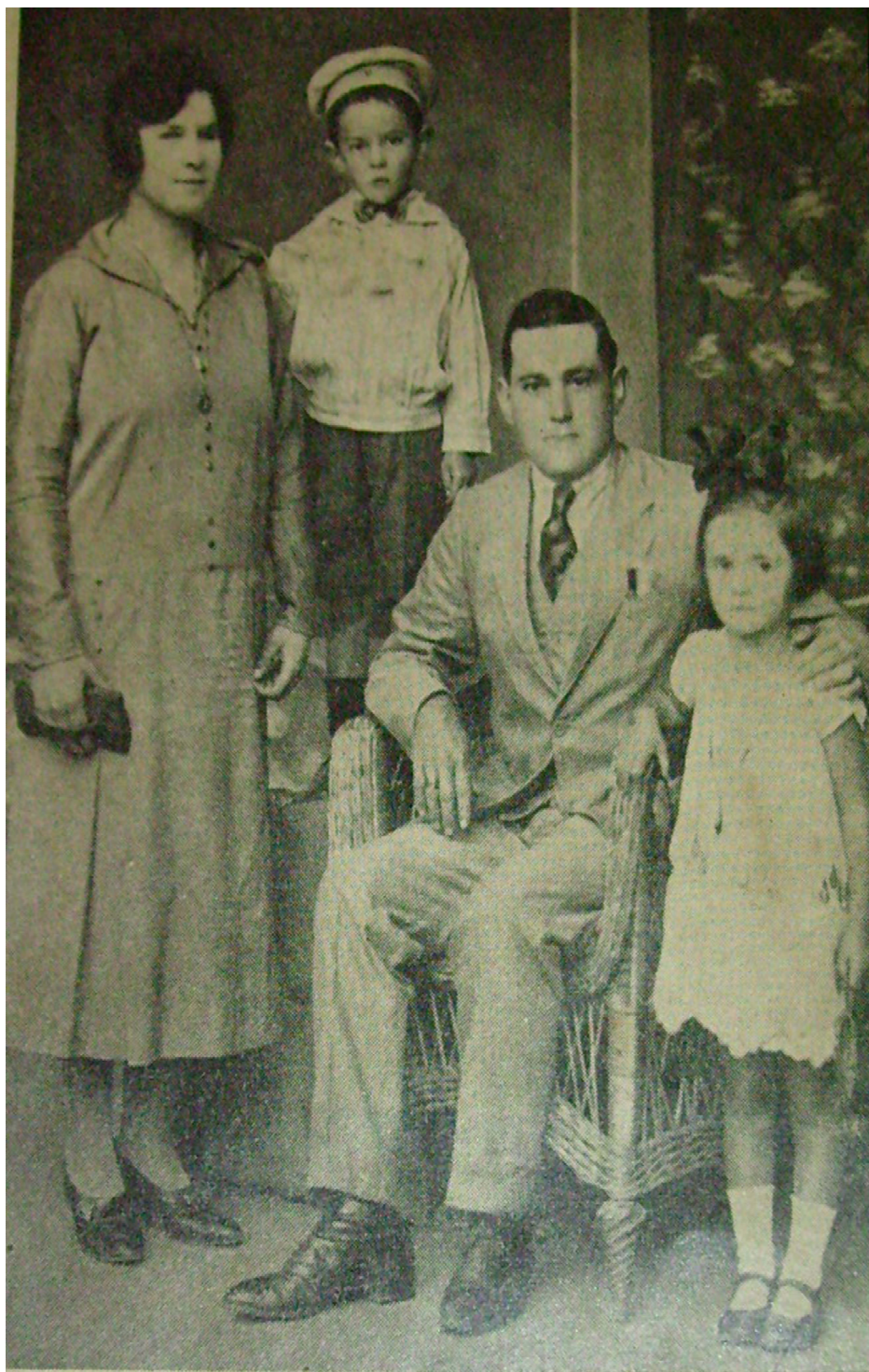


Foto 2 - Andres Fernandez Garcia e família.
Fonte: José M. de Cullar-Lopez, España en el Brasil: Franca.
Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

A partir dos livros dos Registros Gerais de Imigrantes, foi possível periodizar a chegada desses espanhóis à cidade. A imigração espanhola para o município de Franca, caracteriza-se por uma imigração tardia, se comparada com os italianos, uma vez que os espanhóis começaram a chegar nas décadas iniciais do século XX, sendo o ápice entre os anos de 1911 e 1920, momento em que a imigração italiana sofreu um declínio. Percebemos que esse ápice corresponde curiosamente ao Decreto Prinetti do governo italiano de 1902 proibindo a imigração gratuita de italianos ao Brasil e à própria proibição da imigração subsidiada em 1910 por parte da Espanha, dando indícios de que a emigração clandestina foi uma forma de burlar essa mesma proibição.

Além da periodização, nota-se a que os dois principais fluxos de imigrantes espanhóis para o Brasil correspondem às décadas iniciais do século XX e após a Segunda Guerra Mundial. Mas, na cidade de Franca a maior parte deles chegou durante o primeiro fluxo; já no período posterior, houve uma queda no número de imigrantes, que possivelmente se dirigiram aos grandes centros urbanos. Periodicamente, ocorreu a mudança do perfil do imigrante, inicialmente voltado para reposição da mão-de-obra nas lavouras de café e, por isso, agricultor, para posteriormente dar preferência ao trabalhador apto a ocupar cargos na indústria na década de 1950, o que afetou sensivelmente no declínio de imigrantes espanhóis para a região de Franca. Após 1940, a cidade passou a receber imigrantes religiosos e profissionais ligados a atividades urbanas, uma vez que o próprio governo buscava a migração de mão-de-obra qualificada. Ocorreu, também, uma certa diminuição na entrada de imigrantes espanhóis durante a Guerra Civil na Espanha, pois esses passaram a ser visto como uma ameaça comunista.

Foi possível também compreender os fatores de expulsão, diante da análise das condições das regiões da Espanha, principalmente da Província de Andaluzia, responsável pelo maior número de emigrados estabelecidos em Franca. Além disso, percebemos o impacto dessa população estrangeira sob a população local, através dos Censos. Desse modo, partindo das afirmações suscitadas, percebemos como esses espanhóis se inseriram não apenas no contexto nacional, mas também no contexto do município de Franca, uma vez que o desenvolvimento da cafeicultura possibilitou a vinda de imigrantes para o trabalho na lavoura. Inseriram-se economicamente, já que trabalharam e enriqueceram produtores de café; socialmente, influenciando nas transformações urbanas que “não se explicam sem a presença dos

imigrantes”,⁹² culturalmente, demonstrando sua cultura e assimilando a local e, demograficamente, alterando não apenas numericamente a população, mas também possibilitando novas relações sociais através de vínculos matrimônios estabelecidos entre imigrantes e brasileiros, na primeira e nas gerações posteriores.

⁹² FILHO, José Chiachiri. **Tutti buona gente**, p. 20. In DONADELLI, Jorge Félix, Vila Franca dos italianos. Lions Clube Franca Centro. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2003.

2 – Imigrantes Espanhóis e seus meios de sociabilidade em um novo território

A mudança para um novo território não impediu que muitos dos imigrantes europeus fundassem associações nas quais pudessem ao mesmo tempo manter um vínculo cultural com a pátria que “abandonaram” e se inserirem na cultura local. O ato de emigrar, ou seja, deixar seu país de origem em busca de melhores condições econômicas e sociais, não implica apenas o deslocamento humano em si, mas também em valores culturais a ele arraigados e que em um novo território podem ser ressignificados ou simplesmente perdidos diante da assimilação de uma nova cultura.

De acordo com Martins, a imigração não é apenas a mudança de uma localidade geográfica para outra, mas a transição de um sujeito de uma sociedade para outra, não sendo apenas uma unidade física, e sim alguém que se vincula a uma outra sociedade, através das relações com os outros.⁹³ Inserido em um novo território e contexto, o imigrante

participa de uma cultura que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores. As relações de que participa na sua sociedade original são estabelecidas com base nesses componentes culturais, em graus variáveis interiorizados na sua personalidade.⁹⁴

Desse modo, as relações sociais e as concepções dos imigrantes referem-se à sociedade que proporcionou a formação da sua identidade, ou seja, mesmo que com a emigração o indivíduo participe de algum tipo de socialização, esta será idealizada, pois a sua identidade pertence ao seu lugar de origem.⁹⁵ Nesse sentido, Martins afirma que o processo de migração tem três fases: primeira, a motivação de migrar, segunda a transição física da sociedade original para a nova, terceira a assimilação cultural e social na nova sociedade.⁹⁶ Durante essas três fases, o sujeito se dessocializa, reduz suas relações sociais a um grupo menor da fase da migração propriamente dita e se ressocializa, formando relações sociais na sociedade de adoção, ocorrendo, por fim, a

⁹³ MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 19.

⁹⁴ Ibid, p.19.

⁹⁵ Ibid, p.19.

⁹⁶ Ibid, P.21.

assimilação.⁹⁷ Contudo, há que se considerar as especificidades de cada grupo de imigrantes europeus e, conseqüentemente, tentar aferir se essa dita “assimilação” se deu facilmente, assim que se estabeleceram em novo território, ou se, em certa medida, houve conflitos, que possivelmente, impediram que a mesma ocorresse já na primeira geração de imigrantes; possibilitando, assim, a compreensão dos mecanismos de inserção usados por esses imigrantes para que pudessem ou não se inserir e, ao mesmo tempo, manter seus vínculos culturais com a pátria de origem.

Entre os imigrantes europeus, os espanhóis são considerados o grupo étnico de maior integração na cultura dominante, sendo difícil, de acordo com Klein, “extrair suas experiências daquelas dos brasileiros de nascimento”.⁹⁸ No entanto, essa “invisibilidade” dos espanhóis na cultura brasileira e, principalmente, nos estudos que abordam a imigração, não é reflexo da inexpressividade dos espanhóis na sua cultura ou em associações étnicas, mas sim por se ter o imigrante italiano, predominante numérica e culturalmente, como perfil do imigrante europeu, em detrimento das demais etnias.⁹⁹ A imagem que se formou do imigrante europeu sintetizou-se na figura do italiano, não só pelo predomínio deste diante das demais correntes imigratórias, mas também pelo fato de os espanhóis se constituírem num grupo desfavorecido economicamente e socialmente marginalizado e oprimido.¹⁰⁰ Nesse sentido, “atribuiu-se a todos os imigrantes um perfil que foi o do imigrante italiano, supondo-se que os imigrantes das várias nacionalidades tiveram a mesma trajetória no Brasil”.¹⁰¹ Além disso, diversos fatores, como será visto oportunamente, culminaram na dispersão desses espanhóis em solo brasileiro.

Desse modo, convém analisar a inserção desses imigrantes espanhóis no Brasil e, mais especificamente, no município de Franca-SP, onde, ao contrário do que se pode supor, o envolvimento nas expressões sociais da comunidade local foi bastante significativo. Diversas fontes, como Registros Gerais de Imigrantes, periódicos locais e a obra escrita e publicada na cidade em língua espanhola, no ano de 1930, pelo escritor espanhol José M. de Cuéllar Lopes em

⁹⁷ MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 20.

⁹⁸ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.8.

⁹⁹ ANTONACCI, Maria A. Martinez. MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação**. Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995, p.173.

¹⁰⁰ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.10-11.

¹⁰¹ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 6.

visita à cidade, intitulada “España en el Brasil - Franca”, tornam possível aferir as maneiras de participação, inserção e assimilação desses espanhóis na comunidade local.

Algumas especificidades são marcantes nesse grupo étnico¹⁰². Os espanhóis, mais especificamente a primeira geração, foram predominantemente endogâmicos. Casaram-se com pessoas de mesma origem étnica, “tornando-os únicos entre os imigrantes europeus”.¹⁰³ Em contrapartida, muitos desses imigrantes ao chegarem ao país mudaram a grafia do nome, adaptando-a à ortografia portuguesa¹⁰⁴. São também, entre os europeus, o grupo mais disperso.¹⁰⁵ Apesar desse aparente paradoxo, há que se considerar também que a fundação de associações étnicas, muito comum entre os imigrantes estrangeiros, tinha caráter cultural e recreativo, sendo uma forma de sentirem mais próximos de sua comunidade e cultura de origem.¹⁰⁶ Nesse sentido, é de suma importância uma análise que nos permita compreender os paradoxos, se existirem, desse grupo étnico que, mesmo extremamente endogâmico, participou e, de certa forma, inseriu na cultura local.

Na cidade de Franca, essa mesma situação pode ser percebida a partir da observação da documentação referente à imigração espanhola na cidade. Os Registros Gerais de Imigrantes, feitos pela Delegacia de Polícia de Franca entre as décadas de 1940 e 50¹⁰⁷, permitem perceber os casamentos desses imigrantes, uma vez que os dados contidos nos mesmos mostram a nacionalidade do cônjuge. Além disso, os periódicos locais como *Tribuna da Franca e Comércio da Franca* tornam possível averiguar a participação social na comunidade local concretizadas a partir do Centro Español de Socorros Mútuos e do time de futebol Hespanha F.C..¹⁰⁸

¹⁰² A expressão grupo étnico refere-se ao grupo de imigrantes espanhóis estabelecidos no Brasil. As diferenças regionais na Espanha são grandes. Com a morte de Franco em 1975, a conseqüente redemocratização possibilitou o surgimento de comunidades autônomas, como, por exemplo, o País Basco, que até os dias atuais reivindica sua independência. Sendo assim, a referida expressão considera os espanhóis aqui estabelecidos, independente da região de origem.

¹⁰³ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p.83.

¹⁰⁴ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p. 8.

¹⁰⁵ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p. 75.

¹⁰⁶ Ibid, p.50.

¹⁰⁷ Conforme foi exposto no capítulo anterior, os Registros Gerais de Imigrantes foram feitos pela delegacia de Polícia, pois de acordo com o Decreto 3010, as cidades que não tivessem um serviço responsável pela imigração o mesmo deveria ser feito pela delegacia.

¹⁰⁸ Ao abordar o Brasil como destino dos emigrantes espanhóis, Elda González Martínez menciona a existência de diversas associações espanholas no Estado de São Paulo nas décadas iniciais do século XX, dentre elas as associações da cidade de Franca. MARTÍNEZ, Elda E. González, **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**. P.239. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999, p. 270.

A cidade de Franca, no início do século XX, aderiu aos anseios de progresso e modernidade das elites locais¹⁰⁹, propiciando a urbanização e a mudança de hábitos e costumes. “Maquinismo, produção em série, consumo de artigos finos, gosto por espetáculos de massa, são alguns desses novos hábitos urbanos dessa cidade que, lentamente trocou o cavalo pelo automóvel e o bate-papo familiar noturno pelos bailes e sessões de cinema”.¹¹⁰ Nesse período, os imigrantes já haviam contribuído decisivamente para as mudanças dos aspectos urbanísticos da cidade, uma vez que a sua vinda para suprir a carência de mão-de-obra identificou-se com a industrialização que crescia na cidade.¹¹¹

O centro era o principal lugar da cidade a aglomerar a população para o lazer, favorecendo o aumento de cafés e confeitarias, com o intuito de atender ao mercado de consumo, formado por imigrantes europeus, francanos e também por homens que se originavam de regiões vizinhas em busca de trabalho e melhores condições de vida.¹¹² Sob esse aspecto,

podemos dizer que em Franca a plutocracia¹¹³ cafeeira, na esfera de sua competência administrativa, propiciou à comunidade local contato com ‘novas formas de vida’. Entenda-se contatos com formas até então inexistentes de cultura como o cinema, por exemplo, e mesmo hábito de cultura já existentes que foram remodelados pela presença do imigrante que se espalhava pela cidade, marcando sua presença nas peças de teatro e nos vários saraus que, desde os fins do século XIX, compunham-se com a contribuição do italiano, do sírio-libanês, do espanhol e de tantos outros personagens que vinham buscar no ambiente urbano melhores condições de vida.¹¹⁴

Sendo assim, no ambiente urbano as experiências de sociabilidade, vividas por diferentes grupos de pessoas, convergiam com o desejo de uma “nova cidade”, instituindo, assim, novos espaços de convivência, “como as associações recreativas, culturais e políticas, os cafés, teatros, cinematógrafos e escolas – ou dirigindo-se às ruas movimentadas, fábricas, oficinas, lojas,

¹⁰⁹ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1869-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002. Passim.

¹¹⁰ BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória Urbana de Franca: Centro (1805-1995)**, Franca: Prefeitura Municipal: Fundação Municipal “Mário de Andrade”, 1996, p. 75.

¹¹¹ Ibid, p.84.

¹¹² AZEVEDO, Veruschka de Sales. **Aspectos da “Belle Époque” e da produção cultural na cidade de Franca**, p.177. In DOIN, José Evaldo de Mello. PEREIRA, Robson Mendonça.(orgs). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP- FHDSS – CEMUC, 2005.

¹¹³ O termo plutocracia ao qual a autora faz referência é atribuído a Nicolau Sevcenko quando este menciona a camada de homens que receberam nomeações privilegiadas do governo durante a Primeira República. In AZEVEDO.

¹¹⁴ AZEVEDO, op cit, p.179.

etc.”.¹¹⁵ É, nesse contexto, em meio à expansão da cafeicultura e do desenvolvimento urbano por ela proporcionado, que o imigrante espanhol se insere, não apenas como força de trabalho, mas também como indivíduo capaz de se inserir nesse novo “mundo” e, ao mesmo tempo, demonstrar e expressar a sua cultura através de certas convivências como bailes, saraus, carnavais e touradas.

¹¹⁵ AZEVEDO, Veruschka de Sales. **Aspectos da “Belle Époque” e da produção cultural na cidade de Franca**, p.175. In DOIN, José Evaldo de Mello. PEREIRA, Robson Mendonça.(orgs). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**.Franca: UNESP- FHDSS – CEMUC, 2005.

2.1 Endogamia e Exogamia: vínculos matrimoniais entre os imigrantes espanhóis



Foto 3 - Mateo Garcia Robles, Rozario Fernadez Garcia e filhos.
Fonte: José M. de Cullar-Lopez, España en el Brasil: Franca.
Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

A família esteve no cerne das preocupações em torno da imigração europeia para o Brasil. O governo brasileiro primava e subsidiava a vinda de imigrantes que trabalhassem como agricultores já em seu país de origem e que fizessem parte de unidades familiares. Esses eram os pré-requisitos para que um emigrante conseguisse a viagem subsidiada pelo governo com o interesse da elite cafeeira. Desse forma, esses agricultores europeus, candidatos à subvenção, deveriam ser casais com menos de quarenta e cinco anos de idade e sem filhos; casais com filhos em que ao menos um estivesse em idade ativa e viúvas e viúvos com pelo menos um filho em idade ativa.¹¹⁶ O Estado não financiaria a imigração de pessoas solteiras e de famílias que não atendessem aos seus requisitos, que desejassem ir a outro estado que não o de São Paulo e aqueles que já haviam vindo com passagem paga e retornado.¹¹⁷ Esse era o perfil do trabalho que os fazendeiros precisavam, sob justificativa de que o sistema de trabalho nas fazendas funcionava melhor com famílias imigrantes que com imigrantes solteiros.¹¹⁸

Esses imigrantes que chegaram ao Brasil, tendo o elemento masculino como fator predominante e a “mescla de pessoas de diferentes condições socioeconômicas e com distintos graus de poder – imprimiu a marca da diversidade nas relações entre os sexos e/ou conjugais e, conseqüentemente, no perfil da(s) família(s) brasileira(s)”.¹¹⁹ Segundo Bassanezi, os grupos de imigrantes alteraram significativamente “os padrões demográficos e familiares nos locais de destino”. Não apenas influenciaram no tamanho das populações locais, como alteraram as estruturas de sexo, idade e estado conjugal, tanto na primeira quanto nas gerações posteriores.¹²⁰ Sendo assim, a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil não ocasionou apenas transformações econômicas, mas também sociais e culturais, à medida que foram se relacionando com as pessoas do seu próprio grupo e fora dele, através dos casamentos.

Dentre as várias nacionalidades de imigrantes que deslocaram da Europa e vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida, estão os italianos, os portugueses e os espanhóis. Estes são considerados o grupo que mais casou entre si, ou seja, o mais endogâmico dentre os demais grupos étnicos europeus, principalmente na primeira geração.¹²¹ Esses vínculos foram

¹¹⁶ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p.79.

¹¹⁷ Ibid, p.79.

¹¹⁸ Ibid, p.96.

¹¹⁹ BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Família e imigração internacional no Brasil do passado**. Estudos de História v.2 n.2, Franca: UNESP, 1999, p.290.

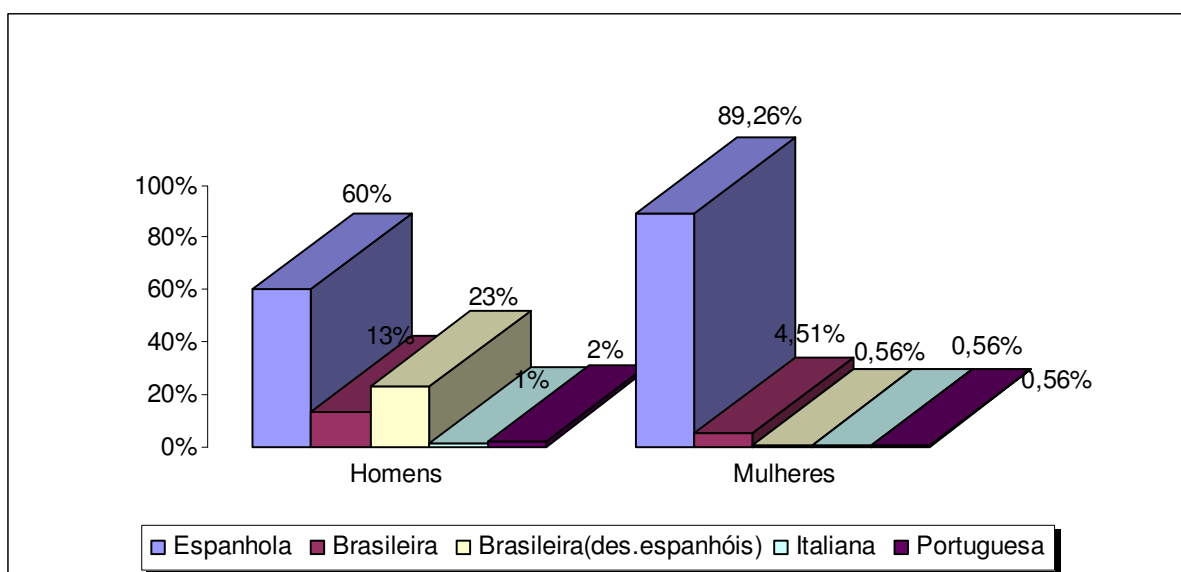
¹²⁰ Ibid, p.291.

¹²¹ KLEIN, Herbert S., **Migração Internacional na História das Américas**, p.24. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

possibilitados nas áreas cafeeiras como Franca, por exemplo, pela diminuição da diferença “entre o volume da imigração masculina e feminina, no contingente estrangeiro total, permitindo a um maior número de homens e mulheres realizarem casamentos dentro de seu grupo étnico”;¹²² ou seja, um equilíbrio entre homens e mulheres possibilitou o maior número de casamentos dentro de um mesmo grupo.

Os imigrantes espanhóis estabelecidos no município de Franca mostraram-se, em sua primeira geração, predominantemente fechados dentro de seu próprio grupo quando se tratava de vínculos matrimoniais. A partir do gráfico 12, obtido através da análise dos Registros Gerais de Imigrantes, no qual esses próprios imigrantes relataram a nacionalidade de seus cônjuges, pode-se perceber e compreender como foram seus vínculos matrimoniais quando já estavam estabelecidos em um novo território.

Gráfico 12 - Nacionalidade do Cônjuge – Homens / Mulheres



Fonte: Registros Gerais de Imigrantes (1940-50). AHMF.

Percebe-se, diante do exposto, que esses imigrantes espanhóis foram predominantemente endogâmicos. Cerca de 60% dos homens casaram-se com mulheres espanholas e as mulheres, por sua vez, casaram-se quase que exclusivamente com homens espanhóis, quando o número chega a

¹²² BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Família e imigração internacional no Brasil do passado**. Estudos de História v.2 n.2, Franca: UNESP, 1999, p.299.

quase 90% no gráfico 12. Ao mesmo tempo, foi significativo o número de imigrantes que se casou com brasileiros, mas filhos de imigrantes espanhóis, perceptível através dos sobrenomes dos declarantes. Isso pode ser um indício de que os vínculos com a pátria de origem ainda existiam, o que tornavam possíveis os convívios entre a primeira e a segunda geração de imigrantes espanhóis. Um número pequeno, mas nem por isso desprezível, declarou ter se casado com italianos e portugueses, atingindo índices que não passaram de 2%.

O sentimento de pertencimento ainda na primeira geração de imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca ficou evidente quando um escritor e imigrante espanhol em visita à cidade relatou a vida de Antonio Fuentes, nascido em Franca, mas que, “valorizando” o sangue que corre em suas veias casou-se com uma espanhola: “no crean los lectores que es de la vieja España, no, es nacido aqui em Franca, pero corre por sus venas la sangre alborotadora, y para probarlo, es que casó com Tomasa Egéa, joven española”.¹²³ Nesse discurso, fica perceptível não apenas o sentimento de pertencimento, mas também o intuito de preservação da etnia espanhola mesmo longe da Espanha. Percebemos, assim, que havia um esforço da própria comunidade imigrante em “proporcionar casamentos entre os seus iguais e, nesse sentido, as mulheres eram levadas a clubes e festas do seu grupo étnico com a finalidade de encontrar marido, havendo ainda clubes que restringiam a entrada de pessoas de outra região ou país”.¹²⁴ O que pode justificar o fato de as mulheres terem se casado mais com seus conterrâneos.

A endogamia, presente nos vínculos matrimoniais desses imigrantes espanhóis, é reflexo de um casamento social que respeita os termos definidos dentro do próprio grupo.¹²⁵ Essa referida endogamia caracteriza-se pela recusa em reconhecer a possibilidade de casamentos fora do grupo, uma vez que, em comunidade, passa a existir dentro dela a solidariedade.¹²⁶

De maneira geral, a endogamia “verdadeira” manifesta simplesmente a exclusão do casamento praticado fora dos limites da cultura, cujo conceito está sujeito a toda espécie de contrações e dilatações. A fórmula, positiva na aparência, da obrigação de casar-se no interior de um grupo definido por certos caracteres concretos (nome, língua, raça, religião, etc.), é pois a expressão de um simples limite, socialmente condicionado, do poder de generalização.¹²⁷

¹²³ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930. Página sem numeração.

¹²⁴ LEVY & SCARANO. Apud. BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Família e imigração internacional no Brasil do passado**. Estudos de História v.2 n.2, Franca: UNESP, 1999, p. 301.

¹²⁵ LÉVI-STRAUSS. Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Vozes, São Paulo, 1976, p. 83.

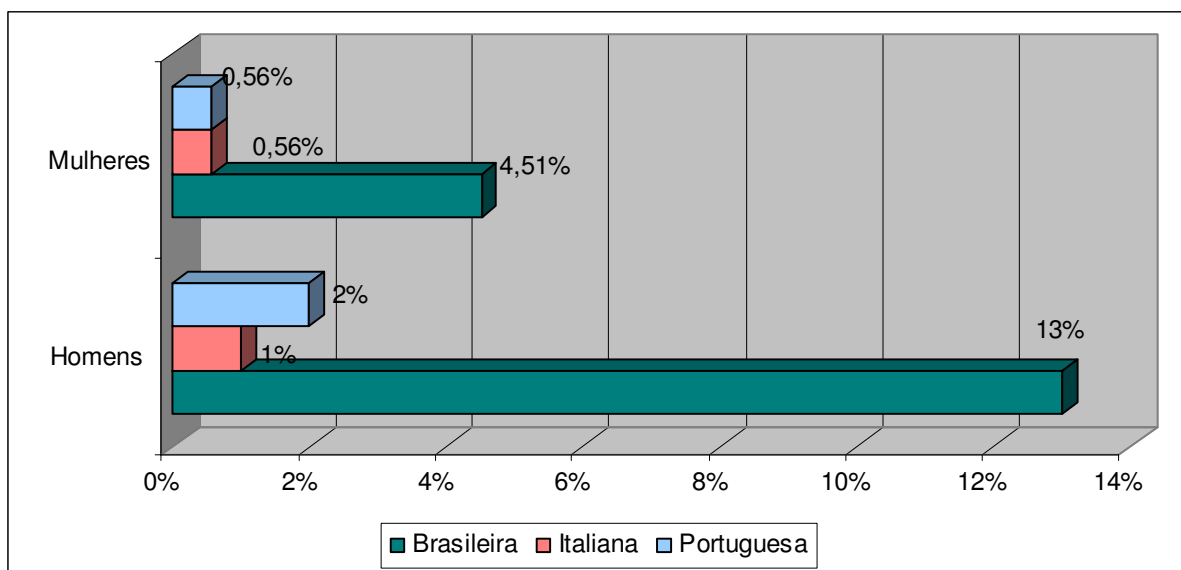
¹²⁶ Ibid, p.86.

¹²⁷ Ibid, p. 87.

A preservação de vínculos dentro da colônia espanhola se concretizou a partir dos casamentos estabelecidos por esses imigrantes espanhóis. Ainda ligados às expressões culturais de origem, como “raça” e língua, por exemplo, existiram ainda os vínculos de solidariedade entre eles que permitiram que a união desses imigrantes se desse não apenas através de associações étnicas e mutualistas, mas também a partir de vínculos matrimoniais. As situações pelas quais esses espanhóis se depararam desde a emigração até o estabelecimento em um novo território fizeram com que eles se unissem e mantivessem laços sociais e culturais.

Entretanto, isso não impediu que houvesse relações matrimoniais fora da colônia espanhola. A escolha do cônjuge nem sempre esteve restrita ao seu grupo original. Homens e mulheres mantiveram vínculos matrimoniais com filhos de espanhóis já estabelecidos na cidade de Franca, mas também com pessoas de outras nacionalidades.

Gráfico 13-Exogamia entre os imigrantes espanhóis fixados em Franca - Homens /mulheres



Fonte: Registros Gerais de Imigrantes (1940-50). AHMF.

De acordo com o gráfico 13, podemos perceber que entre os homens os índices de exogamia foram maiores; ou seja, entre homens e mulheres imigrantes, os homens foram aqueles que se casaram mais fora de seu grupo étnico de origem. Dentre as nacionalidades dos cônjuges, a brasileira se destaca entre as demais, no caso italiana e portuguesa, representando 13% entre os homens e quase 5% entre as mulheres. Essa maior exogamia masculina pode estar ligada ao fato

de que as mulheres tinham menos liberdade ao escolher seus cônjuges se comparado aos homens. Há uma tendência maior dos homens em romper com a endogamia étnica.¹²⁸

Se comparada a outras nacionalidades de imigrantes estabelecidos no município de Franca, percebe-se a mesma tendência. Entre os portugueses, por exemplo, a maioria das mulheres emigrou casada e, por isso, foram mais endogâmicas, já os homens foram mais exogâmicos, pois o número de homens emigrados foi maior que o de mulheres. No entanto, os portugueses, apesar de manterem suas relações matrimoniais dentro de seu grupo, tiveram um alto índice de casamentos com brasileiros.¹²⁹ A mesma questão pode ser suscitada entre os imigrantes italianos que, mesmo diante da endogamia, pode se perceber que ela ocorreu mais entre as mulheres.¹³⁰

Os espanhóis, por sua vez, mesmo que tenham-se casado com pessoas de outras nacionalidades, primaram pela manutenção dos vínculos com seu grupo étnico, uma vez que se casaram com espanhóis e com descendentes de espanhóis primordialmente. Isso pode indicar que a primeira geração de imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca ainda estava bastante ligada às tradições de seu país de origem e, conseqüentemente, ainda fechada ao seu grupo étnico. Se somados os índices do gráfico referente à nacionalidade dos cônjuges desses imigrantes espanhóis, podemos perceber que, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, os índices representativos da nacionalidade espanhola e daqueles descendentes de espanhóis juntos denotam uma esmagadora maioria de vínculos matrimoniais estabelecidos dentro do próprio grupo.

A partir das informações contidas nos Registros Gerais de Imigrantes, podemos obter maiores informações a respeito da formação familiar desses imigrantes espanhóis, como o número de filhos e a nacionalidade dos mesmos. Como foi dito no capítulo anterior, o governo Vargas, através do decreto de 1938, passa a cadastrar e a monitorar os imigrantes estabelecidos em solo brasileiro. Quanto aos filhos desses imigrantes, a preocupação recaiu sobre aqueles nascidos em solo brasileiro, como será visto adiante. É justamente por isso que, no Registro Geral

¹²⁸ NADALIN, Sergio O. **A Origem dos Noivos nos Registros de Casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba - 1870-1960**. Curitiba: Depto. de História, UFPR, Dissertação de Mestrado, 1974. Apud MACHADO, Cacilda da Silva. **A família e o impacto da imigração (Curitiba 1854-1991)**, Revista Brasileira de História, São Paulo, v.17, n.34, 1997. Disponível em www.scielo.br. Acessado dia 26 de maio de 2009.

¹²⁹ SILVA, Ewerton L. Figueiredo Moura da. **Presença Portuguesa em Franca: um olhar a partir de fontes paroquiais (1913-1917)**, Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", 2008, p.68.

¹³⁰ PARO, Léia de Barcellos. **Matrimonio a italiana: um estudo sobre as práticas de casamentos (Franca 1880-1920)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", 1998, p. 64.

de Imigrantes, o questionamento referente aos filhos desses imigrantes se debruça sobre os filhos menores de dezoito anos, ou seja, aqueles que poderiam ter nascido no Brasil e consequentemente seriam cidadãos brasileiros.

Como os Registros foram feitos na década de 1940 e 1950, muitos desses imigrantes não declararam ter filhos menores de dezoito anos, pois estabelecidos em Franca há mais tempo, seus filhos já possuíam idade superior a essa. Dentre os 347 registros, foram desconsiderados aqueles que declararam não terem filhos menores de idade, pois não havia informações suficientes. As tabelas 3 e 4 foram obtidas a partir dos Registros que continham informações relevantes.

Tabela 3-Número de filhos dos imigrantes espanhóis fixados em Franca

Número de filhos	Total de Registros
1	14
2	17
3	20
4	16
5	11
6	11
7	6
8	2

Tabela 4-Nacionalidade dos filhos de imigrantes espanhóis de Franca

Nacionalidade	Total de Registros
Brasileira	91
Espanhola	3
Argentina	3

Fonte: Registros Gerais de Imigrantes – AHMF.

Percebe-se, diante da tabela 3, que a maior parte dos imigrantes declarou ter entre dois e quatro filhos. Isso não quer dizer que a taxa de fecundidade entre as mulheres espanholas era menor, mas que os filhos menores de dezoito anos, naquele momento, eram poucos. Quanto à nacionalidade, a grande maioria nasceu no Brasil. Dentre os filhos de nacionalidade espanhola, minoria, foram aqueles que chegaram mais tardiamente e, provavelmente vieram com esposa e filhos, como o imigrante Eduardo Cahera Rodriguez, que chegou em 1953. Os de nacionalidade Argentina são aqueles que antes de virem ao Brasil tiveram como destino a Argentina e, talvez, em busca de melhores condições econômicas ou atrás de parentes, decidiram mudar para o Brasil.

De acordo com Bassanezi,

as escolhas matrimoniais realizados pelo imigrante revelaram que a coesão interna do grupo foi muito mais forte nos anos iniciais da imigração quando ainda persistiam laços que os ligavam à terra natal e/ou a esperança de um futuro retorno e o fluxo era mais intenso. Os casamentos homogâmicos foram facilitados pela concentração de imigrantes de uma mesma origem em determinado espaço. Eles variavam de intensidade em função das características demográficas e /ou socioeconômicas dos imigrantes.¹³¹

A família esteve presente na imigração europeia para o Brasil desde os requisitos do governo brasileiro ao escolher o imigrante que supriria a escassez de mão-de-obra, até o seu estabelecimento em novos territórios, servindo de “célula” mantenedora dos vínculos culturais a partir dos casamentos dentro de seu grupo étnico. Os imigrantes espanhóis residentes no município de Franca mostraram-se predominantemente endogâmicos em suas relações matrimoniais. Embora essa mesma característica tenha sido apresentada pelos demais grupos de imigrantes; entre os espanhóis, seus índices foram maiores. Apesar disso, não podemos deixar de mencionar que houve uma exogamia entre esses imigrantes espanhóis, maior entre os homens. Nesse caso, é provável que a escolha do marido, associada à menor liberdade feminina em relação às suas decisões se comparada aos homens, tenha recaído ao incentivo dos familiares para que se casassem com membros da própria colônia. Esse fato demonstra o quanto esses imigrantes espanhóis ainda estavam, em certa medida, ligados aos seus valores culturais de origem.

¹³¹ BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Família e imigração internacional no Brasil do passado**. Estudos de História v.2 n.2, Franca: UNESP, 1999, p. 312.

2.2 Primeiras expressões culturais espanholas em Franca: as touradas!

A cidade de Franca, no início do século XX, tinha como espaço de experiências de lazer, diante da iminente modernização e da vinda de inúmeros imigrantes, principalmente a região do centro. Nesse sentido, alguns lugares e concomitantemente suas formas de diversão propiciaram à população divertimentos ligados à apresentação de orquestras, como a Orquestra Tristão¹³², por exemplo, além dos cinematógrafos e circos. O Cine Santa Maria, o Bijou Théâtre e o Teatro Santa Clara eram espaços de diversão na cidade nesse período. O Teatro Santa Clara foi o primeiro teatro da cidade, construído na década de 1870, pelo coronel José Garcia Duarte, o Barão da Franca.¹³³

Além dessas formas de lazer demonstradas, as touradas também se faziam presentes no ideário cultural da cidade. O Almanaque da Franca de 1912¹³⁴ traz a descrição das corridas de touros como um dos divertimentos já no final do século XIX:

Lembrando uma corrida espanhola, era assinalavel o calor com que se applaudiam lances varonis e corajosos dos toureadores farpeando o toutiço herculeo dos garrótes bravios, enquanto os rapazes da terra, mostrando-se decididos aos olhos da moças nos palanquins adornados de vistosas colchas, vistosas ellas tambem, entusiasmados, batiam para o alto as abas dos chapéos resolutamente.

As touradas são tradicionais na Espanha, tendo sido regulamentadas no século XVIII, incluindo os trajes do toureiro.¹³⁵ Consistem na lida do toureiro com o touro, mais conhecida como tauromaquia. A disputa entre toureiro e touro, na qual o touro é vencido pelo uso de farpas, é habitualmente associada à cultura espanhola, assim como o flamenco. No entanto, diante das diferenças regionais da Espanha, essas manifestações culturais têm origem em regiões específicas

¹³² DAVID, Célia Maria. **Criação e interpretação musicais em Franca – Palco e Platéia (1872-1964)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p.71.

¹³³ AZEVEDO, Vereuschka de Sales. **Entre a tela e a platéia: theatros e cinemathographos na Franca da belle époque (1890 – 1930)** Dissertação de Mestrado – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2001, p.19.

¹³⁴ PALMA, VITAL. **Almanaque da Franca 1912**. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

¹³⁵ BUADES, Josep M., **Os espanhóis**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p.20.

desse país;¹³⁶ ou seja, no Brasil essas expressões culturais podem ser representativas da cultura espanhola, o que na Espanha pode ser representada mais em caráter regional que nacional.

As touradas da cidade de Franca eram realizadas aos domingos na praça do Largo das Cavalhadas. Publicava-se no jornal tanto o convite para a participação de tal evento, quanto a divulgação posterior às touradas, relatando como as mesmas haviam ocorrido. O gado era escolhido “pelo hábil toureiro Fernando Blasco” e o espetáculo lotava as arquibancadas da “aprazível praça”.¹³⁷ A habilidade do toureiro Fernando Blasco era ressaltada no Jornal Tribuna da Franca, dando indícios de que, naquele período, as touradas eram um espetáculo do qual a população da cidade se fazia presente: “[...] o gado deu sorte a valer, dando ensejo a bonitos passes do Sr. Blasco, artista de merito e já bem conhecido nesta cidade, onde por vezes tem trabalhado”.¹³⁸

Realizadas sempre aos domingos, conforme podemos observar nas notas publicadas nos periódicos locais, diversas vezes, as touradas foram adiadas em função do mau tempo e também das outras festas, como a Festa de São Benedito, por exemplo.¹³⁹ Ainda assim, esse “espetáculo” chamava a atenção do público francano:

com regular concurrencia publica realizou-se domingo ultimo a segunda corrida de touros na praça do Largo das Cavalhadas. O gado bastante melhor que da estréa deu ensejo a Fernando Blasco para metter com limpesa alguns pares de ferros, que valeram-lhe geraes applausos. [...] Infelizmente o espectáculo não terminou sem um ligeiro incidente occasionado pelo facto de ter um touro sacudido uma farpa que, certa, foi espetar-se na perna do espectador Joviano de Oliveira.¹⁴⁰

A presença das touradas na cidade, no início do século XX, demonstrou-se importante, uma vez que as divulgações através da imprensa local foram constantes. Podemos perceber que elas faziam parte do lazer da população que, como já foi dito, ocupava as arquibancadas do Largo das Cavalhadas. Além dos cinematógrafos e dos teatros que, muitas vezes, poderiam ser restritos

¹³⁶ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p. 74.

¹³⁷ Jornal Tribuna da Franca, 24 de Outubro de 1903. AHMF.

¹³⁸ Jornal Tribuna da Franca, 6 de Outubro de 1903. AHMF.

¹³⁹ Notas publicadas no Jornal Tribuna da Franca, anunciando o adiamento das Touradas, entre os meses de Novembro e Dezembro de 1903. AHMF.

¹⁴⁰ Jornal Tribuna da Franca, 13 de Outubro de 1903. AHMF.

à parcela da população que poderia usufruir e divertimentos mais caros, as touradas, por sua vez, ocorriam num espaço aberto, o que possivelmente abrangia a participação do público. A “Companhia Tauromachica” foi responsável pela organização e realização de alguns desses espetáculos na cidade no ano de 1904.¹⁴¹ A nota em que se anuncia a vinda de tal companhia ressalta que a mesma é reconhecida em outros lugares: “Sabemos que são habilitadíssimos todos os artistas que fazem parte da companhia, os quaes tem sido bastante apreciados em todos os lugares onde têm trabalhado”.¹⁴² A apresentação foi realizada no domingo, 26 de Junho de 1904, “na praça construída no largo da cadeia nova”, com excelente gado e, por isso, o jornal Tribuna da Franca desejou boa sorte aos toureiros.¹⁴³

Todavia, a partir de 1905, a imprensa local, através de seus periódicos, como no caso do jornal Tribuna da Franca, deixou de publicar notas sobre as touradas. Esse pode ser um indício de que as mesmas deixaram de ter a representatividade, enquanto espetáculo, que tinham anteriormente junto à comunidade da cidade de Franca. Há também a possibilidade de que tenha havido uma certa oposição à tauromaquia. Em Abril de 1905, o jornal Tribuna da Franca¹⁴⁴ publicou um poema de Victor Hugo a respeito das touradas, em resposta ao questionamento sobre o que era uma delas:

Em todas as corridas de touros aparecem tres feras: - o touro, o toureiro e o publico.
O grão de brutalidade de cada um desses brutos pode calcular-se pelo seguinte:
O touro é obrigado
O toureiro obriga-se
O publico vae por um acto expontaneo de sua soberana vontade e, ainda em cima, dá dinheiro.
Observae bem essa graduação:
O touro, provocado, defende-se
O toureiro, fiel ao seu compromisso, toureia.
O publico diverte-se
No touro ha força e instinto
No toureiro valor e destreza
No publico não ha senão brutalidade.

Assim, as touradas representam uma ligeira passagem da cultura espanhola na cidade no final do século XIX e início do século XX; momento em que a urbanização na cidade começou a se mostrar; período de chegada de imigrantes europeus, primeiramente, em termos numéricos, os

¹⁴¹ Jornal Tribuna da Franca, 17 de junho de 1904. AHMF.

¹⁴² Jornal Tribuna da Franca, 17 de junho de 1904. AHMF.

¹⁴³ Jornal Tribuna da Franca, 26 de Junho de 1904. AHMF.

¹⁴⁴ Jornal Tribuna da Franca, 20 de Abril de 1905. AHMF.

italianos, depois os espanhóis. Grande parte dos imigrantes espanhóis chegou à cidade entre as décadas de 1910 e 1920, ou seja, período posterior às touradas realizadas na cidade. Talvez por isso sua expressão não tenha sido extensa.

2.3 Sociedades mutualistas, culturais e recreativas: experiências sociais e culturais do imigrante espanhol na comunidade local.

Com o intuito de facilitar as condições necessárias para a adaptação dos recém-chegados e, ao mesmo tempo, propagar ideais de fraternidade, dezenas de sociedades espanholas foram fundadas em várias cidades do estado de São Paulo, como a *Sociedade Española de Socorros Mútuos*, fundada em São Paulo no ano de 1898, e a *Sociedade Española de Socorros Mútuos, Instrucción y Recreo* de Santos em 1900. Apesar das poucas informações, já que diversas entidades se fundiram ou desapareceram e, por isso, pouca documentação se restou, existiram, nos anos de 1930, diversas associações de espanhóis nas cidades de Campinas, Olímpia, Jundiaí, Brigadeiro Tobias e Franca.¹⁴⁵

A fundação dessas sociedades detinha, ao mesmo tempo, o propósito de manter um vínculo com a pátria que haviam deixado e se inserirem na cultura local. Concomitantemente, essas associações mutualistas e étnicas buscavam proporcionar melhores condições de adaptação e vida aos imigrantes espanhóis, uma vez que o Estado espanhol, talvez por problemas econômicos graves, esteve alheio à situação dos emigrados para o estado de São Paulo.¹⁴⁶ Mesmo os consulados espanhóis não cumpriam seus propósitos em território brasileiro, pois seus representantes consulares não eram escolhidos por critérios profissionais, mas sim entre os imigrantes bem sucedidos financeiramente e, por isso, pouco preocupados em defender os

¹⁴⁵ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.53-54.

¹⁴⁶ GALLEGÓ, Avelina Martínez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p.32.

interesses de seus conterrâneos.¹⁴⁷ Da mesma forma, o governo brasileiro voltou-se para a aristocracia cafeeira, cujas políticas se debruçaram no incentivo da imigração europeia como forma de trabalho que substituísse a mão-de-obra escrava, já em 1886 com a criação da Sociedade Promotora da Imigração.¹⁴⁸

De acordo com Cánovas, essas associações de imigrantes “acomodam” pessoas com diferentes histórias de vida, mas fundamentam-se “na consciência do pertencimento e na percepção das semelhanças decorrentes do compartilhar comum a um determinado processo – tal como as mudanças e adversidades provocadas pelo ato emigratório ou as motivações comuns da expatriação, por exemplo”.¹⁴⁹ Sob essa perspectiva, o fato de pertencerem a um mesmo lugar de origem e terem vivido, em sua grande maioria, as mesmas condições econômicas e sociais, fez com que, em certa medida, os vínculos fossem reforçados em um novo território. No caso da cidade de Franca, as principais associações de imigrantes espanhóis são representadas pelo Centro Español de Socorros Mútuos e pela agremiação esportiva Hespánha F.C..

A partir de 1914, começou a surgir entre os imigrantes espanhóis da cidade de Franca a ideia da fundação do Centro Español de Socorros Mútuos. Esses imigrantes, segundo Cuellar-Lopez, compreenderam que a agrupação em torno da raça, da língua que, munidos de espíritos patrióticos, nunca poderiam esquecer-se da “terra madre”, apesar de estarem tão longe.¹⁵⁰ A união de um mesmo grupo étnico representava não apenas a “conservação” da cultura a qual tinham origem, mas também um meio de se inserirem na cultura e na comunidade local: “comprendieron en la fundación de um Cénro de Socórrros Mútuos, de uma Sociedad, la vasta cultura que el representava; no solo para ellos mismos, si no tambein para la muy noble e leal Ciudad de Franca que los acogiese como a hijos”.¹⁵¹

No entanto, o autor relata que, a princípio, houve uma certa dificuldade para que a fundação do Centro Español se consolidasse. Segundo ele, esses imigrantes depararam-se com a desconfiança, desconfiança essa que fez com que o ideal de união em torno da raça se adiasse por seis anos. Entre os brasileiros, era comum uma visão deturpada do imigrante espanhol,

¹⁴⁷ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.56.

¹⁴⁸ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 64.

¹⁴⁹ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p. 290.

¹⁵⁰ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930, p. 70.

¹⁵¹ Ibid, p. 70.

na qual o espanhol é considerado um boa-vida, jogador inveterado, a ‘torrar’ dinheiro nos frontões jogando pelota, cheios de ‘ardor picaresco’ que os levava a falar demais, contar vantagens e que acabou sendo consagrada na expressão ‘espanholada’.¹⁵²

Essa imagem do imigrante espanhol pode ser consequência de diversos fatores: dentre eles, o fato de os espanhóis serem os mais pobres dentre os imigrantes europeus e, conseqüentemente, excluídos, uma grande maioria, analfabetos e, tradicionalmente, ligados a atividades agrárias, ou seja, a “cara escura do processo migratório”.¹⁵³ Desse modo, a primeira reunião entre os espanhóis, reunião essa em que se proporia a fundação do Centro Español, só ocorreria em 4 de Dezembro de 1921, na residência de Francisco Egea, localizada na rua Tiradentes, n.9. Os imigrantes, não apenas da cidade de Franca, mas também das regiões vizinhas foram convocados através de uma circular escrita por Diego Chácon Fernandez e compareceram entre cinco e seis da tarde, “dando pruebas de verdaderos mantenedores del nombre de España”.¹⁵⁴

A fundação dessa associação étnica tinha fortes indícios de que seu intuito residia na manutenção de vínculos com a pátria que haviam abandonado, na ajuda mútua e, ao mesmo tempo, na inserção na comunidade da cidade. A princípio, o Centro Español de Socorros Mútuos só poderia oferecer ajuda moral aos imigrantes e, para tanto, pedia a colaboração daqueles presentes na reunião para o êxito do bem espanhol.¹⁵⁵ O Centro não funcionaria apenas como um espaço recreativo para festas e reuniões esporádicas, mas representaria a língua, o apoio mútuo, a força e, principalmente, a justiça. Em um país estranho, essa união representaria a “raça” lutadora e magnífica do solo em que nasceram.¹⁵⁶

As festas promovidas pelo Centro Español, bem como suas demais atividades, eram divulgadas sempre em notas nos jornais locais. As festividades eram voltadas para a colônia espanhola, uma vez o convite mesmo sendo feito através dos periódicos, convidava seus associados. As suas temáticas, na maioria das vezes, remetiam à cultura espanhola. “La Fiesta de la raza”, realizada no dia 12 de Outubro de 1922, no Teatro Municipal exemplifica a premissa

¹⁵² ANTONACCI, Maria A. Martinez. MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação.** Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995, p.177-178.

¹⁵³ Ibid, p.177.

¹⁵⁴ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930, p.80.

¹⁵⁵ Ibid, p.73.

¹⁵⁶ Ibid, p. 74.

anterior. O discurso feito pelo padre Eusébio Galindo del Pilar durante a festa, segundo nota do jornal Comércio da Franca de 28 de Dezembro de 1922, “tece, com um sentimento carinhoso e sincero entusiasmo, o hymno glorificador de sua pátria e sua gente, frisando, também a necessidade da união ibero-americano”.¹⁵⁷ Ao mesmo em que mostrava o sentimento de pertencimento da colônia espanhola, o discurso do padre não deixou de ressaltar a importância da união cultural entre Espanha e Brasil, ou seja, o sentimento de pertencimento não impedia a união de valores culturais.

O dia 12 de Outubro está estritamente relacionado à cultura espanhola. Data marcada pela chegada de Cristóvão Colombo à América em 1492 e também dia de Nossa Senhora Del Pilar na Espanha. Com o intuito de unir Espanha e Ibero - América, Faustino Rodriguez San Pedro, então presidente da União Ibero-americana, criou o “dia de la raza”, instituindo em 1913 esse dia como o 12 de Outubro.¹⁵⁸ Na Argentina, esse dia “surge” em 1917 e na Venezuela em 1921. No Brasil, por sua vez, essa data não é referência na bibliografia que aborda a imigração espanhola no Brasil. Entretanto, a partir da comemoração citada anteriormente, percebe-se que a colônia espanhola da cidade de Franca estava preocupada com a valorização da “raça” espanhola e, ao mesmo tempo, com a união entre a Espanha e os países por ela colonizados e, também, com aqueles países que foram destino de espanhóis.

¹⁵⁷ Jornal Comércio da Franca, 22 de Dezembro de 1922. Museu Histórico Municipal de Franca.

¹⁵⁸ In <http://fragmentosculturais.wordpress.com/2008/06/18/o-dia-da-raca/>, acessado dia 01 de Maio de 2009.



Foto 4 - Foto da festa de inauguração do prédio do Centro Español de Socorros Mútuos. Fonte: José M.de Cullar-Lopez, España en el Brasil: Franca. Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

A data 12 de Outubro, como já foi dito, é bastante comum na realização de festas promovidas pelo Centro. O prédio, mais especificamente, a sede social do Centro Español de Socorros Mútuos, tendo, nesse período, o Sr. Castro Garcia Fernandez como presidente, foi inaugurado no dia 12 de Outubro de 1929, à Rua Thomaz Gonzaga, número 364 ¹⁵⁹. Em nota e agradecimento ao convite feito pela colônia espanhola para a inauguração do prédio o jornal Comércio da Franca de Outubro de 1929 exalta a colônia espanhola da cidade, dando indícios de que a mesma era bem vista pela comunidade da cidade de Franca :

o Centro Espanhol vem, assim, reafirmando as suas florescentes condições, sendo dos grêmios mais importantes da nossa terra. A laboriosa Colônia Espanhola deve sentir-se satisfeita com esse facto, que é mais uma demonstração da operosidade dos seus membros.

¹⁵⁹ Jornal Comércio da Franca, 12 de Outubro de 1929. MHMF.

A cerimônia de inauguração envolveu além da comunidade espanhola, personalidades da sociedade francana. Alguns aspectos dessa referida solenidade podem sugerir que a associação não estaria fechada apenas à cultura espanhola. O nome do edifício em espanhol, a bandeira espanhola e do Centro, além de sua colônia em torno dele, não impediram que personalidades como o juiz de direito da comarca Dr. João Evangelista Rodrigues e o Coronel Fulgêncio de Almeida discursassem e fossem aplaudidos.¹⁶⁰ Além disso, o prédio foi benoído pelo Frei Clemente Morradan, preservando a fé católica tão tradicional na Espanha¹⁶¹, a Banda Municipal “executou o hino nacional após a sessão inaugural”.¹⁶² A nota do jornal não especifica de que país era o hino, o que leva a crer que era o hino nacional brasileiro. Nesse caso, havia sim a preservação da cultura espanhola, mas essa mesma preservação não impedia que esses imigrantes, de certo modo, inserissem-se na comunidade local.

As festas realizadas pelo Centro Español, apesar de serem divulgadas em notas na imprensa local, enfatizando que os associados deveriam estar quites com as mensalidades para poderem participar da festividade, deixavam claro também que as pessoas “estranhas” ao Centro deveriam pagar 5\$000 de entrada. O fato de a diretoria do Centro usar na nota o termo “pessoas estranhas” em vez de simplesmente “não-associados” leva a crer que a festa tinha como prioridade o público da colônia espanhola da cidade. Conforme a nota abaixo, convidando para um baile que se realizaria no dia 14 de Agosto de 1930, podemos perceber que o convite se dirige aos associados, fazendo algumas ressalvas:

convidamos todos os sócios para o baile a realizar-se, no dia 14 do corrente mez de agosto na séde social, á rua Thomaz Gonzaga, em beneficio da Sociedade. Avisamos que o socio que não estiver quites nas suas mensalidades, terá que pagar 5\$000 de entrada, assim como as pessoas estranhas ao Centro. As senhoras e famílias dos socios terão entrada gratis. Terão, mais, entrada livre, os representantes de sociedades, autoridades e imprensa local.¹⁶³

A Festa da Raça, realizada em 12 de Outubro de 1930, na sede social do Centro Español de Socorros Mútuos, apesar de ter como cerne a união ibero - americana conforme já foi

¹⁶⁰ Jornal Aviso da Franca, Outubro de 1929. AHMF.

¹⁶¹ SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p.30.

¹⁶² Jornal o Aviso da Franca, Outubro de 1929. AHMF.

¹⁶³ Jornal Comércio da Franca, 10 de Agosto de 1930. MHMF.

dito anteriormente, pode ao mesmo tempo ser vista como um claro exemplo de que a inserção na comunidade local tinha suas particularidades. O dia de comemoração da “raça” espanhola na cidade de Franca teve início com a queima de fogos às seis da manhã e hasteamento da bandeira do Centro Español. À noite, foi realizado um leilão de prendas e, logo após, o baile.¹⁶⁴ Apesar de aberto à comunidade francana, o anúncio no jornal faz uma ressalva no que diz respeito ao baile: “baile familiar, sendo franca a entrada, reservando-se a diretoria o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente”.¹⁶⁵ O fato de os bailes terem suas datas publicadas em periódico local não significa que os imigrantes espanhóis, estabelecidos na cidade de Franca, estivessem totalmente inseridos na comunidade local, como pode ser erroneamente subentendido. Na maior parte dos bailes, o convite voltou-se para os associados do Centro Español e os que foram “abertos” à comunidade local ficou reservado à diretoria o direito escolher que entrava ou não; ou seja, cabia a esses membros que representavam a colônia espanhola decidir quem poderia fazer parte dela e não o contrário.

O carnaval, uma das festas que representam a identidade nacional brasileira, também envolveu a colônia espanhola da cidade de Franca. Essa festa era inicialmente no Brasil e, especificamente na cidade de Franca, uma festa popular em que as pessoas iam para as ruas e, já no início do século XX, essa comemoração

era o momento em que se realizavam os ‘renhidos’ combates nos jardins e pontes da cidade, quando os jovens travavam guerras de limões e laranjinhas ou, até mesmo, baldes de água. No tempo em que as lojas vendiam máscaras, confetes, serpentinas e até mesmo lança-perfume.¹⁶⁶

A partir do Estado Novo, diversas mudanças ocorreram em torno do carnaval e do samba. O samba deixou de ser música marginalizada para transformar-se em ritmo nacional por “excelência” durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, sendo reflexo da intensa busca pela identidade e pela nacionalidade brasileiras que se estendeu à música e à cultura nas décadas iniciais do século XX. O crescimento da divulgação do samba pelas gravadoras, pelos programas de rádio e pelos teatros de revista, em concomitância com a Revolução de 1930, ocasionou o

¹⁶⁴ Jornal Comércio da Franca, 5 de Outubro de 1930. MHMF.

¹⁶⁵ Jornal Comercio da Franca, 5 de Outubro de 1930. MHMF.

¹⁶⁶ BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória Urbana de Franca: Centro (1805-1995)**, Franca: Prefeitura Municipal: Fundação “Mário de Andrade”, 1996, p. 87.

interesse de se usar o samba como instrumento de veiculação da propaganda nacional. O malandro, “um ser na fronteira” sempre associado ao seu estilo de vida boêmio, transitava entre o mundo da “ordem” e o da “desordem” propiciado pelo Estado.¹⁶⁷

Além disso, a censura passou a instaurar diversas medidas que recaíam sobre as comemorações carnavalescas, quando “os bailles publico só poderão ser realizados mediante autorização da Secretaria de Segurança Publica”, “as passeatas, blocos, cordões, ranchos e outros agrupamentos carnavalescos só poderão sahir às ruas mediante licença da Secção” e “os bailes carnavalescos só terminarão às 4 horas da madrugada, salvo ordem especial da autoridade de serviço no local”.¹⁶⁸

O Centro Español de Socorros Mútuos realizou diversos bailes voltados para essa temática. No entanto, há que se considerar que essas mesmas comemorações remetiam à cultura espanhola. Os cordões de carnaval formados por essa associação espanhola geralmente faziam menção a um traço específico da cultura espanhola. O Baile de Aleluia realizado no dia 11 de Abril de 1936, trouxe o cordão carnavalesco denominado “Espanholinhas”. Embora a festa tivesse repercussão na comunidade local, a sua temática mostrou o sentimento de pertencimento desses imigrantes em relação à sua pátria de origem e, ao mesmo tempo, mostra-nos que os vínculos não foram totalmente desfeitos. A foto 5 pode elucidar tal questão. As vestimentas dos membros do cordão são tradicionalmente espanholas, além disso, ao fundo, observa-se a bandeira da Espanha.

¹⁶⁷ CUNHA, Fabiana Lopes da, **Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade**. São Paulo: Annablume 2004, p. 160.

¹⁶⁸ Jornal Comércio da Franca, 20 de Fevereiro de 1938. MHMF.



Foto 5 - Cordão de Carnaval do Centro Español de Socorros Mútuos.
Fonte: Jornal Comércio da Franca, Abril de 1936. MHMF.

Os bailes eram uma constante no Centro Español de Socorros Mútuos. Foram realizados ao menos dois bailes por mês entre os anos de 1929 e 1939, uma vez que, a partir desse ano, a participação dessa associação começou a ter menor representatividade nos periódicos locais. Tradicionais à cultura espanhola, ou não, esses bailes promoveram, de certa forma, a união desses imigrantes espanhóis associados e envolvidos com o Centro Español e, ao mesmo tempo, possibilitou a inserção dos mesmos na comunidade francana. Voltadas principalmente aos seus associados espanhóis, as festas tinham temáticas variadas que poderiam remeter ou não à cultura espanhola. Grande parte das “partidas dançantes” promovidas pelo Centro Español teve a participação da banda “Jazz Esporte”. Em um desses bailes, por exemplo, a renda foi revertida para a banda.¹⁶⁹

Além das “partidas dançantes” e dos saraus literários, os bailes de carnaval e as festas juninas fizeram parte do cronograma do Centro Español. Os bailes de carnaval e bailes de aleluia eram comuns à fantasia e ao som da banda Jazz Esporte, como o de carnaval do dia 18 de Fevereiro de 1933, que marcou a inauguração do palco do “espaçoso salão” do Centro.¹⁷⁰ As

¹⁶⁹ Jornal Comércio da Franca, 8 de Maio de 1932. MHMF.

¹⁷⁰ Jornal Comércio da Franca, 18 de Fevereiro de 1933. MHMF.

notas dos jornais enalteciam os bailes carnavalescos promovidos por essa associação: “também estiveram brilhantes os bailes da Sociedade Hespanhola. O ‘Jazz Urano’, organizado há pouco, esteve bom. Os cordões foram de sucesso esplendido. Principalmente o ‘Segure na mão’”.¹⁷¹ As tradicionais festas do mês de Julho também foram devidamente comemoradas pelos imigrantes espanhóis da referida associação na cidade de Franca. Os bailes nas vésperas dos dias de São João e São Pedro aconteciam para os associados. Desse modo, em nota que divulgava tal evento, diz-se:

estão marcados para os dias 23 e 28 do corrente, respectivamente véspera de S. João e S. Pedro, os bailes à caipira do Centro Espanhol, que promettem ser empolgantes. Para brilhantismo da festa, pede-se o comparecimento de todas as senhoritas e cavalheiros, em trajes à caipira. Haverá cordões e quadrilhas, organizados pelo Del Monte. Ninguém, pois, deve perder essas noites de S. João e S. Pedro, no Centro Espanhol.¹⁷²

O fato de o imigrante espanhol ser visto como um imigrante “invisível” e devido a isso ser considerado o grupo étnico europeu de maior inserção na cultura brasileira e, mais especificamente, na comunidade da cidade de Franca, leva ao detrimento de diversas expressões culturais e sociais desse grupo. A partir do que já foi visto até o momento, percebemos que houve uma devida inserção na comunidade local e na cultura brasileira, demonstrada pelos bailes de carnaval e juninos. No entanto, conforme já foi explicitado anteriormente, grande parte dessas festas foi voltada aos associados do Centro Español, uma vez que o próprio recibo de contribuição poderia ser usado como convite¹⁷³ e, também, as notas divulgadas na imprensa local, na maioria das vezes, citavam que o Centro convidava seus associados para os bailes¹⁷⁴. Além disso, as festas, em certa medida, tinham a temática e as datas comemorativas voltadas especificamente para a cultura espanhola. Nesse sentido, essas premissas contradizem o fato de o espanhol ter-se inserido facilmente na cultura brasileira e, conseqüentemente, não ter deixado nela sua “marca”.

A premissa de que os espanhóis foram os imigrantes europeus que se inseriram mais facilmente na cultura brasileira é habitualmente abordada na historiografia da imigração para o

¹⁷¹ Jornal Comércio da Franca, 10 de Março de 1935. MHMF.

¹⁷² Ibid, 17 de Junho de 1934. MHMF.

¹⁷³ Ibid, 29 de Maio de 1932. MHMF.

¹⁷⁴ De um modo geral as notas publicadas pelo Centro Español de Socorros Mútuos no Jornal Comércio da Franca eram convites voltados para a comunidade espanhola da cidade, representados nesse caso pelos membros da referida associação e seus familiares.

Brasil. Para Klein é impressionante a integração invulgarmente rápida desses espanhóis à sociedade mais ampla, “é evidente que os espanhóis integraram mais rapidamente à cultura dominante e se associaram mais completamente às instituições nativas do que qualquer outro grupo importante de imigrantes”.¹⁷⁵ Klein ressalta ainda duas importantes características desse grupo étnico: a endogamia e a dispersão.¹⁷⁶ Ao tratar dos imigrantes espanhóis no Brasil e suas relações com a Guerra Civil Espanhola, seja na criação de Centros Republicanos ou no engajamento propriamente dito, Souza afirma que os espanhóis são considerados um grupo de fácil assimilação à cultura nacional e desejáveis do ponto de vista racial.¹⁷⁷ Porém, segundo Cánovas, “não existe em síntese a assimilação total de uma de uma cultura pela outra”,¹⁷⁸ ou seja, o fato de se integrarem às expressões culturais locais não impede que o sentimento de pertencimento a um grupo étnico seja incompatível com essa referida integração.¹⁷⁹ Nesse caso, a participação efetiva da colônia espanhola na comunidade local, explicitada a partir das festas e bailes não impediu que muitas dessas mesmas comemorações tivessem referências à cultura espanhola.

Pouco se sabe da participação efetiva das diretorias do Centro Español de Socorros Mútuos, uma vez que não foi possível encontrar toda a documentação referente a ele. Além da promoção de festas, essa associação tinha também caráter mutualista e, por isso, há o indício de que o Centro prestava auxílio aos seus associados. Em nota publicada em periódico a diretoria convidou “todos os associados portadores de notas promissórias para assembléa que se realizará, a 1 de Janeiro de 1933, às 14 horas na sede social, afim de se tratar de assumpto de summa importancia e relativos às promissórias”¹⁸⁰, o que indica que existia alguma circulação monetária entre o Centro Español de Socorros Mútuos e seus associados.

Algumas notas publicadas em periódicos locais permitem apenas averiguar a eleição e posse das diretorias, mas atas de assembléia, por exemplo, não foram publicadas e, por isso, não podemos compreender o funcionamento interno dessa associação. Dentre aqueles espanhóis que participaram da primeira reunião, reunião essa decisiva para a fundação do Centro em 1921,

¹⁷⁵ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.91-93.

¹⁷⁶ Ibid, p. 91-93.

¹⁷⁷ SOUZA, Ismara Izepe de. **República Espanhola: um modelo a ser evitado**. Módulo IV – Espanhóis. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001, p.46.

¹⁷⁸ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.441.

¹⁷⁹ Ibid, p.441.

¹⁸⁰ Jornal Comércio da Franca, 27 de Novembro de 1932. MHMF.

muitos se mantiveram como membros da diretoria ou como associados. A partir da tabela 5, obtida através de notas publicadas nos periódicos locais, podemos perceber as diretorias que foram eleitas para o Centro e, ao mesmo tempo, observar a mudanças dos membros nos cargos entre os anos de 1930 e 1937, já que nem toda eleição e posse de nova diretoria eram publicadas em jornal.

Tabela 5 – Diretorias do Centro Español de Socorros Mútuos.

Cargos	1930	1935	1936	1937
Presidente	Castro Garcia Fernadez	Antonio Domenech Cortez	Antonio Domenech Cortez	Frederico de Castro
Vice-presidente	Valentino Miron	Matheus Garcia Robles	Alfonso Solas	Antonio Domenech Cortez
Tesoureiro	André Fernandez Garcia	Castro Garcia Fernadez	Antonio Granero Garcia	Antonio Granero Garcia
2º Tesoureiro	Manoel Maturana	Pedro Barnabé Cortez	Pedro Barnabé Cortez	Castro Garcia Fernadez
Secretário	José Utrera	Francisco Fernandez Sanchez	Francisco Fernandez Sanchez	Francisco Fernandez Sanchez
2º Secretário	João Pedro Pardo	André Fernandez Garcia	João Pedro Pardo	Matheus Garcia Robles

Fonte: notas publicadas no jornal Comércio da Franca entre os anos de 1930 e 1937.

De acordo com a tabela 5, notamos que os cargos foram ocupados, em alternância, pelos mesmos imigrantes espanhóis, ou seja, mudaram apenas de função, permanecendo como membros das diretorias dos anos mostrados. Nesse sentido, percebemos que alguns imigrantes foram membros em quase todas as gestões das diretorias, como Castro Garcia Fernadez, Antonio Domenech Cortez e Francisco Fernandez Sanchez. De acordo com Souza, grande parte dos espanhóis participava dessas associações somente em ocasiões especiais, como festas e bailes.¹⁸¹ A direção desses centros, por sua vez, “ficava quase sempre a cargo, ou de imigrantes bem sucedidos financeiramente ou, em outros casos, de espanhóis reconhecidos por suas atividades junto aos movimentos de contestação política”.¹⁸²

¹⁸¹ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005. p.42.

¹⁸² Ibid, p.42.

Dentre os membros das diretorias do Centro, no entanto, grande parte deles não era bem sucedida financeiramente, pois seus inventários não foram encontrados, o que pode significar que não possuíam bens ou que essa documentação pode ter-se perdido ao longo do tempo. No inventário de Francisco Fernandez Sanchez, secretário do Centro, o único bem relatado é uma casa de morada em mau estado.¹⁸³ Antonio Domenech Cortez, por exemplo, também possuía uma casa de morada.¹⁸⁴ André Fernandez Garcia, segundo Cullar-lopez, dedicava-se ao comércio e Castro Garcia Fernandez à indústria.¹⁸⁵ Desse último membro, todavia, não foi encontrado o inventário que comprovasse se ele trabalhava na indústria ou se a possuía. Em suma, é nítido que esses membros poderiam ter uma certa influência dentro da colônia espanhola, mas essa influência pode ter se dado por outros fatores que não econômicos.

A comunidade espanhola do município de Franca não esteve imune aos acontecimentos mundiais e nacionais, que a afetaria e influenciaria de um modo geral, não apenas através do Centro Español. Isso ocorreria diante das mudanças políticas de Getúlio Vargas, atreladas principalmente à Guerra Civil Espanhola. Ligados tanto à política imigrantista de Vargas, justamente por estarem estabelecidos em território brasileiro, quanto à política espanhola por ser o país ao qual se identificavam culturalmente, os imigrantes erradicados em Franca sofreram as consequências das mudanças no cenário político nacional e espanhol. Convém, diante disso, compreender até que ponto esses eventos mudaram a vida desses imigrantes e como os mesmos incidiram sob as suas associações étnicas na cidade de Franca. Assim, essa efervescência política e social, tanto brasileira quanto espanhola, poderá ser vista através de notas publicadas no jornal Comércio da Franca, percebendo, dessa forma, em que medida a imprensa local se envolveu com a política nacionalista de Getúlio Vargas e com a Guerra Civil Espanhola, além do reflexo de ambas sobre a comunidade local.

Durante o Estado Novo, diversas medidas foram tomadas em relação aos imigrantes e, principalmente no que diz respeito às suas atuações social e política. Diante do Decreto 3010 de 1938, a política da imigração passa por mudanças, ao mesmo tempo, a “supervisão” do Estado acerca das atividades sociais e políticas dos imigrantes espanhóis adquirem novos formatos. O referido decreto, além de estabelecer quotas de entrada de imigrantes, ao mesmo tempo, impedia a entrada de imigrantes “nocivos” ao estabelecimento e ordem da política vigente. A ameaça

¹⁸³ Inventário, Caixa 111, 1º Ofício Cível, Processo 77. AHMF.

¹⁸⁴ Inventário, Caixa 59, 1º Ofício Cível, Processo 123. AHMF.

¹⁸⁵ CUELLAR-LOPEZ, José M. de. **España en el Brasil: Franca**, 1930, página sem numeração.

comunista se fazia presente no país desde o levante de 1935, quando os comunistas se tornaram principais inimigos da Segurança Nacional, uma vez que o Governo Vargas se negava a aceitar a pluralidade partidária, ou seja, a existência e permanência de um partido comunista.¹⁸⁶ Decretado o Estado de Guerra em 1936, é nítida a fragilidade da República Brasileira, que acaba por garantir o golpe de Estado com apoio das forças armadas.¹⁸⁷

O autoritarismo e a simpatia de Getúlio Vargas ao modelo nazi-fascista europeu, em contrapartida à situação política da Espanha com o advento da Guerra Civil Espanhola, agravam a posição do governo diante dos imigrantes espanhóis. As eleições de 1936 seriam o prenúncio de um conflito que estaria por vir na Espanha. As esquerdas, unidas numa Frente Popular, venceram as eleições e colocaram em prática políticas como a reforma agrária, diminuição dos privilégios da Igreja e dos oficiais do Exército, o que fez com que as classes conservadoras logo vissem nesse novo governo uma ameaça “comunista”.¹⁸⁸ Diante dessa situação política, os militares e as classes conservadoras almejavam um golpe no Estado que se transformou em guerra civil, sob o comando do general Francisco Franco, que ficou no poder de 1939 a 1975, quando morreu.¹⁸⁹

Nesse período,

palco de uma luta fratricida, a Espanha assumiu aos olhos do mundo uma importância decisiva, visto que os ideais defendidos pelos grupos em conflito permeavam o imaginário coletivo mundial. O conflito espanhol transformou-se em elemento de referência para a afirmação de um conjunto de valores éticos, morais e políticos sujeitos à generalizações de todos os tipos. Ambos os lados, republicano e nacionalista, foram vítimas de estereótipos que, inseridos nos discursos políticos, prestavam-se a subsidiar atos repressivos.¹⁹⁰

A repercussão da Guerra Civil Espanhola fez com que as opiniões se dividissem entre nacionalistas, que prezavam pela manutenção de privilégios ameaçados pelas políticas implantadas pela nova república, e os republicanos desejosos de mudanças sociais. A colônia espanhola erradicada no Brasil também se dividiu diante das posições políticas, sendo essa

¹⁸⁶ SOUZA, Ismara Izepe de. **República espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001, p. 18.

¹⁸⁷ Ibid, p.18.

¹⁸⁸ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p.27.

¹⁸⁹ Ibid, p.27.

¹⁹⁰ Ibid, p.28.

questão uma das causas de sua fragmentação.¹⁹¹ Ao mesmo tempo, o governo Vargas viu nesses imigrantes e nas suas associações étnicas uma ameaça para o avanço comunista no país.

A mobilização para a Guerra Civil dos imigrantes espanhóis no Brasil foi pequena se comparada a outros lugares em que esses imigrantes também viviam. A mobilização no Brasil consistiu na promoção e organização de festas, como o “Grupo Dramático Hispano Americano” que realizou festivais de teatro com a renda revertida para os compatriotas envolvidos com a guerra civil.¹⁹² Os imigrantes estabelecidos na Argentina, por sua vez, foram os que mais sofreram o impacto da guerra civil, a ponto de gerar uma polarização ideológica que se fez sentir em vários setores da sociedade. Isso se deu devido às vinculações econômicas e culturais da Argentina com a Espanha, ao contrário do Brasil que, além do distanciamento cultural, havia o discurso anticomunista de Vargas que impedia a manifestação dos republicanos.¹⁹³

Na cidade de Franca, pouco foi publicado na imprensa local acerca da Guerra Civil Espanhola, haja vista que havia a censura no Estado Novo, colocada em prática pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que representava um projeto de hegemonia cultural e dominação política.¹⁹⁴ A imprensa nacional assumiu uma postura parcial, posicionando-se a favor de um dos lados conflitantes. Mas, com a censura, os jornais de grande expressão nacional se encarregaram de divulgar uma imagem positiva dos nacionalistas, ficando as notícias sobre o conflito e as posturas anti e pró-republicanas a cargo dos periódicos produzidos pela colônia espanhola.¹⁹⁵ Assim, as notas divulgadas a esse respeito nos periódicos da cidade de Franca apenas fazem menção ao conflito civil na Espanha. Algumas notas fazem referência à instabilidade política no país, mas sem mostrar nenhum posicionamento ou a gravidade da situação.

As associações étnicas das quais a comunidade espanhola fazia parte, também se posicionaram e se divergiram entre nacionalistas e republicanos. Mesmo não se engajando

¹⁹¹ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p. 35.

¹⁹² Ibid, p.55.

¹⁹³ Ibid, p.66-67.

¹⁹⁴ GUIMARÃES, Silvana Goulart. **Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo: o DIP e o DEIP.**Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984. p.197.

¹⁹⁵ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p.87.

diretamente no conflito, muitos espanhóis se mobilizaram a favor de seus compatriotas e criaram diversas associações denominadas Centros Republicanos, com o “intuito de promover atividades como festas e reuniões que pudessem auxiliar material e moralmente seus compatriotas republicanos”.¹⁹⁶ Essas associações passaram, então, a ser alvos da perseguição a partir do Estado Novo, que as tinha como uma ameaça à integridade política nacional, uma vez que esses defensores da república espanhola poderiam propagar o ideal comunista e ameaçar a nacionalidade brasileira.

Em 1937, o delegado de Ordem Social Venâncio Ayres atentou para a necessidade de se fechar todas as organizações espanholas do Estado de São Paulo, principalmente os Centros Republicanos, por serem vistos como “células comunistas”, dentre eles, estavam os centros de Santos e Sorocaba.¹⁹⁷ Fazia parte das medidas de coerção a essas associações étnicas, por parte da Superintendência de Ordem Política e Social, o decreto 383. Esse determinava a proibição de qualquer atividade política de estrangeiros, organizações de sociedades e fundações de caráter político, ostentação ou uso qualquer símbolo de partidos políticos estrangeiros, fazer desfiles e passeatas com fins políticos, além de jornais e revistas de mesmo cunho.¹⁹⁸

Na cidade de Franca, não houve, pelo que se tem notícia, a criação de algum Centro Republicano. Além da preocupação política e partidária do decreto, havia ainda a premissa de inserção do imigrante estrangeiro à cultura brasileira. Na década de 1930, o discurso nacionalista recaiu sobre as comunidades de imigrantes, vistas como verdadeiros quistos raciais e culturais impeditivos da construção da nacionalidade.¹⁹⁹ Uma coluna publicada no jornal Comércio da Franca de Abril de 1938, deixou claro o discurso oficial no que diz respeito à manutenção de valores culturais extremamente relacionados ao país de origem, principalmente quando se tratava de filhos de imigrantes nascidos no Brasil, que mesmo sendo filhos de espanhóis não poderiam participar dessas associações por terem nascido em solo brasileiro:

é possível que essa restrição seja mal recebida a principio, em certos círculos. Mas a verdade é que ella se reveste de uma accentuada importancia no sentido de evitar a acção desnacionalizadora que exercem, no nosso seio, os ambientes

¹⁹⁶ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)**, São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p.19.

¹⁹⁷ SOUZA, Ismara Izepe de. **República espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001, p.43.

¹⁹⁸ Jornal Comércio da Franca, 24 de Abril de 1938. MHMF.

¹⁹⁹ SOUZA, Op cit, p. 43.

extrangeiros em que o sentimento da mãe-pátria é muito accentuadamente cultivado, com participação dos descendentes, embora já nascidos em solo brasileiro.²⁰⁰

De acordo com Gallego, o decreto 383 afetou todas as associações estrangeiras no Brasil, sendo que o primeiro reflexo desse decreto foi a demissão de alguns associados que eram filhos de espanhóis nascidos no Brasil;²⁰¹ ou seja, todo o discurso do governo federal sobre os filhos de imigrantes estava permeado, na verdade, numa das mais marcantes estratégias de Getúlio Vargas no Estado Novo: o nacionalismo.

como herdeiros que somos de uma grande terra, que tanto custou aos nossos antepassados para conquistar e defender, temos o inclinável dever de tudo fazer porque essa terra se prestigie e se faça respeitada aos olhos do mundo, aqui formando, para esse fim, uma nacionalidade definitiva, consolidada, que tenha bem viva a noção de patriotismo e a consciência de sua obrigação para com a pátria.²⁰²

Havia ainda o intuito de que o imigrante se inserisse na cultura do país, sendo o discurso do governo voltado para a “tradição de assimilação e mestiçagem demarcadoras da nacionalidade”.²⁰³ O discurso é permeado pelo sentimento de gratidão que o imigrante deveria ter com a pátria que o acolhera:

o sentimento de lealdade e de reconhecimento para com esta terra que os recebeu de braços abertos e onde encontraram, em quase totalidade, a felicidade e a prosperidade, certamente ditará aos elementos estrangeiros radicados no Brasil a atitude mais feliz que por ora podem tomar: acatar e cumprir religiosamente as determinações emanadas do nosso governo, a seu respeito.²⁰⁴

O Centro Español de Socorros Mútuos, como já foi dito anteriormente, manteve-se ligado às tradições espanholas, através dos bailes e festas realizadas ao longo de sua existência. Em certa medida, não houve manifestações de cunho político seja republicano ou falangista que tenha sido notícia nos periódicos. A falange espanhola foi a denominação com a qual ficou conhecido o movimento que se aliou aos nacionalistas na Espanha durante a Guerra Civil.

²⁰⁰ Jornal Comércio da Franca, 24 de Abril de 1938. MHMF.

²⁰¹ GALLEGO, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p.35.

²⁰² Jornal Comércio da Franca, 24 de Abril de 1938. MHMF.

²⁰³ SEYFERTH, Giralda Apud Souza, Ismara Izepe de. **República espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001, p.46.

²⁰⁴ Jornal Comércio da Franca, 24 de Abril de 1938. MHMF.

Algumas das propostas falangistas podem ser consideradas de cunho fascista, como o estabelecimento de um Estado totalitário e exaltação à pátria.²⁰⁵ O que diferenciava a Falange Espanhola do movimento nacionalista nazista e fascista era a sua relação com a Igreja Católica. O intuito de Franco era defender os valores católicos e manter a posição privilegiada da Igreja.²⁰⁶ Sendo assim, a Igreja foi a principal apoiadora e divulgadora da propaganda anti-republicana.²⁰⁷

Tradicionalmente católicos, ao que tudo indica esses imigrantes espanhóis se mantiveram da mesma forma na cidade de Franca. Em diversos eventos a Igreja se fez presente na participação de padre e freis, que discursavam, como Frei Eusébio Del Pilar na “Fiesta de la raza” ou Frei Clemente Morradan na inauguração da sede do Centro Español de Socorros Mútuos. Nesse sentido, Frei José de Gonhi foi um religioso de grande representatividade, não apenas na colônia espanhola, mas também dentro do Centro Espanõl. Ao deixar a cidade em 1935 o religioso foi homenageado pela comunidade da cidade, com missa na Igreja Matriz e pela “operosa e distinta colonia hespanhola local” na sede da agremiação, onde os associados prestaram as devidas homenagens ao frei.²⁰⁸

Outra importante demonstração da forte ligação da colônia espanhola com a Igreja Católica se fez ao fim da Guerra Civil Espanhola em Abril de 1939, com a vitória nacionalista que deu início à era de Franco.²⁰⁹ Esse fato se repercutiu na cidade de Franca e envolveu a colônia espanhola e a comunidade local. A vitória nacionalista foi comemorada:

a laboriosa colonia hespanhola localizada neste município comemorou festivamente a vitória das armas nacionalistas na Hespanha, fazendo celebrar, às 9 horas da manhã do dia 14 do corrente, na Egreja Matriz local, uma solene missa, com “Te Deum Laudamos”, rezada pelo Eximo. Dr. João Laureano, D.D. Vig. Geral da Diocese, e durante a qual orou o notável orador sacro Conego Francisco Assis de Barros. A cerimonia religiosa foi assistida por numerosas pessoas, tanto pertencentes á colonia como extranhas á mesma.²¹⁰

²⁰⁵ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)**, São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p.71.

²⁰⁶ Ibid, p.82.

²⁰⁷ Ibid, p.82.

²⁰⁸ Jornal Comércio da Franca, 6 de Outubro de 1935. MHMF.

²⁰⁹ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)**, São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p.183.

²¹⁰ Jornal Comércio da Franca, 16 de Abril de 1939. MHMF.

Porém, o fato de a colônia espanhola ter comemorado a vitória nacionalista na Espanha não significa que todos os imigrantes espanhóis tiveram esse posicionamento em relação à Guerra Civil Espanhola. De acordo com Martinez, “os representantes nacionais pediram aos párocos espanhóis que informassem sobre a composição ideológica de seus paroquianos”.²¹¹ Havia a pressão política do Estado Novo sobre esses imigrantes espanhóis, a qual temia e reprimia qualquer demonstração política ligada às esquerdas, como comunismo e anarquismo, havia o temor de que se fossem presos pelo governo brasileiro seriam enviados à Espanha e fuzilados pelas forças franquistas.²¹² Além disso, o principal propósito das associações mutualistas era o apoio aos emigrados espanhóis, bem como a expressão e manutenção da cultura de origem em um novo território.

Diante disso, muitos membros dessas associações preferiram se manter neutros diante da Guerra Civil como, por exemplo, a “Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos” de São Paulo que, diante de uma divergência ideológica entre seus membros, aproveitou-se do regulamento da sociedade que era favorável à neutralidade política.²¹³ Assim, esses acontecimentos na Espanha geraram divergências na colônia espanhola estabelecida no Brasil que, já acentuada pelas diferenças regionais, fizeram com que ela se fragmentasse ainda mais.

A manutenção dessas associações étnicas e mutualistas, por sua vez, era feita a partir da contribuição de seus associados. Segundo Martinez, uma característica dessas associações era a fragilidade econômica, demonstrada pelo pequeno número de associados.²¹⁴ A composição dos associados era, na sua maioria, de “gente simples que sofria a alternância de um mercado de trabalho instável e descontínuo”.²¹⁵ Para Klein, as estatísticas fornecidas pelo governo estadual de São Paulo sugerem que as sociedades beneficentes espanholas tinham menos membros e recursos mais modestos que as sociedades italianas e portuguesas.²¹⁶ A Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos em São Paulo tinha 84 associados no momento de sua fundação em 1898 e 973 em 1927, enquanto havia 50 mil imigrantes espanhóis no Estado de São Paulo.²¹⁷ Às vezes, não havia

²¹¹ MARTÍNEZ, Elda E. Gonzalez. **O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis**, p.270. In Fazer a América, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

²¹² GALLEGÓ, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p.33.

²¹³ Ibid, p.31.

²¹⁴ MARTÍNEZ, Op cit, p.262.

²¹⁵ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.292.

²¹⁶ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.90.

²¹⁷ Ibid, p. 262-263.

recursos nem para a publicação de informes em periódicos.²¹⁸ Não é possível saber o número de associados do Centro Español de Socorros Mútuos em Franca, já que a documentação não foi encontrada. No entanto, podemos perceber que a vida econômica dessa associação foi determinante para que ela se findasse.

Em convocações dos associados para assembleias no Centro Espanõl, feitas através dos periódicos locais, faz-se clara a sua situação econômica. Em nota do dia 6 de Julho de 1939, no Jornal Comércio da Franca, o presidente Frederico Castro convocou todos os sócios e membros da colônia espanhola da cidade para assembleia, que se realizaria na sede da associação:

afim de serem tratados assuntos de urgente importância, entre os quais aquele que se refere ao patrimônio do Centro e pagamentos de seus compromissos. Sendo esse o segundo aviso feito aos interessados, a Junta Diretora com qualquer numero decidirá, de acordo com a Assembléia Geral, sendo considerada definidas essas resoluções.

Fica evidente que o número de membros nas assembleias era pequeno, uma vez que, na própria convocação para a assembleia, foi enfatizado que as decisões seriam tomadas com qualquer número de pessoas presentes na referida assembleia. Além disso, diversas convocações foram feitas em um curto período de tempo para se tratar do mesmo assunto, o que evidencia o pouco interesse da comunidade espanhola em relação ao Centro Español naquele momento. Afirmando categoricamente que essa seria a terceira e última convocação, o presidente Frederico Castro expôs em Agosto de 1939:

não tendo havido numero legal para que a Assembléa pudesse deliberar na reunião de 16 de Julho p. passado, ficam convidados novamente os associados e todos os membros da Colonia Espanhola que se interessarem pelos destinos do Centro, a comparecerem á terceira reunião convocada para dia 13 do corrente a ser levada a efeito ás 13 horas, na Séde do Centro Espanhol.²¹⁹

O principal assunto em questão nas referidas assembléias diz respeito à venda dos bens do Centro para o pagamento de dívidas, inclusive do próprio imóvel que já havia recebido ofertas de pagamento. Em mesma nota, Frederico de Castro elucida tal questão:

²¹⁸ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.292.

²¹⁹ Jornal Comércio da Franca, 10 de Agosto de 1939. MHMF.

o assunto principal a ser tratado é o que se refere à venda dos bens do Centro para o pagamento de seus compromissos. Entre os compradores, a melhor oferta pelo imóvel onde está a nossa sede foi a de 13:000\$000 (treze contos de reis) correndo todas as despesas de escritura por sua conta.²²⁰

A frágil situação econômica do Centro Español de Socorros Mútuos, o pouco interesse da colônia espanhola em relação a ele, perceptível a partir das reiteradas convocações feitas nos periódicos locais, nos leva a crer que o mesmo tenha se findado no ano de 1939, quando foram anunciados a proposta de venda e o valor da compra do prédio que era sede dessa associação, uma vez que não foi feita mais nenhuma referência sobre ele. Associadas a esses fatores havia ainda as diferenças regionais e as divergências geradas dentro da colônia em consequência da Guerra Civil Espanhola entre os anos de 1936 e 1939, que tiveram como consequência a dispersão desses imigrantes. Havia ainda a repressão do governo brasileiro às associações estrangeiras, que se intensificaram a partir da Segunda Guerra Mundial, o que serviu como “golpe de misericórdia para apagar nos associados o ímpeto que se notava no início”.²²¹

Essas associações étnicas, algumas mutualistas como o Centro Español de Socorros Mútuos, procuravam “imprimir nos emigrados uma consciência de pertencimento étnico por meio de construção cultural da etnicidade, o que se dará prioritariamente na conjuntura das emigrações em massa”.²²² Nesse sentido, além do referido Centro, houve ainda na cidade de Franca um time de futebol da colônia espanhola estabelecida nessa localidade, o Hespanha F.C.. Diversos jogos de futebol foram realizados, já que o time participava de vários campeonatos da região. Mas, o que fica mais evidente em toda a história dessa associação é a realização de inúmeras festas e bailes, exemplos nítidos do sentimento de pertencimento desse segmento da colônia espanhola.

Fundado em 1932, o Hespanha F.C. disputou jogos com a Francana e o Fulgêncio, times locais e o Palestra Itália, de Ribeirão Preto. Em jogo realizado em Março de 1937, no estádio da Francana, o Hespanha F.C. disputou com o time Selecionado de Cor a taça Franca Moderna, oferta do senhor Moura Mattos, proprietário de casa comercial da cidade, vencendo o

²²⁰ Jornal Comércio da Franca, 10 de Agosto de 1939. MHMF.

²²¹ GALLEGO, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p.36.

²²² CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p. 299.

jogo e, conseqüentemente, o campeonato ²²³, demonstrando dessa forma a importância que o time de imigrantes espanhóis tinha no esporte local. Em Janeiro de 1937, a agremiação comemorou, junto à sua diretoria e sócios, seu quinto aniversário de fundação, noticiado em periódico local:

a 23 do corrente, sabbado proximo commemorará o quinto anniversario da sua fundação a sympathica e tradicional aggremação esportiva Hespanha F.C., que representa nesta cidade a briosa colonia hespanhola. [...] A sua praça esportiva, cuja construcção prosegue no altos da Cidade Nova, será incontestavelmente, depois de prompta, uma das melhores da cidade.²²⁴

A organização de bailes e saraus merece destaque, não apenas pela quantidade expressiva entre os anos de 1932 e 1940, período marcado por pelo menos um baile mensal, mas também por demonstrar um pouco da cultura espanhola mantida na cidade. Dentro da colônia espanhola, era comum a formação de diferentes associações que, embora tivessem o mesmo intuito, eram reflexos da desunião existente no interior da mesma. Isso ocorreu não apenas em São Paulo, mas também em Santos e em Franca, onde uma mesma colônia fundou diversas associações.²²⁵

Sobre esse aspecto, convém ressaltar que, em diversos momentos, o Centro Español de Socorros Mútuos e o Hespanha F.C. interagiram e organizaram festas, bailes de carnaval e homenagens aos jogadores de futebol, mesmo possuindo diretorias distintas, como será visto posteriormente. Em Janeiro de 1933, foi realizado um sarau literário e dançante para a inauguração do palco do Centro Español:

após solennidade inaugural, em que falou o reverendíssimo frei Jose de Gonhi, vigario da parochia, e outras pessoas, houve a representação de um acto de variedades pelo grupo dramatico dirigido por d. Josephina Garcia. Depois, as dansas que se prolongaram até a madrugada.²²⁶

No mesmo ano, Josephina Garcia, juntamente com Antonia Martins, organizou uma festa no Hespanha F.C. ao seu quadro esportivo, em homenagem às bandeiras da Espanha, do Brasil e de São Paulo. A festa literária musical contou mais uma vez com o discurso do Frei José

²²³ Jornal Comércio da Franca, 21 de Março de 1937. MHMF.

²²⁴ Jornal Comércio da Franca, 17 de Janeiro de 1937. MHMF.

²²⁵ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p. 291.

²²⁶ Jornal Comércio da Franca, 26 de Fevereiro de 1933. MHMF.

de Gonhi.²²⁷ Apesar de serem distintas, a interação entre as duas associações era evidente, uma vez que alguns imigrantes participavam de ambas. Mais especificamente, algumas comemorações e festas das duas associações eram feitas em conjunto, sendo possível perceber o vínculo existente entre elas:

promovido pela comissão constituída das distintas senhorinhas Josephina Garcia, Antonia Martins e Maria Morales, realiza-se a 15 do corrente, no Centro Espanhol, à Rua Thomaz Gonzaga, um sarau familiar que constará de festa e dança característica. O programa é o seguinte: às 21 horas, baile; às 22 horas, bailado brasileiro, com cantos por vinte e quatro senhorinhas; às 23 horas, dansas espanholas por vinte e quatro senhorinhas; às 24 horas, representação no palco da peça “O jogo da bola”; e finalizará com o “cotillon” dansado em homenagem aos esportistas do Espanha F.C. .²²⁸

A união entre essas associações étnicas ainda ocorreu em bailes de carnaval, momento em que Centro Español de Socorros Mútuos e Hespanha F.C. organizaram em conjunto diversas festividades em torno dessa comemoração. O baile de Aleluia realizado no Centro Español em Abril de 1935 contou com a presença da diretoria do Hespanha F.C., sendo que, na noite posterior ao baile, haveria um festival literário musical e leilão de prendas.²²⁹ Diante da nota publicada no Jornal Comércio da Franca, que faz referência aos bailes de carnaval que aconteceriam na cidade no ano de 1937²³⁰, é praticamente impossível se distinguir uma associação da outra. Mesmo, que sejam duas associações distintas, como já foi dito anteriormente, o anúncio dos bailes de carnaval mostra-nos a união entre os imigrantes dessas associações, a ponto de mencionar o cordão “Hespanholinhas” do carnaval de 1936, já citado anteriormente, como uma organização do Hespanha F.C., sendo que a nota sobre o carnaval desse período colocava o cordão como organizado pelo Centro Español:

o Salão Rosa do Hotel Francano nos dias 6,7,8 e 9, será transformado, graças aos incansáveis promotores do carnaval da Sociedade Hespanhola num verdadeiro reino das maravilhas, com grandes bailes carnavalescos que alli vão ser realizados. O Hespanha F.C. não desmerecerá a fama alcançada no anno passado com seu extraordinario cordão de hespanholinhas, pois neste anno elle apresentará os “Marinheiros de Agua Doce”, que será quando não melhor, pelo menos igual ao cordão de 1936. Os associados dessa sociedade terão mais uma

²²⁷ Jornal Comércio da Franca, 19 de Novembro de 1933. MHMF.

²²⁸ Jornal Comércio da Franca, 9 de Julho de 1933. MHMF.

²²⁹ Jornal Comércio da Franca, 21 de Abril de 1935. MHMF.

²³⁰ Jornal Comércio da Franca, 24 de Janeiro de 1937. MHMF.

vez o extraordinário prazer de assistir mais um estrondoso carnaval graças aos esforços dos seus promotores.

Apesar de muitos bailes e saraus terem se realizado na sede do Hespânia F.C., o Salão Rosa do Hotel Francano serviu de espaço para que diversas comemorações fossem realizadas, além dos bailes de carnaval como o citado acima, outras ocasiões também foram devidamente festejadas pela diretoria e associados da agremiação. Inaugurado em 1929, o Hotel Francano foi a obra mais desejada pela classe dominante francana.²³¹ Construído com incentivos municipais, como isenção de impostos de taxa de água e esgoto, além da “doação de uma área de mil metros quadrados no centro da Praça Dom Pedro II em troca de ações da firma no valor de vinte contos de réis”.²³² Assim, os “barões do café” puderam mostrar a prosperidade de Franca, transferindo para o poder público municipal a responsabilidade da construção do prédio.²³³ O Hotel Francano seria então, o ícone da modernização urbana da cidade, símbolo de um período cujo progresso foi determinado pela “pujança da economia cafeeira na região”.²³⁴



Foto 6 - Hotel Francano na década de 1930. Fonte: Museu Virtual de Franca. Imagem 68.

²³¹ FOLLIS, Fransérgio. **Modernização Urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: UNESP, 2004, P.100.

²³² Ibid, P.101.

²³³ Ibid.

²³⁴ BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória urbana de Franca: Centro (1805-1995)**. Franca: Prefeitura Municipal: Fundação “Mário de Andrade”, 1996, P. 85.



Foto 7 - Hotel Francano, mesmo período, com seu jardim idealizado pelo arquiteto francês J.E. Chauvière. Fonte: Museu Virtual de Franca. Imagem 70.

O Salão Rosa era o nobre salão de festas do Hotel Francano, onde inúmeros bailes luxuosos foram realizados²³⁵, também foi cenário das comemorações do Hespânia F.C.. Os bailes de Primavera em Novembro de 1936 e Outubro de 1937, saraus dançantes nos meses de Junho e Julho de 1937, são alguns dos exemplos da interação entre a agremiação da colônia espanhola e a sociedade local, haja vista que o hotel era frequentado por pessoas abastadas. Com o tempo, ao longo da atuação do Hespânia F.C., é possível perceber que apesar de ser uma agremiação étnica, sua inserção na sociedade francana foi, aparentemente maior que a do Centro Español de Socorros Mútuos. Diversos fatores tornam possível essa premissa. O Sarau realizado em Julho de 1937, com convite publicado em nota em periódico local, atenta para o fato de que a sede da agremiação era o Salão Rosa do Hotel Francano: “Realiza-se no proximo dia 24, na sede do Hespânia F.C. , Salão Rosa do Hotel Francano, um deslumbrante sarau dedicado a todos os

²³⁵ BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória urbana de Franca: Centro (1805-1995)**. Franca: Prefeitura Municipal: Fundação “Mário de Andrade”, 1996, p.86.

seus associados”.²³⁶ E, a eleição da nova diretoria também aconteceu no Salão Rosa do Hotel Francano:

a sympatica e popular aggremação esportiva que reúne nesta cidade os membros da operosa colonia espanhola, acaba de eleger a nova directoria acujo encargo ficará a responsabilidade dos seus destinos no biênio 1937-1938. A eleição teve logar no dia 4 do corrente, na sede social, o Salão Rosa do Hotel Francano, tendo se verificado o comparecimento de elevado numero de sócios, amigos e admiradores da prestigiosa entidade esportiva.²³⁷

Além disso, é perceptível o distanciamento do Hespanha F.C. em relação ao Centro Español de Socorros Mútuos que antes, promovia bailes juntos, depois de 1937, deixa-se de ter notícias que se referem às duas associações unidas. Tal fato pode estar associado à Guerra Civil Espanhola que gerou divergências dentro da colônia espanhola de um modo geral. O posicionamento favorável ou contrário a nacionalistas ou republicanos pode ter sido a causa desse afastamento, a ponto de a sede do Hespanha F.C. passar a ser no prédio da Sociedade Italiana de Franca, em 1938.²³⁸ No mais, era comum entre a colônia espanhola a fundação de diversas agremiações, onde se reunissem três espanhóis, inevitavelmente, surgiriam duas associações.²³⁹ Isso ocorreu em Franca e em outras cidades, como São Paulo, por exemplo. Além disso, o fato de o Hespanha F.C. ter mudado sua sede para a Sociedade Italiana nos mostra que havia uma união entre os imigrantes espanhóis e italianos.

Embora esses fatos que foram ressaltados nos levem a crer que houve um distanciamento ou, se possível, uma desunião entre as duas associações de imigrantes espanhóis na cidade de Franca, a cultura espanhola não foi esquecida. Esse fato ocorreu tanto com o Centro Español quanto com o Hespanha F.C., que realizaram festas com demonstrações culturais tipicamente espanholas, preservando aqui seus costumes e tradições.²⁴⁰ Além dos bailes e saraus, as festividades carnavalescas foram expressões marcantes da referida agremiação esportiva,

²³⁶ Jornal Comércio da Franca, 11 de Julho de 1937. MHMF.

²³⁷ Jornal Comércio da Franca, 11 de Abril de 1937. MHMF.

²³⁸ A partir desse ano todas as notícias referentes ao Hespanha F.C. mostram como sede da agremiação o prédio da Sociedade Italiana.

²³⁹ FAGEN, Patrícia, **Transterrados y ciudadanos**. Apud CÁNOVAS. Marília Klaumann. Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922). Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.291.

²⁴⁰ ANTONACCI, Maria A. Martinez. MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação**. Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995, p. 32.

quando muitos revelaram “‘ tener la sangre caliente, olvidaram as tristezas da vida e, ‘olé!’, cahiram, fundo no goso da folia legalizada por sua majestade o Rei da Maluqueira”.²⁴¹

Os carnavais da agremiação se destacavam pelos bailes e pelo cordão “à altura das folias que se realizam no Carnaval, a que todos os annos causa pasmo e admiração a todos”. O baile de 1938 foi realizado no prédio da Sociedade Italiana, lugar onde naquele período a agremiação esportiva mantinha sua sede.²⁴² Merece destaque o fato de que mesmo que o carnaval seja a principal festa brasileira, o sentimento de pertencimento à cultura espanhola fica evidente:

o Hespanha F.C., tem preparado com capricho o seu programa carnavalesco. Esta sociedade desta vez tem uma marchinha para o seu maior sucesso e supremacia sobre todos. É a das “touradas de Madri”. Assenta-lhe perfeitamente e queremos crer que as lindas hespanholinhas de Franca, desta ves irão mesmo á Madri assistir ás touradas.²⁴³

Os carnavais, que todos os anos eram noticiados pelos jornais, primavam pelo desfile de cordões, como o “Lambaris” formado pelas jovens Olga Brasilino, Zelinda de Castro, Aparecida e Isabel Rodriguez, Glória Garcia, Beatriz Fernandez e outras que desfilaram no carnaval de 1940.²⁴⁴ Além dos bailes de Carnaval, Aleluia, Primavera, Natal e “Ano Bom”, havia ainda aqueles bailes que, sem nenhuma temática específica, eram denominados “saraus dançantes”. Esses bailes, que foram realizados inicialmente em conjunto com o Centro Español de Socorros Mútuos, posteriormente no Salão Rosa do Hotel Franca e entre os anos de 1938 e 1940 na Sociedade Italiana, fizeram parte das festividades do Hespanha F.C. ao longo de sua existência. A mesma banda que tocou em muitos bailes do Centro Español, a Jazz Esporte, também se fez presente no bailes do Hespanha F.C.: “Está marcado para sabbado vindouro, dia 9, o ‘baile da victoria’, com que o Espanha Futebol Clube receberá os seus sócios e famílias. Abrilhantará a festa o ‘jazz’ Esporte”.²⁴⁵

O cotidiano da cidade de Franca no início do século XX, em transformação diante da cafeicultura, aos poucos foi mudando. Novos espaços foram sendo criados, como o Teatro Santa Clara que, sob influência das grandes companhias estrangeiras, apresentava à população peças de

²⁴¹ Jornal Comércio da Franca, 18 de Fevereiro de 1934, nota sobre o carnaval do Hespanha F.C. MHMF.

²⁴² Jornal Comércio da Franca, 6 de Fevereiro de 1938. MHMF.

²⁴³ Jornal Comércio da Franca, 20 de Fevereiro de 1938. MHMF.

²⁴⁴ Jornal Comércio da Franca, 1 de Fevereiro de 1940. MHMF.

²⁴⁵ Jornal Comércio da Franca, 3 de Junho de 1934. MHMF.

teatro clássico, óperas e operetas.²⁴⁶ Esses espaços não deixavam de ser “representação do fosso social que seguia impávido”, mesmo em espaços onde os “remediados” frequentavam exigia-se que comparecessem com a mais “rigorosa toilet”.²⁴⁷ A partir da década de 1920, com o impacto da Primeira Guerra Mundial, ocorreu a modernização dos conjuntos que passaram a usar instrumentos como a bateria, o saxofone e o trompete que dariam som ao fox-trot. Despontam na cidade conjuntos que tocavam em bailes e festas, como “Elite Jazz, Líder Jazz, Band Jazz Brasil, Jazz Aurora, Banda Oriente Jazz, Jazz Guanabara, Jazz As de Ouro”.²⁴⁸ No entanto, a banda “Jazz Esporte” que comumente tocava nos bailes promovidos pela colônia espanhola, representados pelas duas agremiações, não foi citada pelos estudos feitos acerca desse tema. A banda pode ter se formado entre os imigrantes e, por isso, tocava apenas nos bailes por eles organizados, não atingindo, nesse caso, uma expressividade na comunidade local que merecesse destaque.

A respeito das diretorias que foram responsáveis pela organização dessa agremiação pouco se pode saber, justamente pela falta de documentação que dê base para isso. No entanto, a partir da publicação em jornais locais de cada diretoria eleita, podemos perceber quais foram seus membros e suas respectivas funções entre os anos de 1934 e 1940. A tabela 6 pode elucidar um pouco a participação da agremiação na comunidade local e, ao mesmo tempo, o envolvimento desta com o Hspanha F.C..

²⁴⁶ AZEVEDO, Veruschka de Sales. **Aspectos da “Belle Époque” e da produção cultural na cidade de Franca**, p.31. In DOIN, José Evaldo de Mello. PEREIRA, Robson Mendonça.(orgs). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP- FHDSS – CEMUC, 2005.

²⁴⁷ Ibid, p. 29.

²⁴⁸ DAVID, Célia Maria. **Criação e interpretação musicais em Franca – Palco e Platéia (1872-1964)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p.160.

Tabela 6 – Diretorias Do Hespanha F.C.

Cargos	1934	1935	1937	1938	1940
Presidente	André Fernandez Garcia	André Fernandez Garcia	Eduardo Garcia	André Fernandez Garcia	Oscar Brasilino dos Santos
Vice – presidente	Jose Carvalho Rosa	Maximino Pereira de Souza	Miguel Sábio de Melo	Miguel Sábio de Melo	André Fernandez Garcia
Secretario	Oscar Brasilino dos Santos	Oscar Brasilino dos Santos	Oscar Brasilino dos Santos	Oscar Brasilino dos Santos	Francisco Brasilino dos Santos
2º Secretario	Geraldo Couto	Benedicto Menezes	Matheus Garcia	Francisco Brasilino dos Santos	Pedro Maranha Filho
Tesoureiro	Jose Ramon Capel Berdu	Miguel Sábio de Melo	Aquilino Martins	Maximino Pereira de Souza	Antonio Brasilino dos Santos
2º Tesoureiro	Aquilino Martins	Paulo Gatto	Mario Paludetto	Emilio Paludetto	Oswaldo Piola

Fonte: notas publicadas no jornal Comércio da Franca entre os anos de 1934 e 1940.

Inicialmente, podemos perceber que alguns membros se mantiveram na diretoria em diferentes períodos e em diferentes funções, como André Fernandez Garcia e Miguel Sábio de Mello, grande expoente na transição da fabricação caseira de sapatos para a fabricação industrial em 1938²⁴⁹. Além disso, a agremiação não tinha apenas imigrantes espanhóis em sua diretoria, como Oscar Brasilino dos Santos e Mario Paludetto, por exemplo. Isso indica que havia uma maior interação e, em certa medida, inserção dessa referida agremiação com a comunidade local, talvez por estar mais voltada para o esporte e, desse modo, um pouco mais distante dos ideais de “raça” presentes no Centro Español de Socorros Mútuos. Além de, como já foi dito, terem um certo vínculo com as demais nacionalidades estabelecidas na cidade, como os italianos, com os quais chegaram a ocupar o mesmo espaço do prédio da Sociedade Italiana para a manutenção da sede do Hespanha F.C. .

²⁴⁹ BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória urbana de Franca: Centro (1805-1995)**. Franca: Prefeitura Municipal: Fundação “Mário de Andrade”, 1996, p. 83.

Outro fato que merece destaque reside na sucessão de bailes que foram realizados no Salão Rosa do Hotel Francano, onde também o Hespanha F.C. teve sua sede estabelecida por um período. Sendo um local habitualmente frequentado por pessoas mais ricas, uma vez que a própria construção do luxuoso hotel tinha como propósito atender aos anseios da elite cafeeira local, podemos supor que houve uma inserção dessa agremiação esportiva da colônia espanhola muito mais econômica que cultural, uma vez que as festas não deixaram de ter sua temática ligada à cultura espanhola, não esquecendo, é claro, da interação desta agremiação com pessoas fora da colônia espanhola, perceptível a partir dos nomes dos membros das diretorias.

Além disso, em nota publicada no jornal Comércio da Franca, percebe-se que essa agremiação provia de maiores recursos financeiros, em comparação com o Centro Español que se findou por falta dos mesmos. A nota menciona a comemoração de mais um aniversário de fundação do Hespanha F.C. em 23 de Janeiro de 1940, atentando para o fato de que o time esteve ausente dos gramados em função da construção de seu estádio no Bairro Cidade Nova:

o valoroso e tradicional Hespanha F.C. celebrou terça-feira passada mais um ano de fundação, que é, ao mesmo tempo, o registro de mais um ano de atividade e progresso na sua já longa vida. Agremiação que tem valiosos serviços prestados ao esporte francano, o Hespanha F.C. desfruta nessa cidade de merecida simpatia. Após um período de inatividades, justificado pela construção de seu novo estádio, o Hespanha F.C. deverá retornar este ano às lides futebolísticas, devendo ocupar no nosso futebol o mesmo lugar destacado que sempre lhe coube. Em comemoração à data, a diretoria do Hespanha F.C. ofertou aos seus associados, amigos e admiradores, um excelente churrasco, que teve lugar no seu novo campo, ainda em construção na Cidade Nova.²⁵⁰

A diretoria formada no ano de 1934 contou com a participação do Frei José de Gonhi como presidente honorário. Isso demonstra o vínculo religioso da colônia espanhola, mantido em novo solo e, também, a grande representatividade desse eclesiástico entre os imigrantes espanhóis tanto do Centro Español de Socorros Mútuos, que o homenageou em sua partida da cidade, como no Hespanha F.C., ocupando um cargo na sua diretoria. Em contrapartida, importante destaque recebeu na imprensa local a administração de Oscar Brasilino dos Santos “que tão excelente impressão tem causado em nosso meio social”²⁵¹, o cordão de carnaval “chefiado pelo bamba dos

²⁵⁰ Jornal Comércio da Franca, 25 de Janeiro de 1940. MHMF.

²⁵¹ Jornal Comércio da Franca, 7 de Abril de 1940. MHMF.

bambas, o Chico Brasilino como noutros anos espera-se que ‘abafará a banca’²⁵² e Olga Brasilino, eleita rainha do Hespanha F.C.²⁵³, destaques esses de pessoas ligadas à agremiação, mas não à colônia espanhola.

Pode ser percebido, a partir do que foi mencionado, que houve uma maior inserção dessa agremiação esportiva na comunidade local, uma vez que entre os membros das diretorias houve a participação de pessoas que não eram necessariamente espanholas, suas festas e, até mesmo, sua sede esteve ligada ao Hotel Francano, além disso, houve uma interação entre os imigrantes espanhóis e italianos, quando a sede do Hespanha F.C. foi estabelecida na Sociedade Italiana. Vale ressaltar que essa inserção não fez com que as festas e comemorações perdessem o sentimento de pertencimento à Espanha. Contudo, em Setembro de 1940, ocorreu a nacionalização do Hespanha F.C. que passou a se chamar Brasil F.C.:

a diretoria do Brasil F.C. (ex - Hespanha F.C.), desta cidade, desejando abrir a sua temporada com este novo nome, fará realizar nos amplos salões da Sociedade Italiana, no proximo sabado, uma gigantesca partida dansante.²⁵⁴

A nacionalização do Hespanha F.C. pode estar atrelada a diversos fatores. Sendo uma agremiação esportiva, portanto mais aberta à comunidade e propensa a unir diferentes segmentos de uma mesma sociedade, houve uma maior inserção se comparada com a associação denominada Centro Español de Socorros Mútuos. Há que se considerar ainda a pressão do governo Vargas sob as associações de imigrantes no Brasil que, através de decretos passa a interferir nessas associações, a ponto de que os nomes das mesmas, os documentos, as atas e estatutos fossem redigidos em português.²⁵⁵ Isso pode ter contribuído para a nacionalização do Hespanha F.C..

Assim, os imigrantes espanhóis têm algumas características que fazem com que esse grupo de imigrantes tenha algumas peculiaridades. Como foi exposto, grande parte desses espanhóis casou-se dentro de seu grupo, mais especificamente, dentro da colônia estabelecida em Franca. Essa endogamia foi mais marcante entre os espanhóis, mesmo que ela tenha ocorrido

²⁵² Jornal Comércio da Franca, 28 de Janeiro de 1940. MHMF.

²⁵³ Jornal Comércio da Franca, 28 de Dezembro de 1939. MHMF.

²⁵⁴ Jornal Comércio da Franca, 5 de Setembro de 1940. MHMF.

²⁵⁵ GALLEGÓ, Avelina Martínez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p. 35.

entre os portugueses e os italianos. Ao mesmo tempo, esses imigrantes espanhóis tentaram manter um vínculo com a sua pátria de origem, o que foi demonstrado e concretizado a partir das associações como Centro Español de Socorros Mútuos e o Hespanha F.C.. Mesmo que essas associações tenham envolvido não apenas a colônia espanhola, mas também a comunidade local de um modo geral, as suas festas e comemorações, muitas vezes, remetiam à cultura espanhola, o que demonstra um sentimento de pertencimento à Espanha. Percebemos que houve uma maior inserção do Hespanha F.C. com a comunidade, já que alguns de seus membros da diretoria não eram necessariamente imigrantes espanhóis, enquanto que o Centro Español manteve-se mais fechado dentro da colônia, possivelmente por ter sido fundado já com os propósitos de manutenção da cultura de origem. Além disso, a agremiação esportiva, Hespanha F.C., manteve sua sede no Hotel Francano, um dos principais expoentes da riqueza e prosperidade da elite cafeeira local, e, posteriormente, na sede da Sociedade Italiana.

A historiografia da imigração aponta para o fato de os imigrantes espanhóis terem sido o grupo de imigrantes que mais se inseriu na cultura brasileira. No entanto, conforme foi explicitado, houve uma predominância de casamentos endogâmicos e mesmo que tenha havido um envolvimento com a comunidade local, não se esqueceram da pátria a qual tinham nascido e, por isso, mantiveram vínculos culturais, como as comemorações do dia 12 de Outubro e as touradas, por exemplo. Podemos, assim, perceber que essa primeira geração de imigrantes espanhóis manteve-se, em certa medida, fechada dentro de seu grupo étnico.

Além dessas características, outros fatores contribuem para que os espanhóis sejam considerados os imigrantes “invisíveis”. Essa dita “invisibilidade” não deve ser entendida como uma assimilação cultural total dos espanhóis em relação à cultura brasileira. As diferenças regionais, já existentes dentro da Espanha, acentuaram-se no Brasil. Essas rivalidades atravessaram o oceano e contribuíram para aprofundar a fragmentação dos espanhóis no Brasil.²⁵⁶ A Guerra Civil Espanhola agravou ainda mais a situação, pois dividiu a colônia espanhola entre o republicanismo e o nacionalismo, “diminuindo suas chances de ganhar visibilidade e de imprimir suas marcas na sociedade brasileira”.²⁵⁷ O posicionamento favorável ao republicanismo também fez com que o imigrante espanhol não fosse bem quisto no Brasil, uma vez que ele poderia ajudar

²⁵⁶ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p. 102.

²⁵⁷ ANTONACCI, Maria A. Martinez; MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação.** Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995, p.177.

a propagar os ideais comunistas tão temidos pelo governo Vargas, e, ainda, engajar-se no movimento operário.

Segundo Gallego, o governo espanhol não era favorável à emigração espanhola para o Brasil, mas sim para as suas colônias, como Cuba, Porto Rico e Argentina. Isso fez com que tanto o governo quanto as autoridades consulares espanholas estabelecidas no Brasil não se preocupassem em manter associações que aglutinassem todos os imigrantes, pois havia a possibilidade de que unidos pudessem pressionar as autoridades do Estado espanhol.²⁵⁸ A consequência dessas questões, como as diferenças regionais, as divergências geradas pela Guerra Civil Espanhola e a ausência de políticas espanholas que mantivessem os imigrantes unidos foi a dispersão desse grupo em território brasileiro.

Além disso, as diferenças regionais impediram que um sentimento de nacionalidade se estabelecesse mais fortemente entre os espanhóis. Nesse caso, a cultura regional prevaleceu sobre a nacional. De acordo com Souza, era quase inexistente o sentimento de pertencimento entre os espanhóis erradicados no Brasil.²⁵⁹ Entretanto, Gallego aponta que mesmo as poucas sociedades regionais espanholas, como o Centro Galego fundado em 1903 em São Paulo, regiam-se “pelo elemento nacional em primeiro lugar”.²⁶⁰ Assim, percebemos que existiram diferenças regionais que, em certa medida, impediram uma maior união entre os espanhóis. Porém, havia o sentimento de pertencimento, haja vista que diversas sociedades espanholas foram fundadas no Estado de São Paulo e, como foi exposto, muitas festas aludiam à cultura espanhola. Atreladas às diferenças regionais estão questões mais complexas como a Guerra Civil Espanhola, que dividiu a colônia, a pressão do governo Vargas sobre o imigrante indesejável que poderia propagar o comunismo e a própria ausência de políticas por parte da Espanha em torno dos emigrantes. A junção desses fatores - diferenças regionais e políticas - fez com que o imigrante espanhol se dispersasse e tornasse o imigrante “invisível” dentre os imigrantes europeus.

A colônia espanhola fixada no município de Franca possui características que não se diferem das colônias estabelecidas em outras localidades, uma vez que os fatores de atração; passagens subsidiadas e possibilidade de ter terras, e de expulsão; crise agrária, crescimento

²⁵⁸ ANTONACCI, Maria A. Martinez; MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação.** Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995, p. 67.

²⁵⁹ SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional: comunidade espanhola do estado de São Paulo e a política política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)**, São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005, p. 102.

²⁶⁰ GALLEGO, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade.** Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, p. 48.

demográfico e miséria são comuns a todos aqueles que escolheram a emigração como solução para as situações que enfrentavam. Ademais, trouxeram consigo valores étnicos responsáveis pela união e também pela desunião entre eles, pois o fato de terem vindo, grande parte, de uma mesma província, no caso Almeria, pode significar a união e, ao mesmo tempo, a desunião em relação às demais regiões da Espanha. As divergências políticas, acentuadas principalmente durante a Guerra Civil Espanhola, também fizeram parte tanto do cotidiano dos espanhóis estabelecidos em Franca, quanto em qualquer outra localidade, pois estavam no Brasil e, ao mesmo tempo, mantinham o sentimento de pertencimento à pátria que haviam deixado. A política de Getúlio Vargas a respeito da imigração afetou não apenas a colônia espanhola de Franca, mas todos aqueles que passaram a ter suas expressões culturais cerceadas pelo nacionalismo estadonovista.

O imigrante espanhol não se inseriu facilmente à cultura brasileira, haja vista que manteve seus vínculos matrimoniais dentro do seu grupo étnico, fundaram associações para que a sua cultura fosse mantida e não esquecida em um novo território, procurando expressá-la através de festas e de comemorações com temáticas estritamente relacionadas à cultura espanhola. Nesse aspecto, essa imigração não pode ser considerada uma imigração “invisível”. Sua participação social foi importante na cidade de Franca, integrando-se em alguns momentos e, em outros, mantendo-se dentro de seu próprio grupo. A dispersão se deu por diferenças regionais e políticas, mas não na primeira geração de espanhóis, como podemos perceber. A invisibilidade posterior a essa primeira geração não ocorreu apenas com os espanhóis, mas com a maior parte dos grupos étnicos estabelecidos em Franca.

3. Imigrantes espanhóis, trabalho e possibilidades de ascensão

A imigração espanhola para a cidade de Franca possuiu algumas especificidades demográficas e culturais que foram oportunamente tratadas ao longo do trabalho. Desse modo, pretende-se abordar também a inserção econômica dos imigrantes na cidade, uma vez que, além de fazerem parte do contingente populacional local, criarem mecanismos de inserção e, ao mesmo tempo, manutenção cultural, faz-se necessário compreender se eles alcançaram melhores condições de vida, já que esse foi um dos motivos que os levaram a emigrar. A partir dos nomes contidos no Registro Geral de Imigrantes, é possível a pesquisa de inventários. Considerando que os inventários já indicam que os imigrantes conseguiram conquistar algum bem, pretende-se analisar a situação econômica dos imigrantes espanhóis, com o intuito de averiguar se houve ou não melhorias econômicas que possibilitassem a eles uma certa “ascensão” social.

A saída de seu país de origem em busca de melhores condições econômicas pode ter sido o principal propósito de grande parte desses imigrantes que fugiam das condições econômicas e sociais da Espanha. Porém, apesar de o incentivo tanto à emigração quanto à imigração estar permeado pela possibilidade de se conseguir um pedaço de terra e melhores condições de vida, é sabido que a realidade à qual muitos imigrantes se depararam foi bem diferente do que esperavam. Sendo assim, convém analisar se esses objetivos se concretizaram e até que ponto se pode afirmar que essa mesma concretização possibilitou uma melhoria nas condições de vida dos imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca.

A substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre fazia parte dos propósitos da sociedade ligada ao cultivo do café e do governo paulista. A criação da Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração em 1871, com iniciativa do Presidente da Província juntamente com financistas e fazendeiros, mostra que, mesmo antes da abolição, a substituição do trabalho escravo para o trabalho livre permeava o ideário da elite cafeeicultora e do próprio governo paulista.²⁶¹ “Braços para a lavoura” foi o slogan que orientou a política da imigração,

²⁶¹ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 62.

uma vez que a principal preocupação era a composição de trabalhadores voltados para a agricultura, mais especificamente para as lavouras de café.

De acordo com Emília Viotti da Costa, os altos preços alcançados pelo café no mercado internacional, associados às melhorias nas vias de comunicação e nos meios de transporte, à possibilidade de empregar em maior escala e à melhoria nas técnicas de beneficiamento do café modificaram a economia das áreas cafeeiras, possibilitando o surgimento de novas perspectivas para o trabalho livre.²⁶² Ainda na metade do século XIX, iniciaram-se tentativas de implementação do trabalho de imigrantes europeus nas lavouras de café, concretizados a partir do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, que introduziu imigrantes portugueses na fazenda Ibicaba, no município de Limeira. Diante do rápido desmantelamento de tal grupo imigratório, uma nova tentativa se estabeleceu com imigrantes alemães em 1847, tendo, dessa vez, o apoio do governo imperial, responsabilizando a firma Vergueiro & Cia. pela importância das despesas de transporte.²⁶³ Dessa forma, Vergueiro passou a buscar junto ao governo auxílio no pagamento de metade das passagens, sendo que a outra metade seria paga pelos imigrantes ou pelos lavradores que os contratassem, dependendo do contrato de trabalho. A intenção seria diminuir os gastos do colono com a viagem e dos fazendeiros com o dinheiro adiantado que seria pago com o trabalho do colono.²⁶⁴

Como já foi dito anteriormente, a preocupação com o imigrante como substituto do trabalho escravo na iminência da abolição era perceptível a partir de medidas que foram sendo tomadas para que o suprimento de mão-de-obra não atrapalhasse o desenvolvimento da lavoura cafeeira em ascensão. As iniciativas de Vergueiro principiam e exemplificam tal situação. Além da criação da Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração, houve ainda, em 1881, a criação de uma comissão pela Assembleia Provincial para a planejar uma hospedaria que recebesse os imigrantes, adquirindo, para isso, um prédio no Bairro Bom Retiro.²⁶⁵ Como a localização era inconveniente, pois estava longe das linhas de trem, a Assembleia Provincial

²⁶² COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4ª edição. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 233.

²⁶³ BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Pioneira, 1977, p. 61.

²⁶⁴ Ibid, P.61.

²⁶⁵ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.62-63.

autorizou uma verba de 100.000 mil-réis para a construção de uma nova hospedaria, na junção das estradas de ferro que passavam por São Paulo, vindas de Santos ou do Rio de Janeiro.²⁶⁶

A Hospedaria tinha capacidade para quatro mil pessoas, vindas principalmente da Europa, recrutadas, transportadas e distribuídas, enquanto mão-de-obra, através da Sociedade Promotora da Imigração, criada em 1886.²⁶⁷ Esse “refúgio” dos imigrantes, no qual encontravam alojamento, comida e assistência médica, não era apenas “um centro de distribuição, mas também um verdadeiro mercado de força de trabalho: quem não é ainda provido de contrato poderá facilmente obtê-lo, sendo contratado pelos agentes do fazendeiro ou pelo próprio fazendeiro”.²⁶⁸

A Hospedaria era vista pelos imigrantes e cônsules como uma prisão, de onde só se sairia assinando um contrato para trabalhar na fazenda e entrando em um trem para o interior do Estado. O Serviço de Imigração, por sua vez, justificava que toda a segurança em torno do imigrante era para evitar que oportunistas pudessem convencer os imigrantes a trabalharem na cidade e não nas fazendas. Ou seja, tudo que pudesse desviar os imigrantes do trabalho na lavoura cafeeira, principal propósito da imigração subsidiada pelo governo, era motivo de preocupação e precaução da Sociedade Promotora de Imigração.²⁶⁹ Além disso, através das passagens subsidiadas o governo selecionava os imigrantes de tipos específicos que os fazendeiros precisavam: famílias de agricultores, já que a imigração de solteiros não era vantajosa do ponto de vista econômico.²⁷⁰

Se a família foi uma das principais preocupações da Sociedade Promotora de Imigração, pela maior possibilidade de fixação ao solo e menor perenidade se comparada aos imigrantes solteiros e, conseqüentemente, mais “braços” trabalhando na lavoura e gerando maiores lucros aos cafeicultores, foi através da parceria e, posteriormente, do colonato que as relações de trabalho estabelecidas entre imigrantes e fazendeiros se concretizaram. A parceria consistia numa forma padronizada de divisão da colheita. Aparentemente, ela poderia representar uma forma igualitária de trabalho. No entanto, a realidade era bastante diferente. Os imigrantes tinham as passagens pagas pelos fazendeiros, que também adiantavam fundos necessários para a subsistência até que pudessem colher alimentos nos lotes a eles destinados. Essas dívidas do

²⁶⁶ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.63.

²⁶⁷ Ibid, p.65.

²⁶⁸ VANGELISTA, Chiara. **Os Braços da Lavoura: imigrantes e paulistas na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p. 56.

²⁶⁹ Ibid, p. 88-89.

²⁷⁰ Ibid, P. 96.

imigrante junto ao fazendeiro deveriam ser saldadas a partir da produção e colheita do café. Ao parceiro restava entregar a colheita, para obter metade dos lucros, tendo que confiar no fazendeiro.²⁷¹

De acordo com Beiguelman

o sistema de parceria requeria a maior confiança do colono, uma vez que ele perdia toda a fiscalização durante o processo de beneficiamento do café, e só meses depois receberia o produto líquido do seu trabalho. Além do mais, começando a trabalhar onerado de dívidas, e, dada a organização do trabalho cafeeiro em que era enquadrado, geralmente sem outras oportunidades de ganho suplementares, imediatamente surgiam atritos entre fazendeiros e colonos.²⁷²

Após 1860, as relações de trabalho entre o imigrante e o fazendeiro passaram a sofrer mudanças, pois algumas fazendas começaram a pagar ao trabalhador “uma cota fixa por unidade de volume de café colhido dos pés sob o seu cuidado”, além de desistir da metade da produção da lavoura de subsistência.²⁷³ Desse modo, os riscos da produção eram divididos, uma vez que a possibilidade de fraude durante o beneficiamento do café diminuía e o fazendeiro “absorvia as perdas do mercado em curto prazo se o mercado fosse adverso”.²⁷⁴ Essas mudanças, por sua vez, dariam base à forma de trabalho conhecida como colonato.

O colonato consistia no trabalho familiar junto às lavouras de café, no qual o pagamento poderia ser anual, por empreitada e acesso a terras para plantio de alimentos. As principais mudanças que levaram à transição do trabalho em forma de parceria ao colonato estão relacionadas à maneira em que o imigrante passaria a receber pelo cultivo e colheita do café. O pagamento pelo cultivo anual foi separado da cota de colheita, com isso o colono não estava mais sujeito às flutuações de preço do café, pois o pagamento do cultivo era independente do volume de colheita da safra. Desse modo, foi o empregador quem assumiu os riscos que o trabalhador perdeu.²⁷⁵

²⁷¹ VANGELISTA, Chiara. **Os Braços da Lavoura: imigrantes e paulistas na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p. 112-113.

²⁷² BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Pioneira, 1977, p. 63.

²⁷³ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 114.

²⁷⁴ Ibid, p. 115.

²⁷⁵ Ibid, p. 115-116.

A fonte de renda do colono, ou seja, os salários em dinheiro viriam de três importantes formas de obtenção. Através de contrato estabelecido entre o colono e o fazendeiro, o pagamento era feito pelo trato de um número específico de pés de café “durante um ciclo anual de produção”. O colono ficaria responsável pelo trato de capinações, de replantar mudas, no caso de eventuais cafezais mortos, além da colheita propriamente dita. A quantidade de pés de cafés para o trato assumido pelo colono dependeria da quantidade de “braços” que a família possuía, uma vez que o trabalho era familiar, dependendo o colono da mão-de-obra de seus familiares. Outra renda viria com a colheita do café, recebendo uma quantia fixa por cada alqueire de cinquenta litros de café apanhado.²⁷⁶ Da mesma forma, havia trabalhos ocasionais, como o transporte do café da fazenda até a estação de trem, que geravam renda, embora menos importante. O cultivo de alimentos de subsistência em terras disponibilizadas pelo fazendeiro, por sua vez, era uma possível garantia de renda, mesmo que o excedente fosse vendido ao fazendeiro por preços abaixo do mercado.²⁷⁷

Martins, em contrapartida, atém-se ao colonato não como um regime de trabalho assalariado, pois o salário é no processo capitalista de produção a única forma de remuneração da força de trabalho.²⁷⁸ A combinação de um pagamento fixo pelo trato do cafezal, um pagamento proporcional pela quantidade de café colhido, o cultivo de alimentos de subsistência e o trabalho não individual, já que o colono não era um trabalhador individual, mas um trabalhador familiar, caracterizaram o colonato. Nesse sentido, é a produção direta dos meios de vida com base no trabalho familiar que impossibilita a caracterização desse trabalho como um trabalho com relações capitalistas de produção.

Assim,

a prévia mercantilização de todos os fatores envolvidos nessas relações, mediante o que o salário não pode ser um salário-aritmético, isto é, disfarçado, mas deve ser salário em dinheiro para que os meios de vida necessários à produção da força de trabalho sejam adquiridos pela mediação do mercado, é condição para que as relações de produção se determinem como relações capitalistas de produção. Tal relação, porém, não se dá nesse caso. O salário-aritmético é um salário que entra na cabeça do capitalista, mas que não entra no bolso do trabalhador, não produz uma relação social.²⁷⁹

²⁷⁶ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 117-118.

²⁷⁷ Ibid, p. 119-121.

²⁷⁸ MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, p. 18.

²⁷⁹ Ibid, p. 19.

Se a relação de trabalho que se estabelece por meio do colonato se difere, de acordo com o autor, das relações capitalistas de trabalho por ser um trabalho familiar capaz de prover seus meios de vida, a família imigrante adquire um importante papel não apenas enquanto mão-de-obra, mas também enquanto força de trabalho capaz de mudar as suas condições de vida e, se possível, possibilitar a acumulação de capitais. O colono era, ao mesmo tempo, um assalariado, um lavrador de subsistência, um produtor e um negociante de mercadorias. A denominação “colono” passa a significar um núcleo familiar e uma unidade de produção, ou seja, o trabalho não era apenas responsabilidade do colono, mas de toda a sua família.²⁸⁰ Sendo assim, admissão de grupos familiares e não de trabalhadores individuais é uma das características que impede esse trabalho de ser caracterizado como trabalho assalariado, pois o trabalhador “não se coloca no mercado como objeto econômico independente”, mas sim como um conjunto de elementos operativos que somente unidos podem vender sua força de trabalho.²⁸¹

Nesse sentido, criou-se uma perspectiva de que quanto maior fosse a família do colono, maior seriam as chances de se formar um pecúlio e mudar a condição de vida não apenas do colono, mas de toda a família. Porém, o colono dependia da cooperação da família enquanto força de trabalho. Se para o fazendeiro o trabalho familiar poderia significar mão-de-obra maciça e permanente, para o colono a quantidade de “braços” dependia do número de pessoas hábeis ao trabalho na lavoura. Sendo assim, o que realmente faria diferença na possível formação de um pecúlio não era o número de membros de uma família de colonos, mas sim a quantidade de elementos trabalhadores da família.²⁸²

Idealmente, o contrato de trabalho do colono poderia oferecer diversas vantagens que o contrato de parceria não oferecia, como uma renda fixa anual, redução de despesas por meio de moradia gratuita, auto-suficiência no cultivo de produtos alimentícios e a possibilidade de acumulação através do trabalho de todos os membros da família.²⁸³ Entretanto, o não pagamento dos salários de acordo com o contrato, uma geada, uma dívida grande com o “empregador” poderiam reduzir ou eliminar a receita monetária do colono”, além do mais, uma “família

²⁸⁰ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **A família na fazenda de café: tamanho e força de trabalho**. p. 2206. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anaais/pdf/1984/T84V04A17.pdf>, acessado em 5/02/2010.

²⁸¹ VANGELISTA, Chiara. **Os Braços da Lavoura: imigrantes e paulistas na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p. 162.

²⁸² Ibid, p. 208.

²⁸³ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 133.

imigrante com muitas bocas para alimentar e poucos trabalhadores capazes, ficava em considerável desvantagem”.²⁸⁴ Desse modo,

na transição do trabalho escravo para o trabalho livre, os fazendeiros criaram incentivos através de uma distribuição aceitável de riscos e uma alocação racional dos recursos à sua disposição, em particular terra abundante, e não através de uma simples distribuição de receita em favor dos trabalhadores.²⁸⁵

A remuneração pelo trabalho do imigrante, diante do colonato, era feita através da junção de pagamentos por salários anuais, por tarefas diárias, pela venda de produtos alimentícios cultivados pela família e, posteriormente, vendidos. O cultivo desses alimentos de subsistência era um dos possíveis meios de obtenção de uma renda extra. Devido a isso, os imigrantes preferiam plantar milho e feijão entre as fileiras de café a manter uma lavoura de subsistência em outra área da fazenda, ficando o trabalho dividido: o marido e os filhos maiores com o cafezal e a mulher e as crianças com a lavoura de subsistência.²⁸⁶ No entanto, a produção de gêneros alimentícios “para si mesmo introduzia a fartura na casa do colono, o que ele, imediatamente, contrapunha à fome e à miséria que sofrera no país de origem”, fazia com que o colono trabalhasse mais para si mesmo, além do trabalho no cafezal, obviamente ele trabalhava mais ainda para o fazendeiro.²⁸⁷ “O acesso a terra para cultivo de alimentos era uma forma de rebaixar os gastos do fazendeiro em forma de capital variável”.²⁸⁸

No município de Franca, o cultivo dos alimentos de subsistência era feito entre os pés de café, uma vez que os colonos não recebiam um terreno extra para isso e conseqüentemente a produção era menor. Cultivando entre os pés de café, a plantação de alimentos como milho, por exemplo, ficava mais restrita, pois dependia do desenvolvimento do cafeeiro. Desse modo, o cultivo era retroativo: “duas fileiras de milho nos dois primeiros anos, uma no terceiro ano e uma sim, outra não, no quarto ano, quanto mais velho e desenvolvido o cafezal menor o espaço para

²⁸⁴ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 133.

²⁸⁵ *Ibid*, p.133.

²⁸⁶ *Ibid*, p. 134.

²⁸⁷ MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, p. 86.

²⁸⁸ SALLUM Jr, Brasília. **Capitalismo e cafeicultura: oeste paulista (1888-1930)**. Tese de doutorado em Sociologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1980. Apud FALEIROS. Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.10. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

os outros plantios”.²⁸⁹ Se as chances de uma possível renda sob o excedente desses alimentos não eram tão grandes, com o menor cultivo essa chance seria menor ainda. Além disso, o modo como esses alimentos seriam divididos entre colono e fazendeiro dependia do contrato firmado entre eles. Se nesse contrato fosse estabelecido que a venda deveria ser feita diretamente com o proprietário, o colono deixaria de ter lucros e, em vez disso, quem os teria seria o proprietário. Dessa forma, o proprietário da fazenda se beneficiava no início da relação de trabalho, pois o acesso à terra pelo colono diminuía o montante de dinheiro que o fazendeiro teria que desembolsar e no fim, pois o excedente dos alimentos ficava nas mãos dos fazendeiros que por sua vez o revendia.²⁹⁰

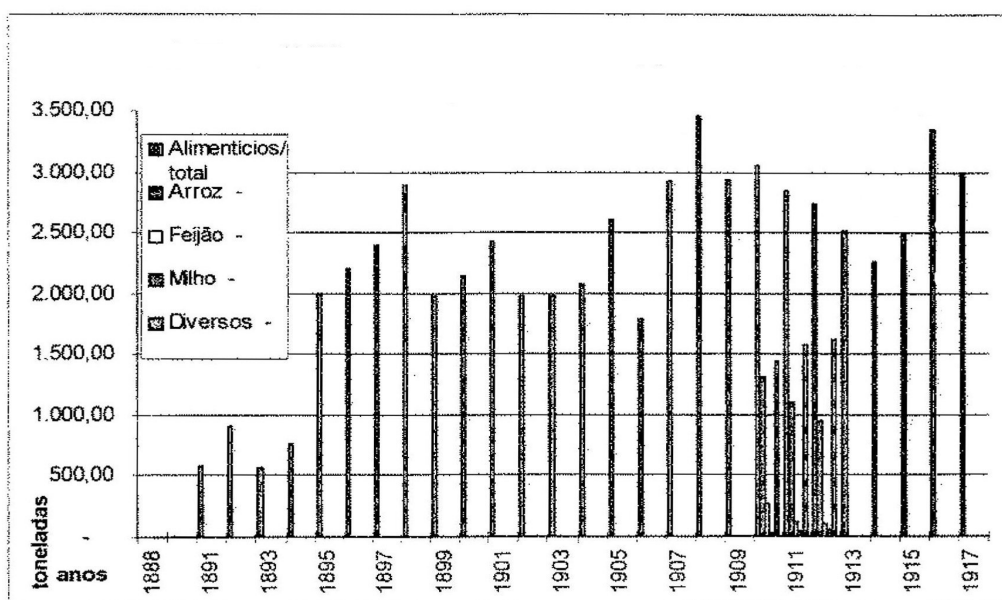
Concomitantemente, o cultivo de produtos de subsistência nas leiras do cafezal fez com que ampliasse o leque de produtos consumidos pela população, enquanto se declinava o comércio de sal. Dessa forma, esse cultivo era o “único elemento capaz de sustentar essa relação de alta produtividade agrícola, tanto do produto de exportação, quanto dos de uma agricultura de alimentos que excedessem às necessidades dos imigrantes”.²⁹¹

²⁸⁹ FALEIROS, Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

²⁹⁰ Ibid, p. 9.

²⁹¹ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1869-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p. 96.

Gráfico 14-Gêneros alimentícios / Estação Franca da Mogiana (1888-1927)



Fonte: TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1869-1945)**, tese de doutorado, p. 92.

Alguns contratos de colonos espanhóis estabelecidos na região de Franca mostram como as relações de trabalho e remuneração ocorriam. A distância de cultivo entre os pés de café e a possibilidade ou não do plantio de alimentos entre esses mesmos cafeeiros, o destino do excedente desses alimentos, são fatores importantes quando se tenta observar as possibilidades de acúmulo por parte desses colonos. No contrato estabelecido pelo tenente coronel José Guerner de Almeida com os colonos João Garcia Berdu, Manoel Berdu Cortez, Antonio Garcia Berdu e Baldomiro Dias Perez em 1902 para o trato e/ou formação de cafeeiros não há a possibilidade de plantio de outras culturas entre os cafeeiros. Muitos contratos, por sua vez, permitiram o cultivo de alimentos de subsistência entre os cafeeiros, desde que não os prejudicassem. A preferência pela venda deveria ser dada ao contratante, como no contrato estabelecido em 1916 entre o Major Francisco Barboza Ferreira e os colonos Antonio Placencio, Manoel Fernandes Chea e Antonio

Navarro Gellamon, que além da venda preferencial ao contratante, não adiantou aos colonos nenhum valor para os gastos com o cafezal, ficando os mesmos a cargo dos colonos.²⁹²

Segundo Martins, a imigração espanhola é uma imigração tardia, ou seja, num período de menores oportunidades. O imigrante italiano chegou no início do colonato. No ápice da imigração espanhola, o colonato já havia se modificado pela pressão do próprio imigrante italiano, cuja principal modificação da relação de trabalho foi a ampliação do pagamento em dinheiro e esse pagamento empobrecia ainda mais o imigrante.²⁹³ Segundo o autor, a possibilidade de um imigrante espanhol tornar-se proprietário era mínima, haja vista as condições que os imigrantes encontraram no país, justamente o período da primeira crise do café. A imigração espanhola não era diversificada como a imigração italiana, por isso não se tem notícia de grandes capitalistas espanhóis em São Paulo na época.²⁹⁴ Desse modo, os contratos de trabalho estabelecidos em um período anterior ao da chegada dos espanhóis teriam sido mais vantajosos.

Em contrapartida, Herbert Klein afirma que o fato de os espanhóis terem se concentrado no estado que mais crescia no país significou que eles se deram razoavelmente bem na tentativa de acesso à terra. A capacidade dos imigrantes espanhóis de “poupar a partir de seus contratos de trabalho, permitiu-lhes expandir suas aquisições de terras de maneira constante”.²⁹⁵ Embora a exploração tenha ocorrido, Klein ainda acredita, ao contrário de Martins, que é inquestionável que um número significativo de espanhóis conseguiu economizar dinheiro e comprar terras.²⁹⁶ No entanto, como veremos posteriormente, nem sempre os contratos eram vantajosos a ponto de possibilitar acumulação.

De acordo com José de Souza Martins, o trabalhador livre que veio substituir o escravo não diferia-se dele, pois ambos não detinham os meios de produção. No entanto, se diferia no sentido de que o trabalhador livre estava separado de sua força de trabalho e nessa força de trabalho se fundava a sujeição ao capital personificado no proprietário da terra e essa personificação escondia a exploração do trabalho.²⁹⁷ Ao contrário do escravo que via na negação

²⁹² FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do café**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, 2002. Contratos de colonos, anexos.

²⁹³ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 10.

²⁹⁴ Ibid, p.9-10.

²⁹⁵ KLEIN, Herbert S. **Imigração espanhola no Brasil**. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.65-66.

²⁹⁶ Ibid, p. 66.

²⁹⁷ MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, p.12-13.

do trabalho a sua liberdade, o trabalho do imigrante era tido como virtude da liberdade e, diante disso, o escravo não se adaptaria a essa nova modalidade de trabalho. O colonato, baseado no trabalho de famílias de imigrantes, não é um regime de trabalho assalariado, uma vez que não ocorre a circulação monetária.²⁹⁸

No regime de colonato, no qual as famílias desempenhavam o trabalho na lavoura de acordo com a capacidade de cada membro, a exploração do colono ficava nítida no esforço despendido para se trabalhar mais e aumentar a produção. As terras para cultivo do café representavam o trabalho do outro, ou seja, do fazendeiro. Além disso, os imigrantes dobravam o trabalho com o cultivo dos bens de subsistência que eram pouco rentáveis na hora da venda.²⁹⁹

A presença do dinheiro nessas relações obscureceu para os pesquisadores o seu caráter real. Ao produzir uma parte significativa de seus meios de vida, em regime de trabalho familiar, o colono subtraía o seu trabalho às leis de mercado e de certo modo impossibilitava que esses meios de vida fossem definidos de conformidade com os requisitos de multiplicação do capital.³⁰⁰

Thomas Holloway, por sua vez, afirma que a mudança do sistema de empreitada para o de colonato entre as décadas de 1860 e 70, deram ao trabalhador livre a redução das incertezas de seus rendimentos, já que o colono não estava mais sujeito às flutuações naturais e o pagamento era feito por colheita independente do volume da safra. O colono poderia contratar o cuidado dos pés de café de acordo com a força de trabalho da família. Desse modo, o empregador assumiu o risco que o trabalhador deixou de ter, uma vez que se separou o cultivo do café de seus pagamentos e esses eram feitos pelo número de pés de café e não pelo tamanho da fazenda.³⁰¹

Grande parte dos imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca dedicou-se ao trabalho nas lavouras de café. Sendo um grupo essencialmente agrícola e de uma população pobre, suas relações com o trabalho não se diferiram, em parte, das que possuíam em seu país de origem. Obviamente, particularidades devem ser levadas em consideração, pois em um novo território existiam diferenças econômicas, sociais e culturais. De acordo com o gráfico, mais de 23% desses imigrantes espanhóis se dedicaram ao trabalho agrícola. Outras profissões devem ser

²⁹⁸ MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, p. 18.

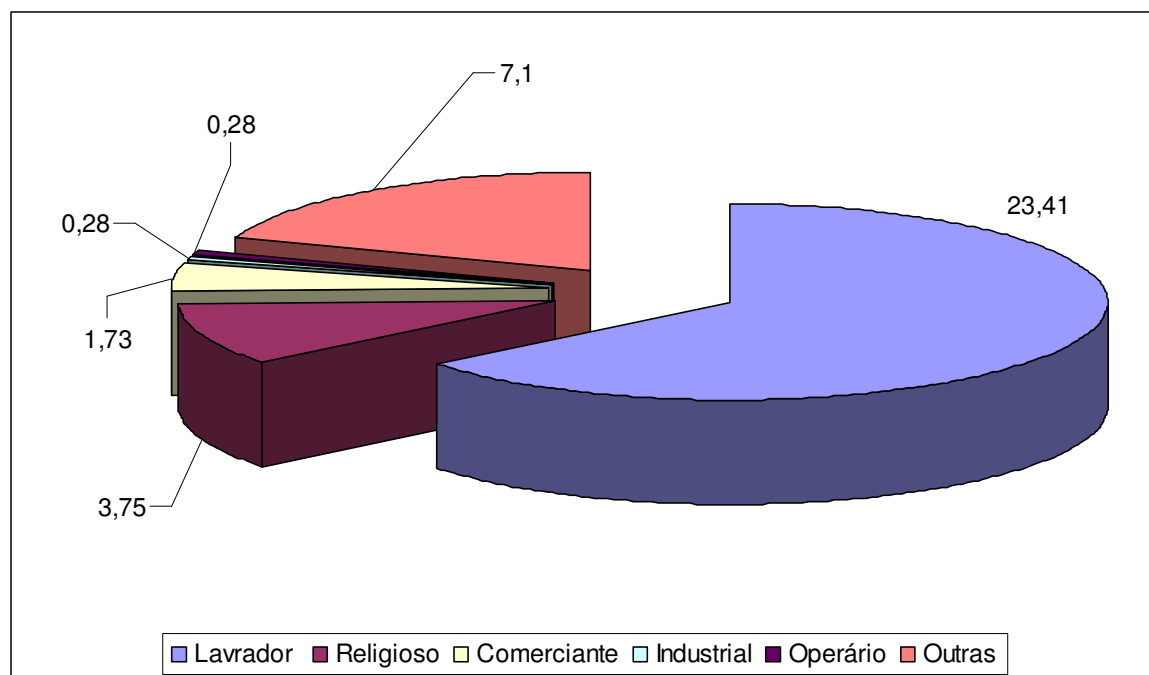
²⁹⁹ Ibid, p. 84.

³⁰⁰ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.85.

³⁰¹ Ibid, p. 115-116.

levadas em consideração, embora em números menores, como religiosos, comerciantes, industriais e outras profissões que, posteriormente, serão especificadas.

Gráfico 15 – Profissões desempenhadas pelos imigrantes espanhóis em Franca-SP



Fonte: Registros Gerais de Imigrantes: 1940-1950. AHMF

Como foi citado anteriormente, muitos contratos estabelecidos entre fazendeiros e colonos poderiam trazer ou não certas vantagens aos colonos. A possibilidade de cultivar alimentos de subsistência nas leiras do cafezal era uma delas. A forma de remuneração por pés de cafés formados, além da remuneração por outras formas de trabalho como, por exemplo, o trabalho na colheita, dependia de como o contrato era feito. Uns mostram que o colono teria direito à metade do café colhido, dando preferência de venda ao contratante, outros que o fruto pertenceria ao contratado apenas no último ano do contrato, ou seja, a variabilidade das formas de contratos estabelecidos entre colonos e cafeicultores, podendo o pagamento ser feito mensal ou anualmente, pode ter sido um fator prejudicial aos colonos.

Além desses fatores, as relações estabelecidas poderiam assumir caráter desigual, através da cobrança de taxas, de dias trabalhados gratuitamente ou de benefícios feitos na fazenda para o auxílio do cultivo do café sem nenhuma remuneração. Formas de exploração garantiam o lucro dos fazendeiros, não apenas com a colheita, mas com a parte que caberia ao colono. Em contrato lavrado com os colonos espanhóis João Fernandes Fernandes e Manuel Bernabé Crisol, Galdino Rosa Lima “estipulou o preço de 1\$000 pelo beneficiamento de cada saco de 60 Kg, desde que fosse beneficiado na máquina de Luiz Chrisógono de Castro, Franca”³⁰², se o beneficiamento fosse feito em outra máquina, o pagamento deveria ser de 2\$000, ou seja, a intenção do cafeicultor era acumular capital, reduzindo a parcela de café que caberia aos colonos.

A partir do contrato de um colono espanhol, José Cortez³⁰³, podemos perceber em seus artigos que as funções que o mesmo deveria desempenhar iriam além do trato e formação do número de cafezais pré-determinados. Benfeitorias feitas à fazenda não eram remuneradas, além da cobrança por serviços extras, como o uso de um automóvel. A venda de alimentos de subsistência por eles produzidos deveria ser feita com exclusividade ao proprietário da fazenda, que consequentemente os comprava ao preço que quisesse. Falhas no cafezal também eram cobradas. Não era permitido sair da fazenda, nem receber visitas. Torna-se possível, dessa forma, apreender em que condições, desiguais obviamente, davam-se as relações de trabalho entre colonos e cafeicultores:

Art. 4º. O colono poderá ter um animal no pasto determinado para a colônia, obrigando-se a roçar uma vez ao ano e a reparar os feixos para criar seus porcos.

Art. 5º. Todas e qualquer benfeitorias feitas pelos colonos serão deixadas na Fazenda sem direito a indenização.

Art. 6º. O colono vendera a Fazenda seus sereais pelo estado que estiver correndo na ocasião da colheita não podendo dispor primeiro sem avizar à Fazenda que comprará caso precise.

Art. 7º. O colono trazará limpo e esgotados os camiadores durante o ano.

Art. 8º. O colono prestará serviços na Fazenda a quatro mil, réis por dia a secco.

Art. 9º. O colono pagará três mil réis por viagem do carro na Fazenda, não se permite a entrada de carro de fora na Fazenda para suas condições, sem licença do proprietário.

³⁰² FALEIROS. Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.23-24. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

³⁰³ Ação Sumária. 1º Ofício Cível, caixa 242, estante 41, processo 0104. AHMF.

Art. 10°. Não poderá fazer fogo no meio do cafezal nem no camiador. Não se permitirão dentro dos terrenos da fazenda.

Art. 11°. Não poderá sair fora da Fazenda, nem receber pessoas de fora, sem licença do proprietário.

Art. 12°. As falhas serão descontadas no fim do anno a quinhentos réis a cova.

Art. 13°. O colono não poderá retirar-se da Fazenda sem terminar o anno, isto depois de ter avisado o proprietário, antes de começar a colheita do café ao contrario pagará dusesentos mil réis p^a. poder se retirar.

Art. 14°. O pagamento será feito de treis em treis mezes e o ultimo no fim do anno que se verifica com a ultima capeira em outubro.

Art. 15°. O colono é obrigado a aceirar e a cercar o fogo em qualquer hora do dia ou da noite sem direito a reclamação.

Nem sempre os acordos entre colonos e fazendeiros eram executados a partir de contratos, ou esses mesmos contratos poderiam não ser garantia de recebimento e cumprimento do combinado. O colono José Cortez move contra Urbano de Almeida Seabra, proprietário da Fazenda Japão, uma ação sumária no ano de 1926 para a cobrança de salários não recebidos. Segundo o colono, ele havia sido contratado para o trato de dois mil cafeeiros por cem mil réis por trimestre e ainda a formação de dois mil cafeeiros, teria que entregá-los produzindo, tendo como remuneração as safras que o mesmo produzisse ao longo dos seis anos do contrato. No entanto, José Cortez reclamou a ausência de contrato por escrito e da caderneta do Patronato Agrícola e, por isso, deixou a fazenda. Ao comunicar ao proprietário da fazenda que não mais seria seu colono, o proprietário

apresentou-lhe o irrisorio saldo de 94\$100, descontando dos salários agrícolas do autor, ganhos com o maior sacrifício, debaixo de sól ardente e chuvas torrenciales, no trato de dois mil pés de café, a importância de 300\$000 a titulo de MULTA, por ter, segundo diz a caderneta, o autor faltado com o seu trato para o anno seguinte.³⁰⁴

A justificativa do proprietário da fazenda pelo “abandono” do colono se debruçava no caráter do colono. Este vivia em estado de embriaguez e desistiu do trato do cafezal após uma geada que destruiu vários pés que ele não quis replantar. Ademais, sua saída sem aviso prévio

³⁰⁴ Ação Sumária. 1º Ofício Cível, caixa 242, processo 0104. AHMF.

gerou prejuízos ao fazendeiro que teve de contratar “trabalhadores ambulantes” para o término do serviço.³⁰⁵

O Patronato Agrícola foi criado em 1911 a partir da lei nº 1299^a pelo Departamento Nacional do Trabalho com o intuito de diminuir atritos existentes entre colonos e fazendeiros, mais especificamente, auxiliar a execução das leis federais e estaduais no que concerne à defesa dos direitos dos operários agrícolas.³⁰⁶ Além disso, caberia ao Patronato Agrícola denunciar às autoridades possíveis crimes cometidos contra os trabalhadores, promover a assistência médica, o ensino primário e proteger os colonos dos recrutadores.³⁰⁷ Na prática, o Patronato Agrícola mostrou-se pouco eficaz. Com distância entre a sede em São Paulo e as fazendas, o fazendeiro poderia usar de testemunhas intimidadas e os próprios colonos achavam as demandas judiciais demoradas e quase sempre com resultados desfavoráveis. Em contrapartida, o Patronato considerava ilegal toda forma de reivindicação que recorresse a ele, “desviava os trabalhadores da sua única forma de luta praticável: impedir a saída do café até o pagamento dos salários”.³⁰⁸

O trabalho nas fazendas de cultivo de café foi desempenhado por grande parte dos imigrantes espanhóis se dedicaram no município de Franca, conforme pode ser observado no gráfico. A Fazenda Guaraciaba é uma das quais esses espanhóis se fixaram, merecendo destaque o imigrante José Utrera Cortez, vindo da Província de Almeria, sendo além de lavrador secretário do Centro Español de Socorros Mútuos. Na década de 1930 passou a administrar a referida fazenda, que também contava com uma escola mista, cuja professora era Elvira Paschoal.³⁰⁹

³⁰⁵ O processo foi enviado e julgado em Patrocínio do Saphucay.

³⁰⁶ BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Pioneira, 1977, p. 98.

³⁰⁷ TRENTA, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1989, p. 63.

³⁰⁸ Ibid, p. 64.

³⁰⁹ CUELLAR-LOPES, José M. de. **España en el Brasil: Franca, 1930**, p.79.



D. José Utrera Cortés

Foto 8 – José Utrera Cortés

Fonte: Cuellar Lopes, José M. de. España en el Brasil: Franca, 1930.

Acervo pessoal de João Pedro Garcia.



Foto 9 - Escola Mista da Fazenda Guaraciaba – Professora Elvira Paschoal e seus alunos.

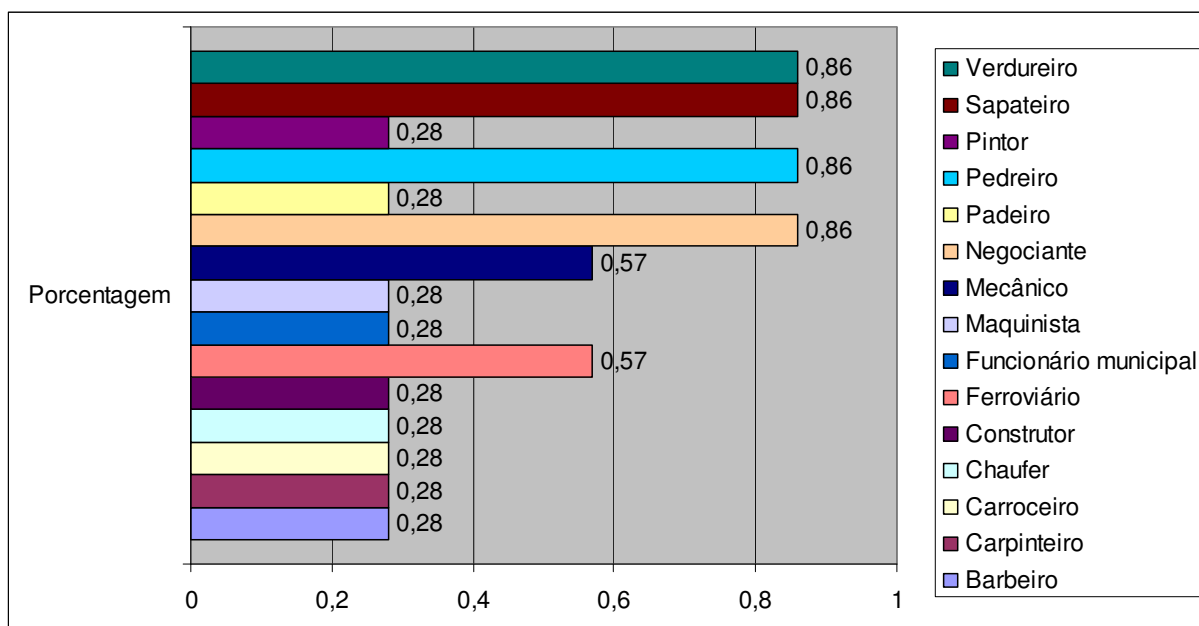
Fonte: Cuellar Lopes, José M. de. *Espanha en el Brasil*: Franca, 1930, p. 80.

Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

Mas, não era apenas o trabalho como colono nas lavouras cafeeiras que fazia parte das ocupações dos imigrantes espanhóis em Franca. Embora a maioria tenha se declarado como lavrador, muitos deles procuraram outras formas de obtenção de renda, possivelmente acreditando numa melhor remuneração ou pela diminuição do trabalho nas lavouras com o passar do tempo, coincidindo com uma chegada mais tardia, juntamente com a crescente urbanização da cidade. De acordo com o gráfico, os espanhóis também trabalharam, embora em índices mais baixos, como sapateiros, pedreiros, padeiros, ferroviário, entre outras. Muitos se dedicaram ao trabalho com horti-fruti-granjeiros³¹⁰, como o imigrante Francisco Martinez Galera que comercializava no Mercado Municipal as hortaliças que produzia por conta própria.

³¹⁰ FILHO, José Chiachiri. **Vila Franca dos Italianos**, p.25. In DONADELLI, Jorge Félix, *Vila Franca dos italianos*. Lions Clube Franca Centro. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2003.

Gráfico 16 – Outras profissões desempenhadas pelos imigrantes espanhóis em Franca-SP



Fonte: Registro Geral de Imigrantes (1940-50) - AHMF

Na cidade de São Paulo, por sua vez, os imigrantes espanhóis também se ocuparam de diversas profissões. Desses milhares de espanhóis, refluindo ou não do colonato, muitos acabaram se dirigindo para a cidade.³¹¹ As profissões desempenhadas mostram as formas encontradas para sobreviverem na cidade. Entre os homens destacam-se as ocupações de jornaleiros, vendedor de ferro velho, e as mulheres como domésticas e parteiras. Fundada na tradição do campo, declarar-se *jornalero*, categoria que passou a acomodar em espaço e tempos diferentes, evidencia “a complexa realidade dessas populações que por vezes tangenciava a miséria mais absoluta”. Mostra não apenas a instabilidade estrutural associada ao país de origem, “mas expressa a transposição histórica de seus determinantes essenciais para o país de destino e, nele, também para os núcleos urbanos”.³¹² A partir do Almanaque da Franca, publicado em diversos anos, nas décadas iniciais do século XX, percebe-se que os nomes de alguns imigrantes espanhóis aparecem relacionados a atividades urbanas. No Almanaque de 1902³¹³, no indicativo que se referia a restaurantes e botequins destacou-se os nomes de Manoel Roiz Gonçalves e

³¹¹ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.6.

³¹² Ibid. p.75.

³¹³ FRANCO, M. **Almanack da Franca para 1902**. AHMF.

Manoel Sanchez respectivamente. No ano de 1910, o Almanaque da Franca³¹⁴ mostrou Gabriel Sanchez e Miguel Barbeiro Lopes como negociantes de secos e molhados. Esses mesmos nomes se repetem no Almanaque de 1912³¹⁵, incluindo os nomes de Manoel Sanchez e Fernando Mercado. O Almanaque de 1943³¹⁶ mostrou que Gabriel Sanchez, Manoel Sanchez e Miguel Barbeiro Lopes ainda se mantinham ligados ao comércio de secos e molhados.

Segundo Klein, a trajetória ocupacional dos imigrantes espanhóis indica que eles se concentraram mais na

propriedade de terras rurais e em atividades comerciais nas cidades do interior e na capital. Portugueses – os mais urbanos dos imigrantes – e italianos parecem ter sido mais importantes na força de trabalho urbana e foram os italianos que mais rapidamente capturaram o controle do setor industrial.³¹⁷

Há que se considerar que as profissões desempenhadas pelos imigrantes espanhóis em Franca, da mesma forma, podem ter sofrido transformações. Ou seja, se inicialmente uma imigrante trabalhou na lavoura cafeeira, não significa que esse mesmo imigrante posteriormente não buscou novas formas de trabalho na cidade e vice-versa. O fato de a maioria de esses imigrantes terem se declarado “lavradores” pode não representar uma verdade absoluta, pois os dados são baseados em um documento oficial e justamente por isso poderia haver entre os imigrantes espanhóis um temor pela deportação caso a profissão não fosse necessariamente aquela priorizada pelo governo.

De qualquer forma, o imigrante espanhol, na maioria das vezes, teve seu trabalho estritamente relacionado à agricultura. Esse mesmo trabalho pode ter sido capaz, ou não, de gerar uma renda suficiente para que pudesse melhorar sua vida, não apenas comparada à vida que tinha na Espanha, mas também à vida que inicialmente se deparara no Brasil e no município de Franca. A possível formação de um pecúlio capaz de tornar o imigrante dono de uma pequena propriedade agrícola ou de uma casa de morada na cidade deve ser analisada atentamente, levando em consideração a realidade de trabalho nas lavouras, como foi explicitado no contrato de trabalho de José Cortez, e nas cidades, pois muitas vezes os espanhóis desempenharam profissões autônomas como vendedor de frutas e verduras, por exemplo.

³¹⁴ **Almanaque da Franca 1910.** AHMF.

³¹⁵ PALMA, Vital. **Almanaque da Franca 1912.** AHMF.

³¹⁶ NASCIMENTO, Higinio Andrade do. MOREIRA, Eufrausino. **Almanaque da Franca 1943.** AHMF.

³¹⁷ KLEIN, Herbert. **A imigração espanhola para no Brasil.** São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p. 77.

O acesso a um bem, adquirido ou não através do dinheiro conquistado com o trabalho na lavoura ou na cidade, pode representar uma certa melhoria nas condições de vida dos imigrantes espanhóis na cidade de Franca. No entanto, é importante levar em consideração não apenas os bens por eles adquiridos, como também a oscilação econômica que a cidade sofreu entre os anos de 1900 e 1955, como crise do café, Primeira e Segunda Guerra Mundial, além urbanização crescente e maiores oportunidades de trabalho na cidade. O período de chegada do imigrante na cidade também teve reflexos na forma como ele assumiu seu meio de sobrevivência na cidade, o trabalho, chegando ao início da consolidação da cafeicultura, obviamente as oportunidades de trabalho são maiores do que para aqueles que chegaram num período de superprodução, por exemplo.

De acordo com Martins, a imigração espanhola coincidiu com a expansão dos cafezais para o oeste novo, já a imigração italiana com a ocupação do oeste velho. Mesmo para os espanhóis que foram para o oeste velho as condições eram diferentes de quando chegaram os primeiros italianos, uma vez que a produção do café havia caído de 15 a 30% entre os anos de 1910 e 1928. Além disso, o preço do café declinou já no final do século XIX.³¹⁸ Desse modo, as oportunidades para os imigrantes espanhóis, e mesmo assim para poucos deles, “surgiram quando a crise destruiu a velha economia do café e com ela solapou a base das relações de trabalho do colonato”.³¹⁹

O controle dos recursos fundiários confere poder político. O acesso à terra pode imprimir uma “independência dos mercados e da economia monetária que não pode existir no meio urbano”; ou seja, se uma família tivesse onde plantar seus alimentos pouco importava os preços que os mesmos teriam no mercado. Porém, diante de um contrato de trabalho estabelecido entre o colono e o fazendeiro, este cedia temporariamente uma parte de terra àquele, mas ainda possuía o título de proprietário e o seu controle legal.³²⁰

Não interessava, inicialmente, à elite cafeeira a formação de pequenas propriedades que poderiam reter a mão-de-obra de colonos. O governo paulista, por sua vez, não desejaria a formação de lavradores independentes que não fosse para a lavoura de café. Para tanto, não houve a intenção de formação de colônias auto-suficientes durante os últimos anos da escravidão.

³¹⁸ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 22-23.

³¹⁹ Ibid, p. 25.

³²⁰ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 170.

Com o trabalho livre, a pequena propriedade foi vista como uma solução para o problema da mão-de-obra. Ademais, a pequena propriedade era a única forma de fazer com que a renda e a possível acumulação do imigrante não se evadissem para a sua pátria de origem, ou seja, o dinheiro do imigrante ficaria no Brasil se ele comprasse terras.³²¹

A pequena propriedade pode parecer contraditória quando se trata da propriedade de terras em um país marcado pelos grandes latifúndios. Mas, a pequena propriedade, no caso dos imigrantes, passa a ser vista como fonte de desenvolvimento econômico. De acordo com Petrone, a pequena propriedade devia ocupar os espaços vazios e promover a valorização fundiária, dando condições para o surgimento de uma camada social intermediária, que fosse ao mesmo tempo força de trabalho e mercado consumidor, ou seja, o país tinha de se adequar ao capitalismo industrial, projetando na pequena propriedade e no trabalho do imigrante a solução para todos os problemas sociais e econômicos do país.³²² O que demonstra o racionalismo econômico que fazia parte da mentalidade latifundiária e o interesse da elite cafeicultora diante da abundância de terras e da mobilidade da força de trabalho de uma fazenda para a outra.³²³

A aquisição de terras por parte dos imigrantes dava-se pela compra de terras que já não eram tão produtivas e, por sua vez, tão rentáveis. Se a formação de um pecúlio não era tão simples, a compra de terras seria facilitada se seus preços fossem mais baixos. Muitos fazendeiros desmembraram suas terras nas zonas antigas antes que estas se desvalorizassem ainda mais. Assim,

para o trabalhador imigrante, este processo facilitava a aquisição de um sítio. Quando um fazendeiro desmembrava suas terras, vendia primeiro as que não eram de café, e depois as áreas que já tendo sido plantadas com café, podiam agora ser usadas para a lavoura de subsistência, cana-de-açúcar, algodão e outros produtos, aproveitando os nutrientes que os pés de café não haviam drenado do solo.³²⁴

Não havia a intenção por parte da elite cafeicultora de monopolizar as terras, uma vez que existiam terras boas para serem exploradas, mas sim o intuito de manter os imigrantes próximos

³²¹ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 186-189.

³²² PETRONE, Maria Thereza Shorer. **O imigrante e a pequena propriedade 1824-1930**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. P.

³²³ HOLLOWAY, op cit, p. 194.

³²⁴ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 192-193.

das grandes propriedades e impedindo a perenidade da mão-de-obra.³²⁵ Petrone afirma que os colonos conseguiram com seu trabalho tornar a área segura e a integraram economicamente da forma como os interesses fundiários e capitalistas esperavam, sendo esse o principal objetivo em toda a história fundiária do país. Para isso era interessante estabelecer o imigrante perto das áreas de escoamento de suas produções.³²⁶

Surgiu, então, nessas “áreas de colonização com imigrantes, com maior ou menor intensidade, dependendo do momento histórico, uma incipiente indústria ligada à transformação de produtos dos colonos”. Surgiram atividades industriais que visavam atender primeiro os habitantes da colônia e também os vizinhos, capaz de essas zonas de colonização desenvolver setores administrativos, comerciais, bancários e educativos, favorecendo não só a produção agrícola, mas também a industrial.³²⁷ Os comerciantes locais, que também poderiam ser imigrantes, compravam a colheita dos colonos e concomitantemente vendia a eles seus produtos, como sementes, sal e roupas.

Mas, a possibilidade desses imigrantes pouparem a ponto de possuir uma propriedade mesmo que pequena dependia de diversos fatores. Grande parte dos imigrantes que se destinaram ao Estado de São Paulo tinha níveis econômicos mais baixos, se comparados aos que foram para o Novo Mundo. Trabalhavam duro, consumiam pouco e tinham uma grande frugalidade. E, o mais importante, é que dependiam da cooperação familiar, uma vez que a produção e colheita dependiam da quantidade de pessoas trabalhando, e das cláusulas do contrato que permitiriam ou não a lavoura de subsistência que poderia gerar uma economia pessoal.³²⁸

Os imigrantes espanhóis fixados na cidade de Franca não encontraram situações distintas daquelas que vivenciaram os demais imigrantes estabelecidos por todo o Estado de São Paulo. O trabalho na lavoura, em grande parte, e no meio urbano nem sempre foram capazes de concretizar uma das principais motivações para a emigração: a conquista de um pedaço de terra que possibilitaria melhores condições de vida em relação às que viviam na Espanha. Como já foi abordado, os imigrantes espanhóis chegaram à cidade tardiamente se comparados aos italianos,

³²⁵ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 209.

³²⁶ PETRONE, Maria Thereza Shorer. **O imigrante e a pequena propriedade 1824-1930**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 32.

³²⁷ Ibid, p.66-67.

³²⁸ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.213-215.

que chegaram nos fins do século XIX e início do XX, enquanto que aqueles chegaram nas décadas iniciais do século XX.

Segundo Naques, o período entre os anos de 1898 e 1905 foi marcado pela retração na cafeicultura, o que gerou inúmeras dívidas entre os fazendeiros, fazendo com que as grandes propriedades fossem fragmentadas.³²⁹ Ocorreu um decréscimo no tamanho médio das propriedades, “de 159 alqueires em 1905 para 110 em 1920 e, depois, de 65 alqueires em 1934 para 56 em 1940”, em porcentagem, o maior fracionamento acontecia em propriedades de 100 a 250 alqueires e o crescimento nas propriedades de 25 a 50 alqueires e de 50 a 100 alqueires.³³⁰

Sendo assim,

foi no período que vai de 1906 a 1915 que imigrantes, principalmente de origem espanhola e italiana, credores de dívidas para com os velhos cafeicultores, dotados de alguma economia e famílias numerosas, tiveram acesso à propriedade de terras de dimensões não muito elevadas. Começaram, então, a aparecer os sitiantes e pequenos fazendeiros de origem estrangeira. [...] O produto, contudo, não deixara de ser a base da economia local: já em 1915, em virtude da mudança na estrutura fundiária, era possível verificar o aumento do número de cafeeiros.³³¹

Naques, por sua vez, afirma que a crise na cafeicultura mudou as formas de remuneração do trabalho do colono, que antes poderiam ser vistas com o pagamento por pés de café formado em “mil réis”, passou a não ser mais monetarizado e o pagamento recaiu sobre a produção do café dividida entre colono e fazendeiro, ou seja, o pagamento passou a ser a própria produção de café.³³² Percebe-se, desse modo, que a crise teve como consequência não apenas a fragmentação das propriedades, mas também a mudanças nas relações de trabalho estabelecidas na lavoura cafeeira. As possibilidades de acumulação no colonato eram reduzidíssimas, foi a partir da crise, momento em que os fazendeiros, “para sustentar seus negócios, abriram mão de uma parcela do mercado em prol dos colonos, e a partir dessa atuação os colonos tornaram-se proprietários”.³³³

³²⁹ FALEIROS. Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.13. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

³³⁰ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-calçadista (1860-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p. 137.

³³¹ *Ibid*, p.131.

³³² FALEIROS. Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.14. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

³³³ *Ibid*, p.15.

Os imigrantes espanhóis chegaram à cidade de Franca, principalmente, entre os anos de 1910 e 1920, e de acordo com o que foi visto, num período de retração do café e consequente fragmentação de grandes propriedade em consequência de dívidas por parte dos fazendeiros. O que se pode supor com isso é que as chances de acumulação desses imigrantes tornaram-se menores diante desse período de crise. Essa chegada tardia pode ter contribuído para que as oportunidades de trabalho fossem mais restritas. Em contrapartida o possível acesso às terras poderia ter sido possibilitado diante dessa crise e da consequente fragmentação de propriedades, uma vez que a desvalorização das terras e o pagamento ao trabalho do colono com parcelas de terras, podem ter sido o real fator de acesso a elas.

Aqueles imigrantes que chegaram num período posterior a 1906 e firmaram contrato como colonos, não aparecem posteriormente como contratadores de colonos,³³⁴ ou seja, esses imigrantes se tornaram proprietários, foram de pequenas propriedades, cujo trabalho era familiar e não exigia mais “braços” trabalhando. Assim,

mesmo não operando em condições ideais, eles reuniram valores suficientes para comprar pequenas partes de terras, previamente desvalorizadas e/ou esperavam o final do contrato onde provavelmente os débitos do fazendeiro seriam acertados com pequenas partes de terras.³³⁵

No entanto, quando se trata de imigrantes espanhóis, as peculiaridades dessa imigração devem ser levadas em consideração. Por se tratar de uma imigração tardia, muitas vezes, as oportunidades podem não ter sido as mesmas. Consequentemente, isso pode refletir de maneira direta na capacidade de acesso ao mercado cafeeiro e, principalmente, no acesso à terra enquanto proprietários. Isso não quer dizer que esses imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca não tenham tido a oportunidade de possuir uma pequena parcela de terra, mas que se comparada a outra etnia, como os italianos por exemplo, podem não ter tido tantas oportunidades de acumulação com o trabalho na lavoura cafeeira.

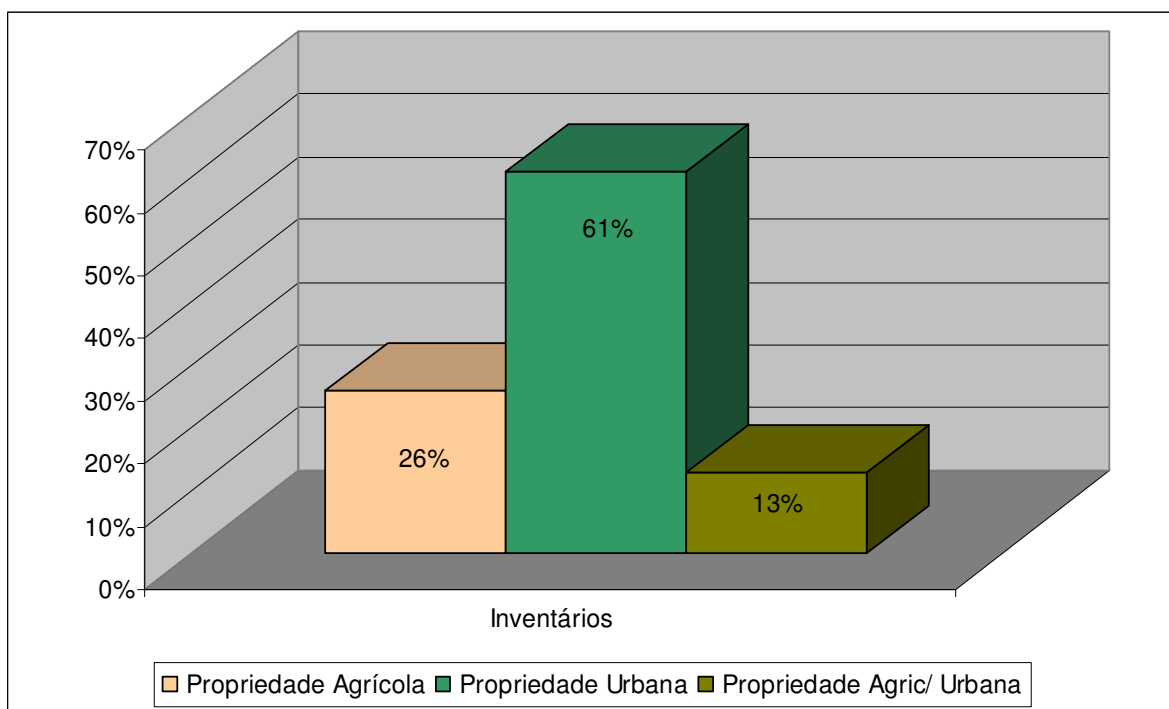
A partir da análise dos inventários de imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca, podemos delinear a inserção econômica e aferir em que medida essa mesma inserção ocorreu. De acordo com o gráfico 16 mais de 60% dos imigrantes espanhóis possuíam bens urbanos,

³³⁴ FALEIROS. Rogério Naques **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.21. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

³³⁵ Ibid, p. 17.

caracterizados por “casa de morada”, 26% bens agrícolas, como sítios e chácaras e apenas 13% possuíam bens agrícolas e bens urbanos.

Gráfico 17 – Inventários de Imigrantes Espanhóis – Franca (1910 – 1955)



Fonte: Inventários – 1º e 2º Ofício Cíveis (1921-1955). AHMF.

Nos inventários que os imigrantes possuíam bens urbanos, esses consistem basicamente de casas de morada, cujos laudos de avaliação usam as expressões “pequena” e “em mau estado” para relatar e avaliar os bens deixados pelo inventariado. Muitas dessas casas se localizavam no “Distrito da Estação”. O surgimento do “Bairro da Estação” está relacionado à instalação da estação ferroviária de Franca nessa região, sendo ela que deu origem a essa nova área urbana. O bairro nasceu a partir de um anúncio de sua construção, a partir das oportunidades geradas pela ferrovia, o mais importante meio de transporte da época.³³⁶ As oportunidades proporcionadas pela ferrovia associadas à expansão da cafeicultura fizeram com que o “Bairro da Estação” se

³³⁶ FOLLIS, Fransérgio. **Estação: o bairro-centro**. Franca: Prefeitura Municipal de Franca: Fundação Municipal “Mário de Andrade”, 1998, p. 51.

tornasse um atrativo, não apenas para a população local, mas também para os imigrantes que, decepcionados com o trabalho na lavoura, aos poucos trocaram o campo pela cidade.³³⁷

Carmem Tercero Fuentes, em 1945, pediu na justiça o direito de venda de uma casa de morada deixada pelo seu marido João Donato Carrasco, pelo fato da casa de adobe encontrar-se em estado de ruína progressiva e sem possuir meios para reformá-la só lhe restava vendê-la.³³⁸ No inventário dos bens deixados por Joana Rodrigues Culim³³⁹, em 1946, o inventariante Francisco Fernandes Sanches declarou como bem deixado pela esposa “uma pequena casa de morada, paredes de taboas, tijolos e pau a pique”. No entanto, o bem foi adjudicado em favor de Ângelo Presoto em garantia de uma dívida hipotecária. Havia também a compra de imóveis, em conjunto, entre os imigrantes. O arrolamento dos bens deixados por Maria Martins Egea em 1941 demonstra tal questão. De acordo com seu marido, José Carrion Riquena, eles possuíam em comum com Antonio Granero Garcia uma casa de morada na cidade de Catanduva, comprada de Pedro Bortoli.³⁴⁰

A partir desses exemplos podemos perceber que, apesar de o imigrante ter um bem declarado em inventário, nem sempre isso significava prosperidade. O trabalho na lavoura, muitas vezes, não possibilitou a formação de um pecúlio suficiente para que pudessem ter uma “ascensão” social. Além disso, os trabalhos por eles desempenhados na cidade, na maioria das vezes, não estavam estritamente relacionadas com atividades ligadas ao comércio e à indústria, mas sim atividades autônomas, como pedreiro, carroceiro e pintor.

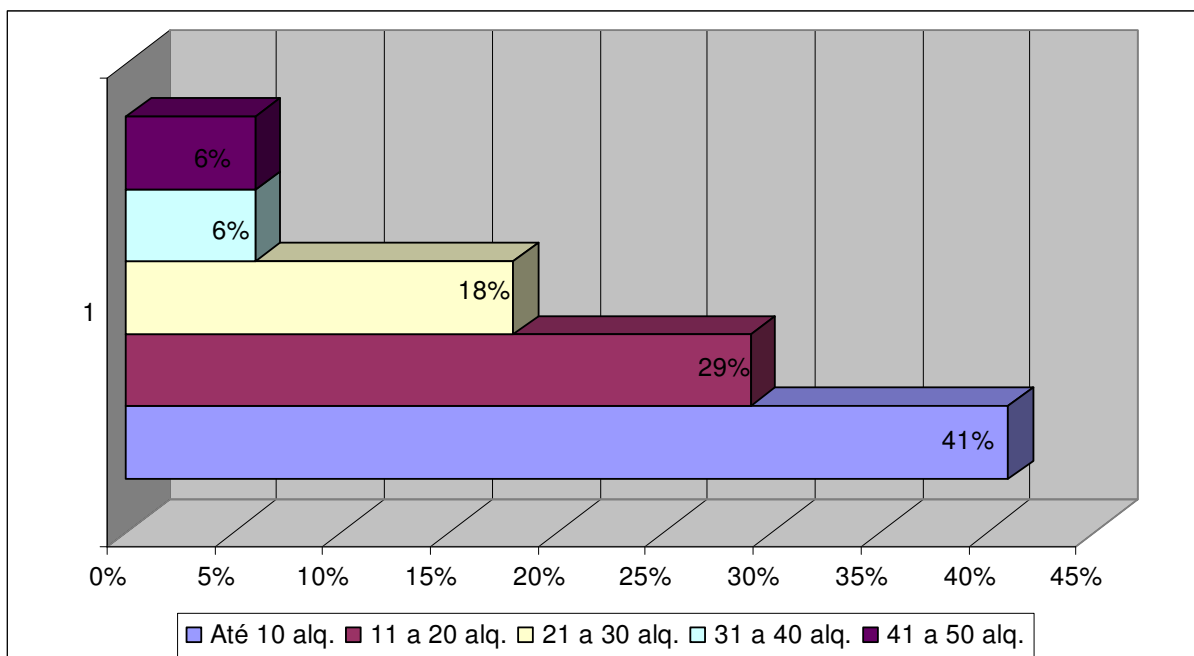
³³⁷ FOLLIS, Fransérgio. **Estação: o bairro-centro**. Franca: Prefeitura Municipal de Franca: Fundação Municipal “Mário de Andrade”, 1998, p. 79.

³³⁸ Licença de venda, 2º Ofício Cível, caixa 103, maço 78, processo 1985. AHMF.

³³⁹ Inventário. 1º Ofício Cível, caixa 117, processo 77. AHMF.

³⁴⁰ Inventário, 2º Ofício Cível, caixa 100, maço 76, processo 1928. AHMF.

Gráfico 18 - Tamanho das Propriedades Agrícolas pertencentes a imigrantes espanhóis. Franca-SP.



Fonte: Inventários (1910-1955). 1º e 2º Ofícios. AHMF.

Entre os inventários em que os inventariantes declaram que o de cujos possuía propriedades agrícolas, cerca de 26%, de acordo com o gráfico 16, caracterizaram-se como pequenas propriedades, de 5 a 20 alqueires. Conforme o gráfico 17, mais de 40% dos imigrantes possuíam propriedades com até 10 alqueires e apenas 6% deles possuíam propriedades com mais de 40 alqueires. Do total de inventários em que os bens eram agrícolas, 50% deles eram em conjunto com outros imigrantes espanhóis. O inventário de Manoel Cortez Garcia, por sua vez, exemplifica a questão das propriedades serem divididas entre os imigrantes. De acordo com esse documento, de 1946, o imóvel possuía 14 alqueires, sendo que o inventariado tinha

dois terços de partes de terras localizadas no sítio denominado 'Cabiceira do Bom Jardim, sito no Distrito da Estação, deste município e comarca de Franca, adquiridas pelo de cujos em condomínio com Antonio Molina Cortez, que possui um terço das terras e das benfeitorias.³⁴¹

³⁴¹ Inventário, 1º Ofício Cível, caixa 0195, processo 0086. AHMF.

O imigrante Antonio Martins Rubio deixou aos seus herdeiros uma parte de terras de 24 alqueires, no sítio denominado “Córrego da Onça”, no Distrito de Franca, mas a propriedade era em comum com João Manoel Simões, marido de Cecília Martins Alonso, portanto genro de Antonio Martins Rubio, e seus filhos. A propriedade contava com seis mil pés de café em mau estado e de produção insignificante, uma casa de morada em ruínas, um pequeno paiol de madeira, uma pequena casa coberta de telhas, tendo o imóvel sido avaliado em cinco contos e cento e trinta mil réis.³⁴² Como o bem possuído pelo imigrante era em conjunto com João Manoel Simões, aquele era proprietário de metade do sítio, cuja parte tinha como valor a quantia de dois contos quinhentos e sessenta e cinco mil réis.

O sítio denominado “Rangel dos Arrepellidos” também era dividido entre imigrantes espanhóis. Pedro Bernabé Dias, Pedro Berdu Garcia e Ramon Cortez eram proprietários desse mesmo sítio. De acordo com o inventário de Pedro Bernabé Dias, de 1929, a propriedade constava de

dois mil pés de cafeeiros produzindo, com a safra pendente e seu respectivo terreno, pela quantia de Seis Contos e Quatrocentos Mil Réis; mil duzentos e setenta e cinco mil covas de café seis mezes, e seu respectivo terreno, por Um Conto e Duzentos Mil Réis; um alqueire de terras, mais ou menos, cultura de segunda, por Quinhentos Mil Réis; meio alqueire mais ou menos de terras de cerrado de segunda, por Quatrocentos Mil Réis; uma casa de morada, construída de adobos, coberta de telhas e respectivo paiol, em terrenos de Antonio Berdu Garcia, por Tresentos Mil Réis. Que os bens acham-se situados no lugar denominado Rangel dos Arrepellidos, em comum com Ramon Cortez e Antonio Berdu Garcia.³⁴³

O Inventário de Antonio Berdu Garcia, de 1938, mostra que esse imigrante possuía a maior propriedade, se comparada com as demais encontradas nos inventários. Enquanto essas pequenas propriedades tinham até 20 alqueires e, muitas vezes, em comum com outros imigrantes, Antonio Berdu Garcia possuía uma propriedade de 55 alqueires, sendo essa a mesma propriedade citada anteriormente, o sítio “Rangel dos Arrepellidos”, lugar onde Ramon Cortez e Pedro Bernabé Dias possuíram benfeitorias. Na propriedade, havia 33.000 pés de café e ainda fazia parte do inventário um caminhão Chevrolet em regular estado de conservação e uma casa de

³⁴² Inventário, 1º Ofício Cível, caixa 0039, processo 0039. AHMF.

³⁴³ Inventário, 1º Ofício Cível, caixa 0237, maçô P, processo 00030. AHMF.

morada na Avenida Rio Branco. Todos os bens do espólio de Antonio Berdu Garcia somavam sessenta contos e novecentos mil réis, divididos entre nove herdeiros.³⁴⁴

Outro imigrante que também possuiu uma propriedade maior foi Antonio Garcia Cortez. De acordo com seu inventário de 1934, o mesmo possuía um sítio denominado “Bom Jardim”, de 45 alqueires, com 25 mil pés de café, quatro casas de colono, uma tulha para café. Além disso, havia um terreno na Rua General Telles, com uma construção de dois cômodos, sendo um como armazém e outro havendo uma máquina de beneficiar café, contendo ainda no terreno um barracão para guardar café. Os bens foram avaliados em oitenta e um contos de réis. Mesmo tendo sido um produtor de café isso não impediu que estivesse sujeito às crises econômicas do país e da cafeicultura mais especificamente. Sendo assim, sob esse imóvel agrícola pesava uma hipoteca de trinta contos de réis. Além disso, o espólio também era devedor de

a) João Martos, por uma letra vencida, de Rs 13:200\$000, b) a Da Isabel Berrueço Lyryis, como inventariante do espólio de Baltazar Garcia Sotto, por uma letra de Rs 3:500\$000, saldo; c) A José Ramos, por um documento particular de Rs 12:100\$000, inclusive juros com vencimento para 6 de fevereiro p. futuro; d) a Francisco Navarro, por um documento de Rs 2:900\$000, vencido; e) Luis Guerra, por uma letra vencida, de Rs 1:000\$000, f) A. M. Pinto & cia, por uma duplicata vencida, de 1:888\$000; g) Ao herdeiro Antonio Garcia Alonso, Rs. 1:400\$000; h) A Miguel Garcia Alonso, herdeiro, Rs 1:500\$000; i) Ao herdeiro Pedro Garcia Alonso, Rs. 5:000\$000; j) A Estevam Zarca, Rs. 1:000\$000; k) A José Botelho, Rs. 1:000\$000; l) A Américo Caraviéri, Rs. 126\$000; m) A Nicolau Garcia Cortes, Rs. 208\$000; n) A Antonio Lopes, Rs. 2:000\$000; o) Á pharmacia C. Castro, Rs. 174\$000.³⁴⁵

O que se percebe diante da análise dos inventários, além dos bens, é que havia entre os imigrantes espanhóis uma certa união e solidariedade. As propriedades em conjunto, ou seja, divididas entre os membros de uma mesma família ou entre amigos, como José Carrion Riquena que possuía uma casa de morada em conjunto com Antonio Granero Garcia, conforme já foi citado. Ainda, podemos notar que havia o empréstimo de dinheiro entre esses imigrantes, os nomes dos credores de Antonio Garcia Cortez são de espanhóis. Grande parte das propriedades pertencentes aos imigrantes espanhóis era pequena e consequentemente com trabalho familiar, que podem ter sido adquiridas como pagamento de dívidas junto aos cafeicultores. No inventário

³⁴⁴ Inventário, 1º Ofício Cível, caixa 0039, processo 0157. AHMF.

³⁴⁵ Inventario, 1º Ofício Cível, caixa 0800, processo 67. AHMF.

de Manoel Rubio Coral é possível perceber tal questão. O inventariado possuía um sítio de cinco alqueires com três mil e quinhentos pés de café e benfeitorias.³⁴⁶

Dentre os inventários em que foram declarados bens urbanos e rurais, representando 13% de acordo com o gráfico 16, esses se referem a casas de morada e pequenas propriedades agrícolas. Poucos foram os imigrantes que possuíram casas de morada e pequenos sítios e chácaras. O imigrante Manoel Gomes Redondo, de Granada, é um exemplo. Em seu inventário de 1941, Maria do Carmo Sanches Gomes, sua esposa, declarou como bens do inventariante uma casa de morada na Rua General Teles e um sítio de 10 alqueires na cabeceira do Bom Jardim, distrito da Estação, com casa de morada e 4.500 pés de café em mau estado.³⁴⁷

Um dos imigrantes espanhóis que teve grande destaque junto à comunidade local foi Antonio Torres Penedo. Esse espanhol nascido a 27 de Junho de 1881, veio para o Brasil com apenas dez anos de idade. Residindo na cidade de Franca, “exerceu várias atividades, inclusive mantendo por muitos anos grande estabelecimento comercial no Distrito da Estação, criando em torno de seu nome uma aura de conceito e honradez”.³⁴⁸ Era casado com a italiana Cecília Magnani Torres.

O estabelecimento comercial a que se faz referência é a “Casa Torres”, um armazém de secos e molhados, onde se compravam e vendiam cereais, localizado à Rua Frei Germano, nº 19, na “Estação”. O Bairro da Estação foi marcado pelas casas comerciais, muitas delas pertencentes a imigrantes estrangeiros, o que “fez com que o bairro se transformasse num grande centro comercial, que, mais tarde, entrou em concorrência com o secular comércio instalado no Centro”.³⁴⁹ Ao longo da década de 1920, pelo que foi anunciado nos periódicos locais, Antonio Torres Penedo dedicou-se ao seu estabelecimento, vindo, depois de vendê-lo, a dedicar-se à agricultura.

³⁴⁶ Inventário, 2º Ofício Cível, caixa 0318, processo 2094. AHMF.

³⁴⁷ Inventário, 1º Ofício Cível, caixa 0800, processo 025. AHMF.

³⁴⁸ Nota do Jornal Comércio da Franca em homenagem a aniversário de 80 anos de Antonio Torres Penedo. Junho de 1961.

³⁴⁹ FOLLIS, Fransérgio. **Estação: o bairro-centro**. Franca: Prefeitura Municipal de Franca: Fundação Municipal “Mário de Andrade”, 1998, p.54.



Foto 10-Antonio Torres Penedo
Fonte: Jornal Comércio da Franca.

CASA TORRES
DE
Antonio Torres Penedo
ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS
DEPOSITO DE SAL, FARINHA DE TRIGO, KEROZENE, LOUÇAS,
FERRAGENS, GENEROS DO PAIZ E ESTRANGEIROS
Compra e vende qualquer quantidade de cereaes
Vendas por atacado e a varejo e por preços modicos
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
Agente e depositario da «LUZITANIA»
Grande fabrica de telhas typó «MARSELHA», de Gambahú
— a melhor telha da actua- —
lidade pela sua consistencia e justificação
Praça da Republica, 9 ↔ Caixa Postal, 118
Telephone, 88 Rua Dr. Jorge Tibiriçá, 1
Deposito e armazem — RUA FREI GERMANO, 19
FRANCA -- -- E. DE S. PAULO

Fonte: Jornal Comércio da Franca, 12 de Janeiro de 1924.

Filho do agricultor espanhol, José Maria Casas Sábio Garcia, e de Ana de Mello, Miguel Sábio de Mello destacou-se na cidade de Franca não apenas pela representatividade cultural e social através do Hespânia F.C., mas também na economia e na indústria calçadista de Franca. Miguel Sábio de Mello trabalhou até os seus dezoito anos na Fazenda Santa Maria em Minas Gerais, quando em 1922 veio para Franca e passou a trabalhar como aprendiz na oficina do sapateiro Horácio Lima. Em 1926, abriu sua própria oficina com a ajuda de um oficial sapateiro e dois aprendizes.³⁵⁰

Em 1929 fundou a “Calçados Mello”, juntamente com seu irmão Antonio Lopes de Mello, com capital de vinte contos de réis, capital esse que não seria suficiente para a compra de maquinários. Em 1934, o capital já havia passado para cem contos de réis e a fábrica já operava com quarenta e oito funcionários. Em 1935, Miguel Sábio de Mello se afastou da sociedade com o irmão e abriu a fábrica “Calçados Edith” com capital de vinte contos, futura Samello, comprou maquinários e aprende neles a trabalhar e passou a os operar.³⁵¹

De origem humilde, esse filho de imigrante espanhol conseguiu conquistar espaços de destaque na economia e na sociedade local. No entanto, algumas ressalvas devem ser feitas sobre essa referida “ascensão” social, levando em consideração o período de desenvolvimento econômico e industrial ao qual passavam a cidade de Franca, como as condições de acesso à matéria-prima, principalmente quando o transporte rodoviário passou a predominar sob o ferroviário, a cidade incorporou à sua produção coureira as matérias-primas de Minas Gerais.³⁵²

A premissa de que as grandes indústrias teriam advindo do acúmulo obtido pelos grandes cafeicultores parece não fazer sentido nesse caso. Ao mesmo tempo pensar na formação de um pecúlio no trabalho na lavoura também não parece ser possível diante das condições de trabalho que os colonos enfrentavam e por Miguel Sábio de Mello não ter dedicado tanto tempo de sua vida a esse trabalho. O fato de ele ter sido um aprendiz e também operário pode ter contribuído para que tivesse

conhecido e experimentado as condições necessárias para a montagem de suas próprias empresas, que, muitas vezes dependiam de um pequeno capital inicial. Quando fizeram isso, a conjuntura, os ajudava, na medida em que um mercado

³⁵⁰ BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista**. Disponível em

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao06/materia03>. Acessado em 15 /01 /2010.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-calçadista (1860-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p. 232.

extremamente comprador assimilava produtos nem sempre confeccionados com os melhores procedimentos, com as mais adequadas matérias-primas ou com os melhores maquinários.³⁵³

Desse modo, ao contrário das afirmações de Martins, segundo as quais os espanhóis não se destacaram tanto no comércio e na indústria, pois esse era um território livre que foi ocupado predominantemente pelo imigrante italiano.³⁵⁴ Klein, por sua vez, possui a mesma premissa. Segundo ele, em relação aos espanhóis “parece que, em contraste com seu razoável sucesso na agricultura, os espanhóis não se deram tão bem nos negócios, comércio e indústria, em especial se comparados com italianos e portugueses”.³⁵⁵ Por serem os menos urbanos entre os grupos de imigrantes europeus, Klein afirma que eles preferiram centros urbanos secundários à capital do Estado de São Paulo. No entanto, percebemos que os imigrantes espanhóis fixados em Franca tiveram atividades profissionais diversificadas. Mesmo que tenham se declarado em grande parte como “lavradores” isso não impediu que houvesse outras formas de trabalho e de remuneração.

Em sua grande maioria, aqueles imigrantes que se arriscaram no comércio buscaram investir em empresas de bens de consumo direto, como roupas, alimentos e calçados, por exemplo, “que se amoldavam às necessidades mais imediatas de um nascente mercado consumidor, funcionavam com tecnologia simples e para cuja instituição não necessitavam de grandes investimentos iniciais”. Além disso, o contexto histórico mundial, como as Guerras Mundiais, podem ter contribuído para que abrissem ou ampliassem negócios já existentes, pois as importações diminuía.³⁵⁶

³⁵³ TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-calçadista (1860-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002, p.231.

³⁵⁴ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 9.

³⁵⁵ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola para no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p.74.

³⁵⁶ CANOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007, p.231.



Foto 11 - Miguel Sábio de Mello
Fonte: Acervo Indústria Samello S.A.



Foto 12- Fábrica de calçados.
Fonte: Acervo Indústria Samello S.A.

O ato de emigrar tinha para esses espanhóis a possibilidade de uma nova forma de vida que pudesse gerar condições melhores em comparação àquelas vividas na Espanha. *Fazer a América* permeava todo o imaginário daqueles que deixaram o seu país de origem e se depararam com situações diferentes daquelas que imaginavam. O trabalho não seria tão simples e as possibilidades de acumulação nem sempre foram possíveis de gerar uma ascensão social. Os espanhóis chegaram ao país para substituir o imigrante italiano, conseqüentemente não se depararam com as mesmas oportunidades que eles.

As oportunidades para os imigrantes espanhóis, e mesmo assim para uma pequena parcela deles, surgiu “quando a crise destruiu a velha economia do café e com ela solapou a base das relações de trabalho do colonato”.³⁵⁷ Aqueles que adquiriram propriedades agrícolas, estas se caracterizaram por serem propriedades pequenas, sítios menores com produção para subsistência e mercado local, “do tipo que uma família de ex-colonos, com algumas economias, seria capaz de adquirir”.³⁵⁸ Às vezes, esses imigrantes se juntavam e com seus recursos compravam uma propriedade. Como foi visto, isso ocorreu também na cidade de Franca, conforme os inventários desses imigrantes espanhóis demonstrou. Isso indica que até mesmo quando se tratava de questões econômicas esses espanhóis se mantiveram unidos.

As oportunidades de acumulação com o trabalho na lavoura mostraram-se pequenas, uma vez que, enquanto colono, o imigrante desempenhava funções que não tinham remuneração, além da comercialização de alimentos de subsistência e do café deveriam ter como prioridade de vendas o próprio dono da fazenda. A crise na cafeicultura e o conseqüente desmembramento de grandes propriedades podem ter contribuído para o acesso dos imigrantes espanhóis às pequenas propriedades de terra, recebidas como forma de pagamento ou compradas a baixos valores. Porém, é importante perceber e levar em consideração que esse acesso a elas nem sempre pode ser associado a uma certa acumulação de riquezas que levou a uma ascensão social.

Obviamente, alguns imigrantes se destacaram, como Antonio Torres Penedo com seu armazém de secos e molhados, Miguel Sábio de Mello com sua fábrica de calçados e Antonio Berdu Garcia, como produtor de café. Mas, conforme já foi ressaltado, a abertura de um negócio não exigia o investimento de grandes capitais. O que pode ter diferenciado esses imigrantes dos

³⁵⁷ MARTINS, José de Souza. . **A imigração espanhola e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 25.

³⁵⁸ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 227.

demais, além de uma possível acumulação anterior à emigração, pode ter sido diferenças culturais que permitiram a esses imigrantes maiores conhecimentos sobre negócios, serem alfabetizados, ou terem se dedicado a outras profissões que não agrárias.

De acordo com as profissões desempenhadas por esses imigrantes, percebemos que grande parte deles declarou-se “lavrador”, de acordo com os Registros Gerais de Imigrantes. Porém, minoritariamente, existiram imigrantes que se dedicaram a outras profissões, principalmente autônomas e ligadas ao meio urbano, provavelmente buscando fontes de renda alternativa. Ademais, tratando-se de um documento oficial, muitos imigrantes, temerosos de uma possível deportação, podem ter se declarado lavradores para poderem permanecer no país. As possibilidades de acumulação de capital, através dessas profissões, tanto urbanas quanto agrárias, mostraram-se pequenas, uma vez que os contratos como colonos não eram tão vantajosos para os imigrantes quanto esses poderiam supor e as profissões urbanas também, na maioria das vezes, não eram sinônimos de grandes oportunidades de enriquecimento. É importante explicitar, também, que a partir da pesquisa dos nomes nos Registros de Imigrantes poucos inventários foram encontrados, o que pode significar que grande parte desses imigrantes não possuía bens.

Para Klein, as oportunidades de acumulação a partir dos contratos de trabalho foram constantes entre os espanhóis³⁵⁹. Martins, por sua vez, afirma que por terem chegado tardiamente, se comparados aos italianos, encontraram menores oportunidades de enriquecimento e consequente ascensão social. Segundo ele, os espanhóis que eram proprietários tinham em média propriedades de 21,5 alqueires, metade da média das propriedades dos brasileiros.³⁶⁰ Na cidade de Franca, conforme foi mostrado, grande parte dos imigrantes espanhóis que possuíam propriedade agrícolas, estas eram ainda menores, constando até 10 alqueires.

Mesmo pequenas, em sua maioria, essas propriedades podem ter sido adquiridas como forma de pagamento por serviços prestados a fazendeiros ou compradas a preços baixos por terem se desvalorizado no mercado num período de crise na cafeicultura. À medida que a sociedade agrária cresceu de tamanho e complexidade, do período da Abolição da Escravatura até a Grande Depressão, “os fazendeiros paulistas foram suplementados, mais do que substituídos,

³⁵⁹ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola para no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994, p. 66.

³⁶⁰ MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, nº 121, 1994, p. 25.

pela entrada de imigrantes nos níveis mais baixos do grupo de proprietários de terras. Apenas uns poucos empresários rurais de origem imigrante se juntaram à elite nativa de fazendeiros”.³⁶¹

Há que se considerar que os fazendeiros nativos, que adotaram o sistema de colonato e o trabalho imigrante não apenas no período de transição para a mão-de-obra livre, mas também no sequente desenvolvimento da lavoura cafeeira, não perderam sua hegemonia política e se mantiveram como o mais importante grupo econômico do país. Mas, a crise de 1929 gerou a transformação da sociedade agrária da maneira que poucos esperavam, sendo que o elemento dessa transformação foi o imigrante que veio para trabalhar e conquistou para si um lugar como proprietário de terras.³⁶² Se esse aceso à propriedade de terra for visto como mobilidade social, esta era uma mobilidade estrutural e não de troca, uma vez que não houve uma destruição revolucionária da ordem vigente, mas sim uma agregação.³⁶³

Além disso, havia a ideologia de que a pequena propriedade poderia solucionar diversos problemas, não apenas aqueles estritamente relacionados aos imigrantes, como fixação ao solo e diminuição da possibilidade de envio de remessas ao país de origem se esses imigrantes retornassem, bem como a possibilidade de ocupação de espaços vazios, da valorização fundiária, formando uma camada intermediária capaz de produzir e consumir concomitantemente. Assim, o trabalho foi a forma capaz de absorver o trabalhador livre e levá-lo a alcançar a condição de pequeno proprietário independente, pois essa condição sustentaria o capitalismo de dois modos: “impedindo o acesso à propriedade da terra pelo trabalhador por outro caminho que não fosse a poupança que eventualmente pudesse fazer, vendendo a sua força de trabalho à grande lavoura; estimulando a compressão do consumo de mercadorias, reduzindo-o a um caráter praticamente rebartivo”³⁶⁴

Quanto a sua forma de remuneração, que estaria estritamente relacionada com o seu possível poder de aquisição, essa remuneração, que aparentemente poderia ser considerada como um salário, na realidade tinha em suas bases uma contradição: o colono não era um meeiro, pois não participava dos lucros com o fazendeiro e não era assalariado porque não vendia sua força de

³⁶¹ HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 247.

³⁶² Ibid, p. 248.

³⁶³ Ibid, p. 248.

³⁶⁴ MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1973, p. 202.

trabalho por uma quantia estabelecida pelas leis do mercado.³⁶⁵ Recebendo mensal, bimestral ou trimestralmente, os adiantamentos para as necessidades imediatas, o pagamento mesmo só seria feito no final do ano agrícola, após a venda dos produtos do trabalho. Dessa forma, o colono não possuía “o trabalho objetivado e então não pode vendê-lo, mas é pago com base nele; não vende a sua força de trabalho como mercadoria mas aparentemente vende uma mercadoria na qual seu trabalho é objetivado”.³⁶⁶

Sendo assim, tanto as formas de remuneração quanto de acesso à terra demonstram que todo o processo de inserção do imigrante como mão-de-obra nas lavouras cafeeiras não era tão vantajoso como se poderia pensar um europeu ao deixar seu país de origem em busca de melhores condições sociais e econômicas. A realidade se diferiu daquela almejada por muitos que partiram para terras estranhas. Os imigrantes espanhóis estabelecidos em Franca dedicaram, em sua maioria, aos trabalhos agrícolas; daqueles que conseguiram adquirir bens, grande parte possuía casa de morada e entre os que tinham bens agrícolas, essas se caracterizaram por propriedades pequenas, com trabalho familiar. Poucos imigrantes se destacaram junto à comunidade local enquanto possuidores de riqueza e capazes de atuar com influência na elite local. Os propósitos da imigração, ou seja, a substituição da mão-de-obra escrava por um grupo que ao mesmo tempo fosse capaz de integrar ao mercado consumidor, cumpriram-se. O imigrante se inseriu muito mais como força de trabalho do que como possuidor de riqueza conquistada e capaz de gerar status social.

³⁶⁵ VANGELISTA, Chiara. **Os Braços da Lavoura: imigrantes e paulistas na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p. 171.

³⁶⁶ Ibid, p. 171.

Considerações Finais

A imigração espanhola se caracteriza como uma imigração tardia, uma vez que chegaram ao país em um período posterior ao dos imigrantes italianos, período esse considerado de menores oportunidades, tendo em vista que as relações de trabalho já tinham se modificado se comparadas às do início da imigração européia em massa. Esse grupo étnico possui especificidades que devem ser levadas em consideração, de modo que não se tenha como perfil do imigrante europeu, apenas o imigrante italiano. Os espanhóis são vistos como os imigrantes que mais se inseriram na cultura brasileira, sendo difícil separar suas ações e experiências daquelas dos brasileiros.³⁶⁷ É também considerado o grupo mais disperso, em consequência das diferenças regionais que existiam na Espanha e persistiram também no Brasil.

No entanto, conforme foi demonstrado ao longo do trabalho, não houve uma inserção fácil e rápida, capaz de ter como consequência uma aculturação. Várias são as teses de autores que se atêm à imigração européia para o Brasil a respeito dessa “invisibilidade” dos imigrantes espanhóis na cultura brasileira. De acordo com Gallego³⁶⁸, a emigração era vista pelas autoridades espanholas, de um modo geral, como um ato de “covardia”. Essa posição fez com que a postura dos consulados em relação ao bem-estar do imigrante espanhol fosse branda. Havia também o temor de que unidos, em associações, por exemplo, esses imigrantes pudessem reivindicar melhores condições de vida. Isso teria feito com que a colônia espanhola se desagregasse, pois não estariam ligados às autoridades espanholas e nem mesmo entre si.

Antonacci³⁶⁹, por sua vez, afirma que muitos estudos sobre a imigração priorizam fontes oficiais, o que leva a uma invisibilidade dos imigrantes espanhóis em suas expressões culturais e também na militância política. Ademais, a imagem distorcida dos espanhóis, em consequência das profissões por eles desempenhadas, é mais um fator contribuinte à sua invisibilidade. Outro ponto importante é tratado por Cánovas.³⁷⁰ Segundo a autora os espanhóis

³⁶⁷ KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994.

³⁶⁸ GALLEGO, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

³⁶⁹ ANTONACCI, Maria A. Martinez. MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação**. Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995.

³⁷⁰ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana –(1890-1922)**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007.

não se integraram completamente à cultura brasileira, pois havia entre eles o eterno desejo de retorno ao país de origem e justamente por isso a maioria nunca se naturalizou e não foi reconhecida como cidadãos brasileiros. Convém destacar, também, que além das diferenças regionais, havia ainda as diferenças políticas, acentuadas com a Guerra Civil Espanhola. Esses fatores, de acordo com Souza³⁷¹, teriam contribuído para a dispersão dos espanhóis em território brasileiro.

A imigração espanhola para Franca possui muitas das especificidades que esse mesmo grupo étnico possui em outras regiões brasileiras, como a cidade de São Paulo, por exemplo. Conforme foi abordado é uma imigração tardia, uma vez que os espanhóis chegaram à cidade em um período de declínio da imigração italiana. Vieram principalmente da Província de Andaluzia, região castigada por pragas que atingiram as plantações de uva e que também sofria com a falta de terras e com o crescimento demográfico. É uma população basicamente agrária, formada, em grande parte, por lavradores, conforme foi visto.

As expressões culturais dos imigrantes espanhóis se concretizaram através do Centro Español de Socorros Mútuos e do Hespanha F.C.. Diversos bailes e comemorações feitas por essas duas associações étnicas remetiam à cultura espanhola e eram voltadas principalmente para a colônia espanhola. Os eventos que eram abertos à comunidade local, principalmente os do Centro Español de Socorros Mútuos, deixavam a cargo da diretoria decidir quem participaria ou não. O Hespanha F.C. se integrou mais à comunidade local que o Centro Español, uma vez que esse tinha além do caráter mutualista, o caráter étnico mais arraigado aos seus propósitos. Houve uma maior inserção da agremiação esportiva, provavelmente mais econômica que cultural, pois mesmo estando mais aberta à comunidade, as suas festas quase sempre remetiam à cultura espanhola.

Com o trabalho na lavoura cafeeira esses imigrantes espanhóis passaram a participar da economia local. Obviamente a sua inserção na economia diz respeito à força de trabalho, enquanto mão-de-obra substituta da mão-de-obra escrava. A sua inserção como proprietário, deu-se, a partir de pequenas propriedades com trabalho familiar; ou seja, a sua inserção na economia nem sempre correspondeu aos anseios de ascensão social que motivaram muitos a emigrar. São poucos os exemplos de imigrantes espanhóis que conseguiram conquistar um lugar de destaque

³⁷¹ SOUZA, Ismara Izepe. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

junto à comunidade local. A inserção desse grupo étnico se deu mais através da força de trabalho do que da ascensão social.

O fato de os espanhóis não terem deixado traços distintos na cultura brasileira não significa que eles se inseriram fácil e rapidamente nela. Esses imigrantes apenas mantiveram em solo brasileiro as diferenças regionais existentes na Espanha, onde não existia um ideal de nacionalidade suficientemente forte que pudesse ter se mantido. Atrelada às diferenças regionais estão ainda as diferenças políticas agudizadas pela Guerra Civil Espanhola que contribuiu ainda mais para a fragmentação e dispersão desse grupo. A mudança na grafia dos nomes para o português, talvez para passar despercebido pelas autoridades brasileiras, pode não ter tanta representatividade diante da endogamia predominante e das manifestações culturais representadas nas associações étnicas. Em meio a todos esses fatores, havia ainda a pressão de Getúlio Vargas sobre essas mesmas associações que poderiam se transformar em quistos raciais.

Diversos fatores, dentre os expostos, levam a crer que esse grupo étnico, pelo menos na primeira geração, se manteve fechado. As festas, os vínculos matrimoniais, os bens em conjunto, são demonstrações da união que existia entre os imigrantes espanhóis. A sua inserção não ocorreu tão facilmente como se afirma ao tentar justificar a “invisibilidade” desses espanhóis não apenas na cultura nacional, mas também na cidade de Franca. O que ocorre na realidade é uma “inserção às avessas”. Os imigrantes espanhóis estabelecidos na cidade se inseriram como força de trabalho capaz de gerar enriquecimento aos grandes cafeicultores e à cidade como um todo, pois nem todos os imigrantes se dedicaram à lavoura, dedicando-se também a profissões urbanas, principalmente autônomas. Mesmo que tenham adquirido pequenas propriedades agrícolas, a participação na economia nem sempre adquiriu feições de grande produtor rural. Ao mesmo tempo, eles mantiveram seus vínculos culturais com o país de origem através da fundação de associações étnicas e festas voltadas para a temática da cultura espanhola. Seus vínculos também se concretizaram a partir dos casamentos dentro da colônia, pois a forte endogamia é mais um fator que corrobora para a constatação de que não houve uma fácil inserção.

Sendo assim, não convém pensar em uma total integração dos imigrantes espanhóis com a cultura e a comunidade local, pelo menos na sua primeira geração. Aos poucos, novos hábitos vão sendo adquiridos pelas gerações que sucedem esses imigrantes e outros vão sendo ressignificados, o que não acontece apenas com os espanhóis, mas também com os demais grupos de europeus estabelecidos na cidade. Alguns deles se destacaram mais, porém não se deve

esquecer que os outros também tiveram sua importância e a seu modo demonstraram sua cultura e, em alguns momentos, também se inseriram na comunidade local.

Fontes

Almanaques da Franca - AHMF

Espanha en el Brasil: Franca, CUELLAR-LOPES, José M. de. Acervo pessoal de João Pedro Garcia.

Inventários – 1º e 2º Ofícios Cíveis - AHMF

Jornal Comércio da Franca -MHMF

Jornal Tribuna da Franca - AHMF

Registros Gerais de Imigrantes - AHMF

Bibliografia

AGUIAR, Cláudio. **Os espanhóis no Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ALVIM, Zuleika M. F.. **Brava Gente: os italianos em São Paulo (1870-1920)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ANTONACCI, Maria A. Martinez; MACIEL, Laura Antunes. **Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação**. Revista Projeto História, São Paulo, Outubro de 1995.

ARGOLLO, André. **Arquitetura do café**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

AZEVEDO, Veruschka de Sales. Aspectos da “Belle Époque” e da produção cultural na cidade de Franca, In DOIN, José Evaldo de Mello. PEREIRA, Robson Mendonça.(orgs). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**.Franca: UNESP-FHDSS – CEMUC, 2005.

_____. **Entre a tela e a platéia: theatros e cinemathographos na Franca da belle époque (1890 – 1930)** Dissertação de Mestrado – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2001

BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista**. Disponível em <http://www.historica.arquivooestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao06/materia03>. Acessado em 15 /01 /2010.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **A família na fazenda de café: tamanho e força de trabalho**. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V04A17.pdf>. Acessado em 5/02/2010.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Família e imigração internacional no Brasil do passado**. Estudos de História v.2 n.2, Franca: UNESP, 1999.

_____. **São Paulo do passado: dados demográficos**. Campinas, NEPO, UNICAMP, 1998.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. 2ª edição, São Paulo: Pioneira, 1977.

BELLOTTO, Manoel e MARCONDES, Neide (orgs.) **Turbulência cultural em cenários de transição: o século XIX ibero-americano**. São Paulo: EDUSP, 2005.

BENTIVOGLIO, Julio César. **Trajetória urbana de Franca: Centro (1805-1995)**. Franca: Prefeitura Municipal: Fundação “Mário de Andrade”, 1996.

BERNAL, Antonio M., La emigración de Andalucía. In. SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. **Espanhóis hacia América: la emigración en masa, 1880-1930**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988.

BUADES, Josep M., **Os espanhóis**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população do estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. São Paulo: FIPE, 1981.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Hambre de tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880- 1930**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005.

_____. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007.

CHIACHIRI FILHO, José. **Do sertão do Rio Pardo à vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

_____. **Vila Franca do Imperador: subsídios para a história de uma cidade**. Franca: O aviso de Franca, 1967.

_____. **Do sertão do Rio Pardo à vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

_____. Tutti buona gente. In DONADELLI, Jorge Félix, **Vila Franca dos italianos**. Lions Clube Franca Centro. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2003.

CORBACHO, Antón Quintela. **Os periódicos dos imigrantes espanhóis**. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2002, São Paulo. Disponível em www.scielo.br. Acessado em 20 de maio de 2008.

COSTA, Iraci Del Nero da. **Apontamentos para demografia histórica no Brasil**. São Paulo: IPE/USP, 1989.

COSTA, Iraci Del Nero da; MOTTA, José Flavio. **Demografia Histórica: da semente à colheita**. Revista de Estudos Populacionais, Brasília, 1997.

CUNHA, Fabiana Lopes da, **Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

DAVID, Célia Maria. **Criação e interpretação musicais em Franca – Palco e Platéia (1872-1964)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

D'ÁVILA, Rosemeire Pereira. **Lembranças da Imigração: cenas e cenários da vida dos imigrantes espanhóis em Bauru**. Bauru: EDUSC, Editora da Universidade do sagrado Coração, 2004.

DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

DOIN, José Evaldo de Mello. PEREIRA, Robson Mendonça.(orgs). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**.Franca: UNESP- FHDSS – CEMUC, 2005.

DOMINGUEZ, Juliana Arantes. **A imigração espanhola para São Paulo no pós-segunda guerra: registros da hospedaria dos imigrantes**. Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia do IFCH – UNICAMP, 2004.

DONADELLI, Jorge Félix, **Vila Franca dos italianos**. Lions Clube Franca Centro. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2003.

FAGEN, Patrícia W. **Transterrados y ciudadanos**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1975.

FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do café – Franca – 1880-1920**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2002

_____. **Homens do café: relações de trabalho em Franca-SP**. P.21. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_70.pdf, p. 9. Acessado em 13/01/2010.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 1984.

FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **Imigração e Política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995.

_____. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.

FREITAS, Sônia Maria de. **E chegam os imigrantes... O café e a imigração em São Paulo**. São Paulo: Editora Chevalier, 1999.

FOLLIS, Fransérgio. **Estação: o bairro-centro**. Franca: Prefeitura Municipal de Franca: Fundação Municipal “Mário de Andrade”, 1998.

_____. **Modernização Urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

GALLEGO, Avelina Martinez. **Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade**. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo : Xamã, 1996.

GONÇALVES, Paulo Cesar. **Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração européia para o Novo Mundo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2008.

GUIMARÃES, Silvana Goulart. **Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo: o DIP e o DEIP**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Michael e VERONA MARTINEZ, Alier. **Greves de colonos na primeira república** - Segundo seminário de relações de trabalho e movimentos sociais. São Paulo, Cedec, mimeo, 1979.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JÚNIOR, Plínio Carnier. **Imigrantes: viagem, trabalho, integração**. São Paulo: FTD, 2000.

KLEIN, Herbert S. **Imigração espanhola no Brasil**. Série imigração. São Paulo: Sumaré, FAPESP, 1994.

_____. Migração Internacional na História das Américas, In **Fazer a América**, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Vozes, São Paulo, 1976.

LEVY, Maria Stella Ferreira. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972)**, Revista de Saúde Pública, São Paulo, 2009.

MACHADO, Cacilda da Silva. **A família e o impacto da imigração (Curitiba 1854-1991)**, Revista Brasileira de História, São Paulo, v.17, n.34, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

_____. **Espanhóis na formação e simbolização da identidade brasileira**. Madri: Fundação Cultural Hispano – brasileira, 2006.

_____. **Imigração Espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. Revista de História, São Paulo, n.121, p. 5-26, Agosto-Dezembro, 1989.

_____. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARTÍNEZ, Elda E. Gonzalez. O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis. In **Fazer a América**, Org. Boris Fausto, São Paulo: EDUSP, 1999.

MOTTA, José Flávio. **Demografia Histórica: da semente à colheita**. Brasília: Revista de Estudos de População Brasileira, v.14, n. 1-2, p.151-158, Janeiro/Dezembro de 1997.

NADALIN, Sergio O. **A Origem dos Noivos nos Registros de Casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba - 1870-1960**. Curitiba: Depto. de História, UFPR, Dissertação de Mestrado, 1974.

NETTO, Antonio Jordão. BOSCO, Santa Helena. **O imigrante espanhol em São Paulo**. Departamento de Imigração e Colonização. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. São Paulo, 1963.

OLIVEIRA, Lélío Luiz de. **Heranças Guardadas e Transições Ponderadas: História Econômica do Interior Paulista-1890-1920**. Franca: UNESP-FHDSS; FACEF, 2006.

PETRONE, Maria Thereza Shorer. **O imigrante e a pequena propriedade-1824-1930**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

RIBEIRO, Marina Cardoso dos Santos, **Imigração e expulsão: mecanismos para a seleção de estrangeiros no Brasil**. Seminários, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SALLUM Jr, Brasília. **Capitalismo e cafeicultura: oeste paulista (1888-1930)**. Tese de doutorado em Sociologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1980.

SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. **Espanhóis hacia América: la emigración em masa, 1880-1930**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1988.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade e cultura**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

_____. **Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999,

SILVA, Marcos A. da. **República em Migalhas: história regional e local**. ANPUH, Editora Marco Zero, São Paulo, 1990.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa - Omega, 1976.

SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis: História e Engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

_____. **República espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001.

_____. **Solidariedade Internacional: comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)**, São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005

TOSI, Pedro Geraldo. **Cultura do café e cultura dos homens em Franca: a influência da ferrovia para a sua urbanização**. Estudos de História, Franca, v.5, n.2, p. 113-148.

_____. **Capitais no Interior: Franca e a História da Indústria Coureiro-Calçadista (1860-1945)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1989.